

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA**

ISAAC LOPES GARCIA DE MELO

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO DO
HABITACIONAL PILAR, BAIRRO DO RECIFE, RECIFE - PE**

RECIFE

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ISAAC LOPES GARCIA DE MELO

**PROCESSO DE FORMAÇÃO DO REGISTRO ARQUEOLÓGICO DO
HABITACIONAL PILAR, BAIRRO DO RECIFE, RECIFE - PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Ana Catarina Peregrino
Torres Ramos

RECIFE

2016

ATA DA OCTOGÉSIMA SEGUNDA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, NO DIA 15 DE FEVEREIRO DE 2016.

Aos 15 (quinze) dias do mês de Fevereiro de dois mil e dezesseis (2016), às 14h, no 10º Andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, em sessão pública, teve início a defesa da Dissertação intitulada "Processo de Formação do Registro Arqueológico do Habitacional Pilar: Recife-PE" do aluno **Isaac Lopes Garcia de Melo**, na área de concentração Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural no Nordeste, sob a orientação da Profª Ana Catarina Peregrino Torres Ramos. O mestrando cumpriu todos os demais requisitos regimentais para a obtenção do grau de MESTRE em Arqueologia. A Banca Examinadora foi indicada pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em 06/01/2016, na sua reunião ordinária e homologada pela Diretoria de Pós-Graduação, através do Processo Nº 23076.000507/2016-51 em 13/01/2016 composta pelos Professores: CARLOS CELESTINO RIOS E SOUZA, do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); NEUVÂNIA CURTY GHETTI, do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e MARCOS ANTÔNIO GOMES DE MATTOS DE ALBUQUERQUE do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Após cumpridas as formalidades, o candidato foi convidado a discorrer sobre o conteúdo da Dissertação. Concluída a explanação, o candidato foi argüido pela Banca Examinadora que, em seguida, reuniu-se para deliberar e conceder ao mesmo a menção "**Aprovado**" da referida Dissertação. E, para constar, a Secretária de Pós-Graduação lavrou a presente Ata que vai por ela assinada e pelos membros da Banca Examinadora.

Recife, 15 de Fevereiro de 2016.

Luciane Costa Borba de Albuquerque Carvalho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Carlos Celestino Rios e Souza

Profª Neuvânia Curty Ghetti

Prof. Marcos Antônio Gomes de Mattos de

Albuquerque

*A Alcione Lopes, principal contribuidora para realizaçã
deste trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Acredito que este trabalho só foi escrito porque tive sorte. Cursar uma universidade pública é um privilégio dado a poucos. Em meus anos na UFPE tive a oportunidade de conhecer pessoas que tiveram real dificuldade em continuar seus cursos, devido a motivos principalmente familiares e financeiros. Tive sorte de nascer em uma família que pôde dar todo o apoio para que eu pudesse continuar este caminho. É por esta razão que venho primeiramente agradecer minha mãe, Alcione, por possibilitar tudo o que fiz em minha vida até então.

Sou muito grato a Professora Ana Catarina por sua contribuição em minha vida profissional. Veio dela minha primeira oportunidade profissional, já no sítio que vem a ser o objeto de estudo deste trabalho, contribuindo muito para meu amadurecimento como arqueólogo e mesmo como pessoa. Nesse primeiro trabalho conheci pessoas maravilhosas que, além das boas conversas informais, colaboraram, cada um à sua maneira, para a elaboração desse trabalho. Muito obrigado Manuela, Ilca, Antônio, Lúcio, Rose e Meyk.

Aos que me auxiliaram na análise das louças para esse trabalho também presto meus imensos agradecimentos: Endi, João Paulo e Rosângela (a essa um duplo muito obrigado, pois também trabalhou comigo no Pilar).

Agradeço à equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE pelas conversas e discussões sobre os mais variados assuntos dentro de arqueologia. Sou especialmente grato ao Prof. Marcos Albuquerque e a Prof. Veleda, para mim exemplos de pesquisadores a serem seguidos, pelas suas contribuições a esse trabalho. Meus sinceros agradecimentos também a Nôra, Silvia, Milena, Rúbia, Darlene, Taciana e André.

Nesse período em que passei na UFPE fiz grandes amizades, que foram reforçadas durante a convivência no mestrado. Yuri, Ilana, Rebeca, Cássia, Andréia, Jouldes, todos esses fizeram desse período imensamente mais prazeroso.

Por fim venho a agradecer a CAPES por me contemplar com uma bolsa de estudos, aos Professores Carlos Rios e Neuvânia Guetti pela presença em minha banca de avaliação, e a todos os professores e funcionários do Departamento de Arqueologia da UFPE.

O viajante que chega ao Recife por mar, ou de trem, não é recebido por uma cidade escancarada à sua admiração, à espera dos primeiros olhos gulosos de pitoresco ou de côr. Nenhum pôrto de mar do Brasil se oferece menos ao turista. Com o recato quase mourisco do Recife, cidade acanhada, escondendo-se por trás dos coqueiros; e angulosa, as igrejas magras, os sobrados estreitos, [...].

A nenhum, porém, a cidade se entrega imediatamente: seu melhor encanto consiste mesmo em deixar-se conquistar aos poucos. É uma cidade que prefere namorados sentimentais a admiradores imediatos.

Gilberto Freyre - O Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife.

RESUMO

O Bairro do Recife, ao longo de sua existência, passou por várias transformações. As alterações acontecidas na paisagem do Bairro modificaram constantemente o registro arqueológico ao longo dos séculos, chegando a causar dificuldades nas interpretações obtidas através da sua análise. Assim sendo, a partir do estudo das transformações do Bairro do Recife, dos relatórios finais de pesquisas arqueológicas realizadas na área e dos fragmentos de louças coletados durante o acompanhamento arqueológico do Habitacional do Pilar ali localizado, buscou-se informações quanto as transformações desse registro arqueológico e as limitações que podem trazer ao arqueólogo.

Palavras-chave:

Arqueologia urbana. Formação do registro arqueológico. Evolução Urbana. Bairro do Recife.

ABSTRACT

The Bairro do Recife, throughout its existence, has undergone several transformations. The changes taken place in the local landscape constantly changed the archaeological record over the centuries, coming to cause difficulties in the interpretation obtained through its analysis. Thus, from the study of the transformations of Bairro do Recife, the final reports of archaeological research carried out in the area and pottery fragments collected during archaeological research of Habitacional do Pilar located there, we sought information about the changes that archaeological record and limitations that can bring the archaeologist.

Keywords:

Urban Archaeology; Formation of the archaeological record; Urban Evolucion; Bairro do Recife

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Área de abrangência das obras do Habitacional do Pilar.....	17
Figura 2 – Frequência de tipos de louça encontrados nas camadas da casa em estudo, da Quadra 55, do Habitacional Pilar	19
Figura 3 - Modelo esquemático de formação de restinga.....	36
Figura 4 - Vegetação herbácea e arbustiva esparsa (aberta) sobre campo de dunas	36
Figura 5 – Pormenor do documento holandês de 1630 denominado “ <i>DE STADT OLINDA DE PHARNAMBUCO, VEROVERT BY DEN E, GENERAEL HENDRICK C. LONCK</i> ”	38
Figura 6 – “Perspectiva de Pernambuco como se mostra olhado do Mar desta villa até A Barretta”	38
Figura 7 – Pormenor de imagem do documento holandês de 1630 chamado “ <i>DE STADT OLINDA DE PHARNAMBUCO, VEROVERT BY DEN E, GENERAEL HENDRICK C. LONCK</i> ”	40
Figura 8 – “ <i>TRECIFF de PERNAMBVCO</i> ” por Johannes Laet, 1644.....	42
Figura 9 - Representação da área do Bairro do Recife nos anos de 1648	43
Figura 10- Rede de abastecimento de água no ano de 1848	47
Figura 11 - Rede de abastecimento d’água sobreposta ao mapa do Bairro do Recife de 1906.....	47
Figura 12 - Rede coletora esgotos do Bairro do Recife no ano de 1873 sobreposta a planta do Bairro do ano de 1906	48
Figura 13 - Bairro do Recife antes das demolições	49
Figura 14 - Bairro do Recife no ano de 1911 durante as demolições das obras do Novo Recife.	50
Figura 15 - Largo do Corpo Santo durante as demolições ocorridas na implantação do Projeto Novo Recife.....	50
Figura 16 - Mapa do Plano de Revitalização do Bairro do Recife, 1993	51
Figura 17 - Evolução urbana do Bairro do Recife.....	53
Figura 18 – Porção sul do Bairro do Recife	55

Figura 19 -Perspectiva de perfil estratigráfico de uma das tricheiras abertas durante o empreendimento	56
Figura 20 - Exemplo de interferência atual na estratigrafia da área.....	57
Figura 21 - Parte da base de um antigo armazém.....	58
Figura 22 - Planta da escavação realizada para identificação de estruturas próximas ao local do antigo Arco da Conceição	59
Figura 23 - Estrutura identificada durante as escavações.....	60
Figura 24 - Mapa do Recife, baseado em planta de 1906. As áreas em lilás representam os locais que foram aterrados por lixo ao longo dos anos.....	61
Figura 25 - Sucessivas camadas inseridas para assentamento do revestimento da rua	62
Figura 26 – Porção “dentro de portas” do Bairro do Recife, século XVIII.....	63
Figura 27 - Planta da escavação	65
Figura 28 - Perfil estratigráfico leste da quadrícula U/V 18 do Lamarão	66
Figura 29 - Evolução do Convento dos Oratorianos	67
Figura 30 - Área de atuação do projeto, representado pelo pontilhado vermelho.....	69
Figura 31 - Exemplo da estratigrafia encontrada durante os trabalhos desenvolvidos	70
Figura 32 - Perfil estratigráfico 32-32 registrado durante o acompanhamento.....	73
Figura 33 - Planta das escavações realizadas, com as estruturas localizadas plotadas	73
Figura 34 - Perfil estratigráfico 21-22	74
Figura 35 - Planta situação da Praça Tiradentes.....	75
Figura 36 - Um dos perfis estratigráficos registrados durante a pesquisa.....	75
Figura 37 -Mapa da escavação	78
Figura 38 - Plantas do Bairro do Recife nos anos de 1680 e 1740.....	80
Figura 39 - Quadra 55 nos anos de 2009 (esquerda), antes da pesquisa arqueológicas realizadas na área; e em 2015 (direita), após o término da pesquisa.....	81
Figura 40 - Plantas do Bairro do Recife dos anos de 1808, 1856 e 1906.....	81
Figura 41 -Área da Quadra 40 antes do início das obras do Habitacional Pilar.....	82

Figura 42 - Trecho da quadra 40 onde foram realizadas as primeiras intervenções com as estruturas arqueológicas (EA's) encontradas	86
Figura 43 - Estratigrafia da vala do anel do silo 01	87
Figura 44 - Vista geral do conjunto de estruturas encontradas durante as escavações para implantação dos blocos de pilares 12, 13 e 14 da Quadra 40.....	88
Figura 45 – Estruturas encontradas durante as escavações da área chamada “Bloco C”	89
Figura 46 - Peças por camada estratigráfica.....	90
Figura 47 - Frequência de fragmentos por camada estratigráfica	90
Figura 48 - Planta da escavação realizada na Quadra 55	92
Figura 59 - Perfil estratigráfico norte da Casa 03.....	93
Figura 50 – Perfil estratigráfico norte do interior da casa 01	93
Figura 51 - Frequência dos materiais encontrados nos níveis arqueológicos da Quadra 55 ...	94
Figura 52 - Porcentagem de fragmentos por tipo de material.	95
Figura 53 - Frequência de Tipos de Louça Encontradas nas Camadas da Casa 3.....	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Classificação integrada segundo Peloggia (1999).....	26
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 - PROCESSOS PÓS-DEPOISICIONAIS EM ARQUEOLOGIA: TRABALHANDO COM TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO	22
1.1 O homem como agente geológico: antropossolos e depósitos tecnogênicos.....	23
1.1.1 Caracterização geral dos depósitos tecnogênicos.....	25
1.1.2 Antropossolos.....	27
1. 2 Tranformações humanas no registro arqueológico: A importância do impacto antrópico em sítios arqueológicos.....	28
1.2.1 Processos de modificação registro arqueológico.....	30
2 - A EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO DO RECIFE.....	33
2.1 Algumas considerações sobre o Bairro do Recife como sítio arqueológico.....	33
2.2 A região do Bairro do Recife antes de sua ocupação histórica: uma breve caracterização de seu ambiente original	34
2.3 Ocupação original: o Povoado dos Arrecifes	37
2.4 Ocupação holandesa (1630-1654)	40
2.5 A Volta do Domínio Português	44
2.6 As Reformas do Porto no Século XIX.....	45
2.7 Reformas do Século XX	49
3- O REGISTRO ARQUEOLÓGICO DO BAIRRO DO RECIFE – PESQUISAS REALIZADAS E O REGISTRO ENCONTRADO.....	54

3.1 – Pesquisas Arqueológicas desenvolvidas no Polo Alfândega/Madre de Deus	54
3.1.1 Projeto do Cais da Alfândega.....	55
3.1.2 – Pesquisas arqueológicas desenvolvidas na antiga Região do Forte do Matos/Lamarão.....	62
3.1.3 – Pesquisas desenvolvidas na área do atual Shopping Paço Alfândega.....	66
3.2 Obras desenvolvidas no Polo Arrecifes	71
3.2.1 Acompanhamento Arqueológico das Obras de Manutenção da Galeria de Drenagem Pluvial da Área Próxima ao Marco Zero	71
3.2.2 Acompanhamento Arqueológico das Obras de Drenagem da Praça Tiradentes.	74
3.3 Pesquisas Desenvolvidas no Polo Bom Jesus.....	76
3.3.1 Pesquisas Arqueológicas na Sinagoga Kahal Zur Israel	76
3.3.2 Pesquisas Arqueológicas no Baluarte Porta da Terra.....	77
4 – O REGISTRO ARQUEOLÓGICO DO HABITACIONAL PILAR	79
4.1 Um breve histórico da área do Habitacional Pilar	79
4.2 A análise das louças	83
4.3 Quadra 40: o contexto da área e resultados obtidos através da análise das louças...	85
4.3.1 Um panorama do contexto arqueológico da Quadra 40	86
4.3.2 Análise das louças e resultados encontrados	90
4.4 Quadra 55: o contexto da área e resultados obtidos através da análise das louças...	91
4.4.1 Um panorama do contexto arqueológico da Quadra 55	91
4.4.2 Análise das louças e resultados encontrados	94

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS 97

REFERÊNCIAS 101

INTRODUÇÃO

A arqueologia urbana é marcada por contextos muitas vezes transformados por longas ocupações, muitas vezes existentes até os dias atuais. Entender esses contextos é um desafio aos arqueólogos, que precisam mergulhar na história local em busca dos eventos que transformaram o espaço e que ajudaram a formar o registro arqueológico hodierno. O estudo desses processos, além de mostrar-se relevante na interpretação de contextos arqueológicos, é importante na criação de uma expectativa do estado em que se deverá encontrar o registro arqueológico das áreas estudadas.

Essas transformações, mais do que interferências no registro arqueológico preservado, são agentes que ajudam a formar o contexto com que o arqueólogo se depara em suas escavações. Em arqueologia urbana, não somente o material que é encontrado entre os estratos sedimentares são obras humanas, mas todo o contexto que foi formado, mesmo que involuntariamente, pela ação do homem. Essas transformações culturais (livre adaptação do termo *c-transforms* criado por Schiffer, 1996) não devem ser vistas apenas como interferências ou perturbações no contexto, devem ser observadas, também, como resultado da ação humana e passível a interpretações.

O Bairro do Recife tem a ocupação histórica mais antiga da cidade do Recife. Uma ocupação marcada por várias mudanças na paisagem e em suas dimensões. A primeira dessas, uma vila de pescadores e de indivíduos que viviam em função do porto iniciada na década de 1530, veio a ser bastante modificada no período da ocupação holandesa (1630-54). Posteriormente o Bairro do Recife vem a sofrer várias outras modificações, como aterros que aumentaram consideravelmente sua dimensão, a implantação de sistema de esgoto no séc. XIX, assim como demolições de edificações para um novo arruamento.

Essas alterações, ocasionadas pelo homem, fazem com que o registro arqueológico do Bairro do Recife se torne tão complexo quanto as várias modificações que o espaço sofreu. Essas transformações que modificaram o registro arqueológico e ajudaram a formar o contexto atual, dificultam algumas abordagens e até podem limitar as interpretações sobre a vida cotidiana local que poderiam ser levantadas a partir do estudo desse contexto.

trabalhos de pesquisa e acompanhamento arqueológico para implantação do Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar. Em tal processo foi contratada a Fundação Seridó que realizou o acompanhamento e desenvolveu pesquisas de arqueologia preventiva.

O projeto de requalificação urbanística, abrange seis quadras de parte do bairro, que ocupam, em parte, o istmo original e algumas áreas que sofreram aterros ao longo dos anos. Os trabalhos iniciais para a construção das habitações concentraram-se na quadra denominada 40, localizada sobre o aterro efetuado na primeira metade do século XIX. Em continuidade foram realizados trabalhos de escavação na quadra 55 que corresponde à área original do istmo, com ocupação iniciada por volta de 1680 (Pessis *et al*, 2013).

O objeto de estudo desse trabalho são as quadras 40 e 55 do Habitacional do Pilar. Essas foram escolhidas pois tratam-se das quadras nas quais houve, além de acompanhamento das atividades, escavações arqueológicas.

Na quadra 55 foram encontradas fundações de antigas residências e vestígios de materiais de uso cotidiano dos antigos moradores. A partir dos estudos desenvolvidos com as louças coletadas na área de uma das unidades domésticas presentes na quadra, percebemos algo inesperado. Ao invés do material mais antigo se concentrar apenas nas camadas arqueológicas mais profundas do local, observou-se uma predominância de material mais recente em quase todas as camadas. Podemos observar o ocorrido a partir do gráfico presente na figura 02.

Em se tratando de louça, percebemos que a faiança fina predomina no quantitativo de material encontrado em quatro das seis camadas presentes na área da casa. Esse material, mesmo sendo mais recente, vem a ser predominante até mesmo na camada mais profunda do local. A faiança, sendo material largamente utilizado em recintos domésticos desde primórdios do período colonial, não fica em destaque nas camadas mais profundas, como seria de se esperar.

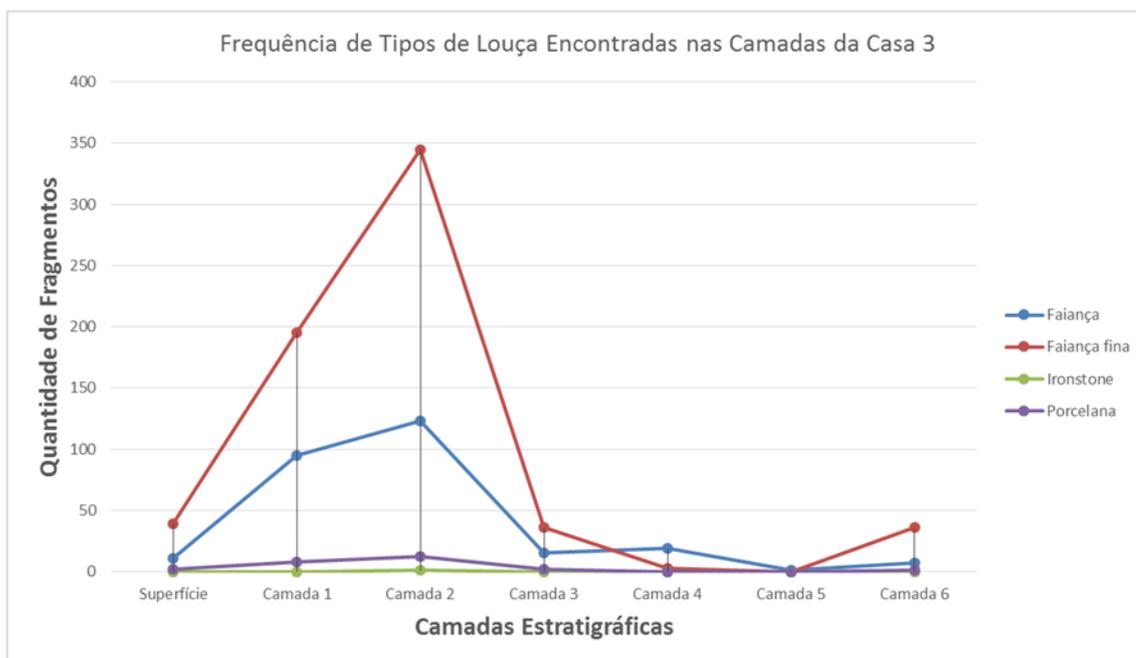


Figura 2 – Frequência de tipos de louça encontrados nas camadas da casa em estudo, da Quadra 55, do Habitacional Pilar. A camada 01 é a mais superficial e a camada 06 a mais profunda.

A faiança fina, material que vem chegar em grandes quantidades ao Brasil somente em 1808, com a abertura dos portos brasileiros às nações amigas, é a dominante em quase todas as camadas da casa, com exceção das camadas 4 e 5. As habitações existentes no local, datam do fim do século XVII, sendo intrigante a presença desse material mais recente em camadas inferiores. Esse estudo pretende entender esse registro arqueológico ao tentar responder **como se deu a formação do registro arqueológico do Pilar?**

O Bairro do Recife possui um histórico de intervenções que alteraram a sua malha urbana. Tendo isso em vista, pretendemos testar a hipótese que, devido a essas modificações que ocorreram na paisagem do bairro, é possível considerar que o registro arqueológico observado durante as escavações da quadra 55 do Habitacional do Pilar esteja alterado, de modo a não se poder associar uma camada estratigráfica a um período de tempo, a um século específico. Diante de tal cenário de contexto alterado, até mesmo a associação desse material à unidade doméstica em estudo pode levantar dúvidas.

Entender os processos que ajudaram a formar o registro arqueológico é importante no estudo de um sítio. Os questionamentos levantados para uma pesquisa arqueológica podem ser bem melhor refinados, caso se tenha ciência dos processos que formaram e/ou alteraram o contexto que se pretende estudar. Dessa maneira, a presente pesquisa vem contribuir com

informações acerca dos processos que levaram às alterações ocorridas no registro arqueológico do Bairro do Recife. Os resultados aqui produzidos contribuirão para o entendimento do contexto da área do Habitacional do Pilar ao auxiliar na compreensão da formação do registro arqueológico daquela área.

Dessa maneira, temos como objetivo geral, mostrar com base no estudo das louças, como essas transformações refletiram-se no contexto arqueológico do Pilar e como limitam suas interpretações.

Já os objetivos específicos são:

- Pesquisar bibliográfica e iconograficamente o histórico de intervenções no Bairro do Recife que envolveram movimentação de terra;
- Obter informações sobre as outras áreas pesquisadas no Bairro por meio das análises de relatórios de escavações arqueológicas realizadas;
- Estudar os processos de formação do registro arqueológico do Habitacional do Pilar.

No intuito de testar a hipótese apresentada, primeiramente faremos uma pesquisa histórica, identificando os processos que ocasionaram grande movimentação de terra no Bairro do Recife, bem como sua área de abrangência e o período em que ocorreram. Tal histórico de intervenções será importante para o entendimento dos processos que levaram a alterações no registro arqueológico.

As pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Bairro do Recife também trazem informações valiosas quanto aos processos de formação do registro arqueológico local. Assim sendo, analisamos os relatórios finais das escavações arqueológicas desenvolvidas, buscando, principalmente, as interpretações que os pesquisadores chegaram na análise da estratigrafia, para obtermos um panorama de como essa se comporta ao longo do Bairro. A luz dessas informações, foi analisado o contexto arqueológico encontrado no Pilar, de modo que pudéssemos entender se as transformações ocorridas no Bairro do Recife eram também observadas na formação do seu registro arqueológico.

O primeiro capítulo deste trabalho dedica-se às transformações humanas realizadas na paisagem. Nele abordamos o homem como agente geológico capaz de efetuar depósitos sedimentares, alterando bastante o ambiente onde vive. Apresentamos os fatores que levam a realização desses depósitos, uma classificação para estes, além de abordar as modificações

causadas pelo homem no registro arqueológico e em que dimensões elas podem afetar esse contexto.

O segundo capítulo trata da evolução urbana do Bairro do Recife. Os diversos momentos da história do Bairro são tocados nesse capítulo, demonstrando principalmente as mudanças no ambiente que essas transformações causaram e que conseqüentemente vêm a afetar o registro arqueológico. No capítulo seguinte abordamos as pesquisas arqueológicas realizadas no Bairro. Nesse momento foram expostos os dados encontrados nos relatórios finais de pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área.

O último capítulo é dedicado a explanação de dados relacionados às pesquisas arqueológicas do Habitacional do Pilar. É mostrado o momento da história do Bairro em que surgem as quadras em estudo, um panorama do registro arqueológico de cada uma delas, os parâmetros que guiaram a análise das louças encontradas nas quadras e os resultados conseguidos a partir deste estudo. Ao fim apresentamos as considerações finais.

1 - PROCESSOS PÓS-DEPOSIÇIONAIS EM ARQUEOLOGIA: TRABALHANDO COM TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DO CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

O contexto do Bairro do Recife se mostra bastante complexo. Além de remeter ao início da colonização brasileira, é uma área que teve ocupação contínua, ininterrupta durante quase 500 anos, sofrendo uma série de modificações ao longo do tempo. Devemos pensar nas várias atividades de movimentação de terra que ocorreram ao longo da história do Bairro, formando o panorama atual. Esse contexto continua dinâmico, portanto passando por alterações contínuas.

Dessa maneira não vemos as modificações que o Bairro do Recife sofreu ao longo do tempo como perturbações. Seriam essas, modificações que criaram um novo registro arqueológico e que não permitiram a continuidade de informações arqueológicas que existiam até o momento.

O termo “perturbação” mostra-se relativo a época que o arqueólogo busca estudar no registro arqueológico, bem como a problemática que deseja responder. O registro arqueológico revela-se sempre limitado¹ no que tange as informações que pode oferecer. Modificações sempre acontecem dada a dinamicidade do registro arqueológico (Schiffer, 1972), nenhum contexto arqueológico é perfeitamente preservado. Dessa maneira, o termo “perturbação” deve ser usado com consciência de seu significado. Acreditamos aqui que os termos que sugerem modificações ou transformações sejam os mais adequados às ideias apresentadas.

Como é sabido, o registro arqueológico não é estático. Muito menos deixa de ser no momento em que artefatos são abandonados pela cultura que os utilizou. Processos pós-deposicionais podem atuar de maneira variada, podendo preservar vestígios arqueológicos ou mesmo embaralhar todo um contexto (Schiffer, 1996).

As modificações ocorridas no Bairro do Recife foram ocasionadas por atividades de indivíduos em seus contextos sistêmicos, não havendo interrupção até os dias atuais. O Bairro sofre uma ocupação contínua, alterações aconteceram e continuam a ocorrer. Tendo em mente

¹O termo limitações aqui é colocado de maneira ampla. Limitações acontecem devido as ideias ou linha teórica seguida para interpretar o contexto, bem como pelo grau de modificações sofridas pelo registro arqueológico. Também vale salientar que necessariamente o registro arqueológico apresenta limitações no ato em que é formado, dado que não se preserva todos os aspectos de uma cultura dentre os estratos escavados pelos arqueólogos.

que o potencial de interpretação do registro arqueológico está diretamente relacionado ao seu grau de preservação, o entendimento das modificações ocorridas no Bairro do Recife mostra-se importante, pois irá contribuir para o estudo dos vários momentos de sua formação e das transformações que essa ocupação ocasionou na formação desse registro arqueológico.

A ação humana é um fator relevante nos processos pós-deposicionais ocorridos no contexto arqueológico, podendo vir a alterá-lo de distintas maneiras. Essa interferência é capaz, mais do que modificar um registro arqueológico já existente, de formar depósitos sedimentares. Tendo isso em vista, é importante no estudo arqueológico estar atento ao impacto da atividade humana no ambiente em que ela se insere.

A formação de camadas estratigráficas pode estar diretamente ligada a atividade humana. Em geologia, o termo “depósito tecnogênico” é usado para classificar depósitos sedimentares que surgem a partir da ação humana direta ou indireta (Silva, 2012, p. 41). Enxergar o homem como agente geológico se mostra importante no momento em que pretendemos entender a intensidade de sua atuação como transformador do registro arqueológico. Os conceitos utilizados nesse campo se mostram interessantes para uma interpretação mais apurada de contextos urbanos, onde a atividade antrópica, muitas vezes, é responsável por grandes modificações na paisagem.

1.1 O homem como agente geológico: antropossolos e depósitos tecnogênicos

O homem é um agente geológico e geomorfológico. Suas ações influenciam processos naturais, de maneira a modificar aspectos físicos da natureza, de tal modo a ser comparável a modificações de causas naturais ocorridas na superfície terrestre. A ação antrópica pode ocasionar mudanças nas camadas do solo, de maneira a potencializar processos erosivos (Silva, 2012).

A atuação do homem sobre a superfície terrestre não acontece de maneira homogênea, diferentes fatores vão intervir em tal ato. Segundo Silva (2012, p. 34), quatro fatores vão intervir na ação humana, são eles:

- Fatores Demográficos: a ação de um único ser humano pode ser multiplicada pela população do mundo.

- Fatores Históricos: relacionados ao tempo de duração da intervenção.
- Fatores Econômicos: relacionados a capacidade do homem modificar o ambiente a partir de novas técnicas e do capital investido.
- Fatores Socioeconômicos: relacionados aos padrões de vida de uma sociedade, que podem exigir uma maior interferência no meio natural.

Ante a influência que o homem causa na superfície terrestre, segundo Silva (2012, p. 35), alguns autores consideram a Revolução Industrial, em meados do século XVIII como marco para o início de um novo período, o Quinário ou Tecnógeno. O atual período Holoceno, seria considerado como um momento de transição entre o Quaternário e o novo período. Segundo Peloggia (1999), a criação do Tecnógeno atende aos critérios estabelecidos pela Comissão Especial de Nomenclatura Estratigráfica da Sociedade Brasileira de Geologia - SBG, pois apresenta uma litologia e conteúdo fossilífero distintos, além de representar uma quebra no registro geológico.

Críticas a criação do período Quinário existem. Argumenta-se que a não influência humana em processos tectônicos, a pouca mortalidade de espécies causada pelo homem, o tempo insignificante desse novo período em comparação aos demais, além de dúvidas quanto a sua preservação futura, possam não caracterizar o Tecnógeno como novo período geológico (SILVA, 2012, p. 37).

Todavia, são inegáveis as transformações que o homem ocasionou na superfície terrestre. Rohde (1996 apud SILVA, 2012, p. 38) classifica as efetuações humanas em quatro:

- Efetuação paisagística: transformações ocorridas na paisagem, como no caso de feições geomorfológicas antrópicas e aceleração da erosão do solo;
- Efetuação litológica: criação de depósitos artificiais, destruição ou modificação de formações geológicas preexistentes;
- Efetuação geodinâmica: tentativa de deduzir e eliminar processos geodinâmicos e o desencadeamento de fenômenos relacionados, como atenuação de efeitos resultantes de vulcões, alterações no ciclo hidrológico, movimentos de massa causados ou potencializados pela ação humana e aceleração de erosões;

- Efetuação fossilífera: “relacionada à produção de fósseis artificiais, ou seja, a produção daquilo que em uma futura visão retrospectiva, possua características de vestígios ou restos de organismos que existiram previamente.” (SILVA, 2012, p. 39).

Entre essas transformações está inclusa a formação de depósitos tecnogênicos, depósitos sedimentares que surgem a partir da ação humana direta ou indireta.

1.1.1 Caracterização geral dos depósitos tecnogênicos

A ação humana na natureza, que forma os depósitos tecnogênicos, pode ser abordada em três níveis (SILVA 2012, p. 41). São eles:

- Modificação no relevo e alterações fisiográficas, como é o caso de regiões com terraplanagem, ou com atividade de mineração, formando o que se pode chamar de relevo tecnogênico;
- Alterações na fisiologia da paisagem: modificações na dinâmica externa do planeta, comparáveis a de mudanças climáticas, aí incluso processos antropogênicos diretos (atividades construtivas, escavação, mineração) e indiretos (aceleração de erosão e sedimentação, movimentos de massa, sismos, dentre outros);
- Criação de depósitos superficiais correlativos, comparáveis aos quaternários, caracterizando marcos estratigráficos.

A Geotecnogênese , o “conjunto de níveis da ação humana transformadora sobre o ambiente geológico” (SILVA, 2012, p. 42), vai envolver alterações nos processos das dinâmicas geológicas externas, na criação de formas de relevo e na formação de depósitos geológicos sedimentares (depósitos tecnoênicos).

A Morfotecnogênese, segundo Silva (2012, p. 43) é a ação geomorfológica realizada pelo ser humano, podendo ocorrer em dois tipos distintos. O primeiro tipo são as formas originadas de processos tecnogênicos degradativos no relevo. Implica em mobilização de material. Podemos citar como exemplos terrenos rampados por terraplanagem e vertentes ravinadas. Podem ocorrer de forma direta, quando acontece por meios mecânicos que geram geometria própria ou que possuem relação com superfícies anteriores; ou de forma indireta,

através de alterações hidrológicas de um local, na estrutura superficial da paisagem, nos vetores e limiares de atuação dos processos.

Já o segundo tipo está relacionado a processos tecnogênicos agradativos, que resultam da acumulação de material geológico, podendo ser resultado da ação direta de deposição, que ocorrem por meio mecânico ou indiretos, correspondente a degradação.

Para uma classificação dos diferentes tipos de depósitos tecnogênicos, Peloggia (1999) propõe uma classificação integrada, onde agrupa classificações de outros autores a partir dos aspectos utilizados na realização da classificação do depósito, como podemos observar na tabela a seguir (Tabela 1).

Parâmetro	Gênese	Composição	Estrutura	Formas de Ocorrência	Ambientes
Depósito tecnogênico (d.t.)	1ª ORDEM Construídos ^A Induzidos ^A Modificados ^A	Úrbicos ^C Gárbicos ^C Espólicos ^C Líticos	Estratificados Em camadas Em células Maciços Irregulares	Maciços isolados Lençóis de aterramento Coluviformes Aluviformes	Industriais ^B Mineiros ^B Urbanos ^B e peri-urbanos Rurais ^B
	2ª ORDEM Retrabalhados ^B Remobilizados	Sedimentares Tecnogênico -aluviais ^D			

Tabela 1- Classificação integrada segundo Peloggia (1999).

Quanto a gênese, temos os materiais de primeira ordem, resultantes diretos de determinado processo tecnogênico, ou seja, de depósitos construídos (aterros, corpos de rejeito, etc.), induzidos (assoreamento, aluviões modernos, etc.) e modificados (depósitos naturais alterados tecnogenicamente por efluentes, adubos, etc.). Já os de segunda ordem compreendem materiais retrabalhados e remobilizados, resultantes da remobilização espacial de outros depósitos.

Quanto a composição temos os depósitos úrbicos (materiais terrosos com artefatos modernos), depósitos gárbicos (depósitos com material detrítico com lixo orgânico de origem humana) depósitos espólicos (materiais terrosos escavados e redepositados por operações como de terraplanagem), depósitos líticos (com predomínio de blocos de fragmentos rochosos). Aqui temos uma divisão para depósitos induzidos, onde a influência humana se deu exclusivamente nos processos que levaram a deposição, sendo o material que o compõe natural classificado

como depósitos sedimentares ou quando ocorre a deposição de detritos por vias aluvias, denomina-se depósito tecnogênico-aluvial.

No que concerne a estrutura, se refere a organização interna dos depósitos, podendo ser estratificados (apresentam estruturas sedimentares, resultantes de processos naturais ou artificiais), em camadas (quando apresentam diferentes camadas de depósitos tecnogênico em sobreposição horizontal), células (como no caso dos aterros sanitários), maciços (com distribuição homogênea de materiais, sem estratificação interna) e irregulares (com arranjo interno aleatório).

No tocante a forma de ocorrência, refere-se quando o depósito é passível a ser comparado a depósitos naturais. Já o parâmetro “ambientes”, refere-se aos ambientes nos quais o depósito se formou.

1.1.2 Antropossolos

Antropossolos são solos que apresentam interferência humana significativa. Até 40 cm de espessura, os volumes de solo alterados são denominados Horizonte A Antrópico (SILVA, 2012, p. 54). Tais horizontes são formados através uso contínuo do solo pelo homem, como lugar de residência ou cultivo por períodos prolongados, com adições de material orgânico, podendo estar misturado com material mineral (SILVA, 2012, p. 52 apud. SANTOS 2006, p. 32). O termo “camada antrópica” também pode ser utilizado para esses volumes (SILVA, 2012, p. 52). Quando é verificada interferência antrópica com mais de 40 cm de espessura, denominamos antropossolo (SILVA, 2012, p. 52).

Para o reconhecimento de antropogênese, criação de volumes de terra alterados pelo homem, Silva (2012, p. 53) apresenta situações que, se identificadas, são diagnósticas desse fenômeno. São elas:

- Inversão ou mistura de horizontes genéticos e/ou diagnósticos;
- Presença de materiais antrópicos;
- Remoção de horizontes do solo feita pelo homem, de forma manual, por máquinas e/ou implementos;

- Modificações na paisagem ocasionadas pelo homem por meio da ação de máquinas e implementos;
- Composição granulométrica e química modificada;
- Presença de materiais tóxicos e/ou sépticos.

Silva (2012, p. 53) também apresenta uma proposta para classificação de antropossolos:

- Antropossolos líxicos: constituídos exclusivamente de material orgânico e/ou inorgânico de fabricação humana, nocivos ao ambiente, podendo estar misturados ou em camadas;
- Antropossolos decapíticos: volumes de solos retirados por ação humana direta, com exposição superficial de qualquer tipo de horizonte genético ou diagnóstico de subsuperfície;
- Antropossolos sômicos: gerados por ação humana direta, depositados em camadas ou misturados, utilizado-se de parte de outros solos ou de solos do próprio local;
- Antropossolos móveis: causados por ação humana direta, depositados em camadas ou misturados, sobre solos que foram decapitados, utilizandose parte de outros solos ou de solos do mesmo local.

Os depósitos tecnogênicos surgem pela primeira vez na história da Terra, marcando a presença do homem como um novo agente geológico e geomorfológico. A influência desse novo agente não se manifesta de maneira uniforme, mas sua abrangência tem caráter global. O estudo desse novo tipo de depósito se faz importante na tentativa de caracterizar um novo período geológico a partir da sua verificação, além de proporcionar um melhor entendimento da capacidade que o homem possui de modificar o ambiente em que vive.

1. 2 Transformações humanas no registro arqueológico: a importância do estudo do impacto antrópico em sítios arqueológicos

As transformações ocasionadas pelo homem na estratigrafia normalmente não obedecem as leis que regem a estratificação natural (Harris, 1991, p. 76). Os chamados por Harris (1991) de estratos antrópicos, apesar de tenderem a assumir forma da maneira normal (sic), podem adquirir compleições variadas, díspares dos formados naturalmente.

Tendo em vista a capacidade do homem em transformar o ambiente onde vive, de modo a vir se tornar um agente geológico, é de se notar a interferência que pode ser causada no registro arqueológico. As transformações ocorridas no registro arqueológico, sejam elas naturais ou antrópicas, o altera de diferentes maneiras.

Para entender todo o processo que leva a formação do registro que o arqueólogo irá estudar, é de suma importância que se tenha em mente as diferentes alterações que esse registro pode sofrer. Schiffer (1996, p.7) diz que os processos que criam o registro arqueológico são de dois tipos básicos: o cultural, onde o agente de transformação seria o comportamento humano; e o não-cultural, onde o ambiente e os agentes naturais são responsáveis pela formação do registro.

O autor fala em duas leis que descrevem regularidades gerais no processo de formação do registro arqueológico, que poderiam descrever as transformações sofridas pelo registro ao longo do tempo (Schiffer, 1996, p. 22). São elas as *c-transforms* e as *n-transforms*.

As *n-transforms* são definidas pelo autor como transformações pós-deposicionais do registro arqueológico, decorrentes de processos naturais, sem a interferência humana. *N-transforms* atuam através de agentes químicos, biológicos e físicos, agindo individualmente ou em conjunto (Schiffer, 1996, p. 143). Exemplos desse tipo de transformação seriam erosões, chuvas, ação de raízes, pisoteamento ou buracos causados por animais, etc.

O homem, além de ser estudado pelo arqueólogo através da materialidade que produziu é, também, como vimos, agente geológico relevante que altera e produz novos registros arqueológicos. As transformações humanas nos sítios arqueológicos são chamadas por Schiffer de *c-transforms*. Essas seriam modificações pós-deposicionais do registro arqueológico decorrentes da atividade humana. Processos de reuso, novas ocupações, pisoteamento (esse causado por atividade humana), arado e processos de movimentação de terra são exemplos de tais tipos de interferência.

Schiffer (1996) traz uma classificação das diversas transformações que o processo de formação do registro arqueológico pode sofrer. Dentro do que vem ser chamado de **dimensões**

da variabilidade, o autor apresenta quatro diferentes tipos de alterações que podem acontecer dentro de processos pós-deposicionais do contexto arqueológico.

Dimensão formal

Seriam as propriedades físico-químicas dos artefatos, como forma, tamanho, peso, cor, dureza e composição química. Diversos processos pós-deposicionais podem alterar essa dimensão, seja por revolvimento da terra, quebrando artefatos, alterando sua forma, tamanho e peso.

Dimensão espacial

Esta dimensão refere-se a localização dos artefatos. Alterações nesse aspecto podem ser bastante prejudiciais, pois são capazes de impossibilitar uma associação entre artefatos e seus locais de uso ou descarte.

Dimensão de frequência

Este aspecto refere-se a quantidade de artefatos no local. Transformações pós-deposicionais alteram a quantidade de material presente, sendo pela adição de novos artefatos, pelo reuso deles, ou mesmo pelo transporte desse material para outros locais.

Dimensão relacional

Diz respeito a relação entre artefatos e padrões de co-ocorrência entre eles. Transformações do contexto arqueológico podem alterar relações entre artefatos de maneira que, diferentes materiais anteriormente com quantidades semelhantes no contexto, após eventos que modificassem essa dimensão do registro, passam a ter quantidades de fragmentos distintas.

1.2.1 Processos de modificação do registro arqueológico

Schiffer (1996), ao focar nas transformações ocasionadas pelo homem, o define tipos de atividades que podem modificar o registro arqueológico², alterando-o nas dimensões apresentadas anteriormente:

² Esses tipos de atividades são chamadas pelo autor de *disturbance processes* (processos de perturbação, em uma tentativa de tradução próxima ao termo original). Nesta pesquisa, dada a ideia trabalhada de que os contextos arqueológicos não são perturbados mas modificados ao longo do tempo (seja por fatores culturais ou naturais), utilizaremos o termo “modificação” em substituição de “perturbação”, tradução livre do termo “disturbance” utilizado por Schiffer.

- Processos de movimentação de terra - Não somente a erosão natural ou a queda de barreiras podem alterar sítios arqueológicos, mas grandes obras vêm alterando bastante o registro arqueológico, especialmente nos últimos dois séculos, como coloca Schiffer (1996, p. 122).

Especialmente em centros urbanos, a construção de novas casas, a colocação de redes de encanação podem alterar sítios arqueológicos, criando novos depósitos de artefatos, diferentes da maneira em que foram descartados primeiramente. Em muitos casos essas ações podem ocasionar uma estratificação reversa, ou seja, materiais recentes podem ser evidenciados em camadas mais profundas, enquanto os mais antigos são observados em estratos mais superiores (Schiffer, 1996).

The extent to which one can expect instances of reverse stratification in accord with the Law of Upward Migration at any site should be a function of three sets of factors: (1) the prevalence of earthmoving processes themselves, (2) the overall intensity of space use, and (3) the duration of occupation and extent of reoccupation. Thus, societies that dig many pits will produce instances of reverse stratification at high rates. Moreover, in intensively occupied settlements, such as those-like caves-whose boundaries are constrained by cultural or natural barriers, one would expect that any earthmoving processes would have a greater probability of encountering previously deposited materials. This effect is intensified in settlements with considerable longevity and in reoccupied sites. Schiffer (1996, p. 124)

Assim, o autor deseja mostrar que três fatores são primordiais para explicar o processo pelo qual ocorre a estratificação reversa. O primeiro deles é a ocorrência de processos de movimentação de terra. Sociedades que escavem mais o solo irão produzir contextos de estratigrafia reversa em taxas mais altas. O segundo está relacionado a intensidade do uso do espaço: espaços mais amplamente ocupados terão mais chances de atingir áreas com depósito de material (sic) com os processos de movimentação de terra causados por essa ocupação. Já o terceiro faz menção ao tempo de ocupação do espaço e a existência de reocupações na área, onde as que possuem longas ocupações humanas ou foram reocupadas várias vezes intensificam as transformações causadas pelos fatores anteriores.

- Distúrbios superficiais - O pisoteio de áreas, bem como o uso do arado na agricultura são responsáveis por mudanças significativas do registro arqueológico. No caso do pisoteio, a

depender da dimensão dos objetos e do tipo do solo, artefatos podem ser levados para baixo ou mesmo trazidos para cima (objetos maiores tem tendência a serem evidenciados através do pisoteamento, enquanto os menores tendem a serem levados para baixo).

Os impactos relacionados a construções são, segundo Schiffer (1996), três: impactos diretamente relacionados as atividades do projeto; impactos relacionados as obras de suporte; e impactos ocorridos durante a construção mas não diretamente ligados as atividades.

Outros autores também fornecem um bom arcabouço teórico conceitual para trabalharmos o tema. Goldberg e Macphail (2006) também fornecem informações quanto a características dos, por eles chamados, *cultural depositis* (p. 211). Butzer (1982) também nos traz exemplos das chamadas alterações culturais no resíduo arqueológico (Butzer 1982, p. 98). O autor as divide em três fatores que vão formar e alterar sítios arqueológico. São eles a deposição cultural primária (envolve objetos deixados em seu local de uso original e também os descartados em áreas de refugio secundário), deposição cultural secundária (relacionada as modificações ocorridas na reutilização de materiais descartados ou mesmo modificações causadas pela reutilização de um sítio) e o distúrbio cultural (ocorre quando o registro arqueológico é transformado por ações relacionadas não a uma outra ocupação, mas roubo de artefatos por exploradores, ação de empresas como pedreiras, pisoteamentos, escavação para passagens de dutos, etc.) (Butzer 1982, p. 98 e 99).

As modificações no registro arqueológico causadas pela ação humana agem de maneira a transformar um contexto anteriormente existente ao mesmo tempo que forma-se um novo, relativo a essa nova ação humana. Entender as dimensões que essas atividades podem alcançar auxilia na compreensão das possibilidades de estudos e interpretações a serem realizadas acerca do contexto arqueológico em questão.

2 - A EVOLUÇÃO URBANA DO BAIRRO DO RECIFE

O antigo Povoado dos Arrecifes é um local que passou por muitas transformações ao longo de sua de ocupação. A antiga estreita faixa de terra que ligava o povoado a Olinda, hoje abriga, dentre outros órgãos, a prefeitura, sede administrativa da cidade do Recife. Essas grandes transformações que a localidade sofreu não afetaram simplesmente a paisagem, elas continuamente formaram o registro arqueológico que podemos observar atualmente nas pesquisas realizadas.

Ao analisar a historiografia referente ao Bairro, podemos observar diferentes momentos da ocupação, onde houve novas construções e novas modificações na paisagem local. Faremos então uma divisão desses diferentes momentos, dando ênfase as transformações acontecidas no Bairro com potencial influência na formação do registro arqueológico.

2.1 Algumas considerações sobre o Bairro do Recife como sítio arqueológico

A ideia de cidade como sítio arqueológico não é recente na arqueologia. Cressey e Stephens (1982) já consideravam trabalhar a cidade como sítio arqueológico, objetivando, a partir da aplicação desse conceito, uma maneira de entender a organização espacial e socioeconômica do local. No trabalho realizado, a cidade de Alexandria (VA, EUA) é entendida como um único sítio arqueológico. A abordagem, chamada pelos autores de *city-site approach*, não somente abrange o centro, mas também as periferias da cidade, com intuito de compreender como se dá a relação entre essas diferentes áreas (centro ou núcleo e periferias), bem como as mudanças que ocorrem nessas relações que ocorrem ao longo do tempo. É buscado o entendimento da organização socioeconômica da cidade.

Segundo Souza (2014), o termo sítio arqueológico é de difícil aplicação em áreas urbanas. A delimitação de uma área como sítio arqueológico mostra-se complexa, pois em um mesmo local vários elementos como ruas, unidades domésticas e edificações com diferentes

finalidades podem se sobrepor e possuir diferentes dimensões de maneira a dificultar a delimitação de uma área.

A delimitação de sítios arqueológicos também podem seguir critérios de caráter funcional. Unidades domésticas, unidades religiosas, de defesa podem ser delimitadas como sítio arqueológico.

Bicho (2006, p. 91) quando classifica tipos unidades de prospecção arqueológica (referindo-se aos diferentes critérios de determinação da área ou unidade ser realizado esse tipo de estudo) apresenta o termo prospecção institucional. Neste momento o autor se refere a prospecções arqueológicas que delimitam sua área, a partir de critérios relacionados a limites de um distrito ou mesmo aos estabelecidos durante um projeto institucional, uma obra que atravessa diferentes unidades culturais ou naturais. Essa delimitação é bastante comum em pesquisas arqueológicas realizadas em centros urbanos.

Assim percebemos que existem distintas maneiras, distintos critérios para se delimitar um sítio arqueológico. Essa delimitação irá variar conforme os objetivos da pesquisa (se foi realizada por motivações estritamente acadêmicas ou relacionadas a arqueologia preventiva). Em uma pesquisa estritamente acadêmica, essa delimitação irá se adequar aos questionamentos desenvolvidos no projeto de pesquisa, enquanto no âmbito institucional irá se relacionar a área em que se realizará a obra/empreendimento.

Assim sendo, essencial é que os critérios para delimitação de um sítio não sejam escolhidos de maneira aleatória, mas sempre estejam embasados com uma justificativa. A delimitação presente neste trabalho se faz de maneira institucional, restringida a área onde será construído o Habitacional Pilar, no Bairro do Recife.

2.2 A região do Bairro do Recife antes de sua ocupação histórica: uma breve caracterização de seu ambiente original

O Bairro do Recife situa-se no estuário dos rios Capibaribe e Beberibe, inserido em um terraço marinho pleistocênico de 120.000 anos (Santos, 2013, p. 18) que abrange quase todos os bairros do centro do Recife (Santo Antônio, São José e Boa Vista). Contudo, a faixa de terra

que forma o Bairro do Recife tem uma formação bem mais tardia, já no Holoceno. Sua gênese vem a acontecer concomitante ao recuo do nível do mar, tendo uma idade inferior a 5.100 anos (Santos, 2013, p. 83).

O Bairro do Recife é uma restinga³ formada por meio da deposição dos sedimentos trazidos pelo oceano, nas correntes de deriva e pela força das correntes dos dois rios presentes na área (Santos, 2013, p. 87). Os sedimentos se acumulam e se misturaram formando então a restinga que veio a ser estabilizada através de processos de urbanização acontecidos nos últimos 500 anos⁴, (Santos, 2013, p. 21). Nas palavras de Santos:

Dessa forma, pode se afirmar que a Restinga do Recife Antigo foi desenvolvida no sentido de crescimento de norte para sul devido ao bloqueio do curso fluvial, tendo um recebimento de material provindo do continente pelo rio e do oceano pelas correntes de deriva, principalmente. Esse sedimento inconsolidado foi remodelado diversas vezes pelos agentes flúvio-marinhos, dando dinâmica a morfologia da restinga no decorrer do tempo, uma vez na qual a unidade geomorfológica restinga é instável em sua forma pelo fato da dinâmica do sistema costeiro mudar constantemente, afetando, por conseguinte, a morfologia da restinga, tornando-a uma unidade morfológica frágil, sendo este um dos motivos do espaço ser considerado área de proteção permanente (SANTOS, 2013, p. 87).

³ Restinga é um termo utilizado em várias áreas do conhecimento, como geologia, biologia, geografia, de maneira a tornar-se polissêmica. A definição presente na legislação vigente não é consensual dentre os pesquisadores que trabalham com o conceito (ver Souza *et al.*, 2008, cap. 2 e Santos, 2013, p. 71 a 77) e não é capaz de abranger o Bairro do Recife como restinga. Resolvemos então pesquisar por trabalhos que abordam e discutem o tema. Dessa maneira, o conceito a ser adotado aqui será o de Souza *et al.* (2008), que, após discutir o tema, os autores chegam a conclusão que restinga trata-se de: “depósito arenoso subaéreo, produzido por processos de dinâmica costeira atual (fortes correntes de deriva litorânea, podendo interagir com correntes de maré e fluxos fluviais), formando feições alongadas e, paralelas à linha de costa (barras e esporões ou pontais arenosos), ou transversais à linha de costa (tômbolos e alguns tipos de barras de desembocadura).” (SOUZA *et al.*, p. 43, 2008).

⁴ Este resumo trata-se apenas da origem dos sedimentos que formaram a restinga do Bairro do Recife. Para informações mais completas relacionadas a dinâmica de formação da restinga do Bairro do Recife, ver o trabalho de Santos (2013), especialmente a seção 5.2.2 que trata da evolução natural da restinga do Bairro do Recife.

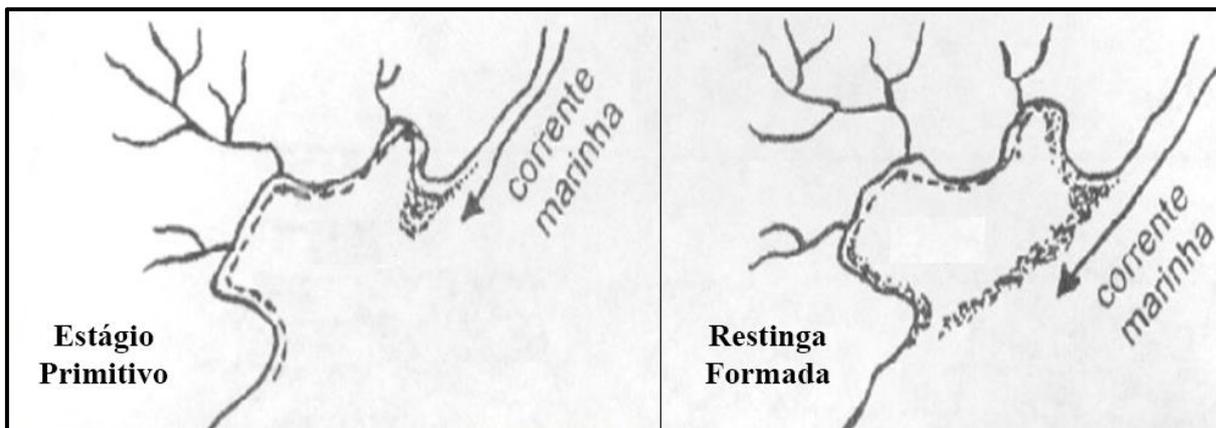


Figura 3 - Modelo esquemático de formação de restinga. Fonte: http://images.slideplayer.com.br/10/2922618/slides/slide_57.jpg . Adaptado.

A vegetação original do Bairro do Recife não possuía porte arbóreo no período da chegada dos portugueses, pois essa ainda se encontrava em formação (Santos, 2013, p. 34). O ambiente encontrado pelos primeiros ocupantes era composto principalmente por uma Vegetação de Restinga Arbustiva e de Campo de Restinga, ou seja, eram planícies herbáceas com a presença de alguns arbustos espaçados (Figura 4).



Figura 4 - Vegetação herbácea e arbustiva esparsa (aberta) sobre campo de dunas, semelhante a presente no Bairro do Recife antes de sua ocupação histórica. Fonte: <http://www.zonacosteira.bio.ufba.br/vresti3.jpg>

2.3 Ocupação original: o Povoado dos Arrecifes

O início da formação do registro arqueológico histórico no Bairro do Recife acontece no começo da colonização brasileira quando, na década de 1530, quando a área vem a ser utilizada como porto⁵. Próximo ao Porto do Recife constituiu-se um povoado que vivia em função das atividades de exportação⁶.

Segundo José Luís da Mota Menezes⁷, a pequena vila que se formou em função do Porto do Recife, servia de moradia para pescadores e tarefeiros (indivíduos encarregados de descarregar e carregar as mercadorias dos navios do porto), já existindo no local uma pequena capela.

Em seu auge, no século XVII, às vésperas da invasão holandesa, o Bairro abrigava, além dos armazéns do porto, 40 casas de moradias⁸ e uma capela dedicada a S. Telmo ou S. Pedro Gonçalves, tendo o nome de Corpo Santo (Pereira da Costa, 1951, V. 2, p. 116). De acordo com Menezes, em relação a muitas vilas já existentes na colônia e nesse período, o Porto do Recife era bastante movimentado, com a movimentação de cerca de 60 navios por ano.

Afastado do núcleo de ocupação, onde existiam as casas de moradias, já naquele período a localidade abrigava o Forte de São Jorge (Figura 5). Localizava-se na passagem do istmo entre Olinda e Recife, região que mais tarde foi conhecida como “fora de portas”. Essa unidade de defesa foi construída no ano de 1590, era estratégica para a defesa da capitania. Vem a cair em 2 de março de 1630, tendo os holandeses assumido o local.

⁵ Comunicação oral concedida por José Luis da Mota Menezes em entrevista no dia 12 de agosto de 2014.

⁶ Comunicação oral concedida por José Luis da Mota Menezes em entrevista no dia 12 de agosto de 2014.

⁷ Comunicação oral concedida em entrevista no dia 12 de agosto de 2014.

⁸ Comunicação oral concedida por José Luis da Mota Menezes em entrevista no dia 12 de agosto de 2014.

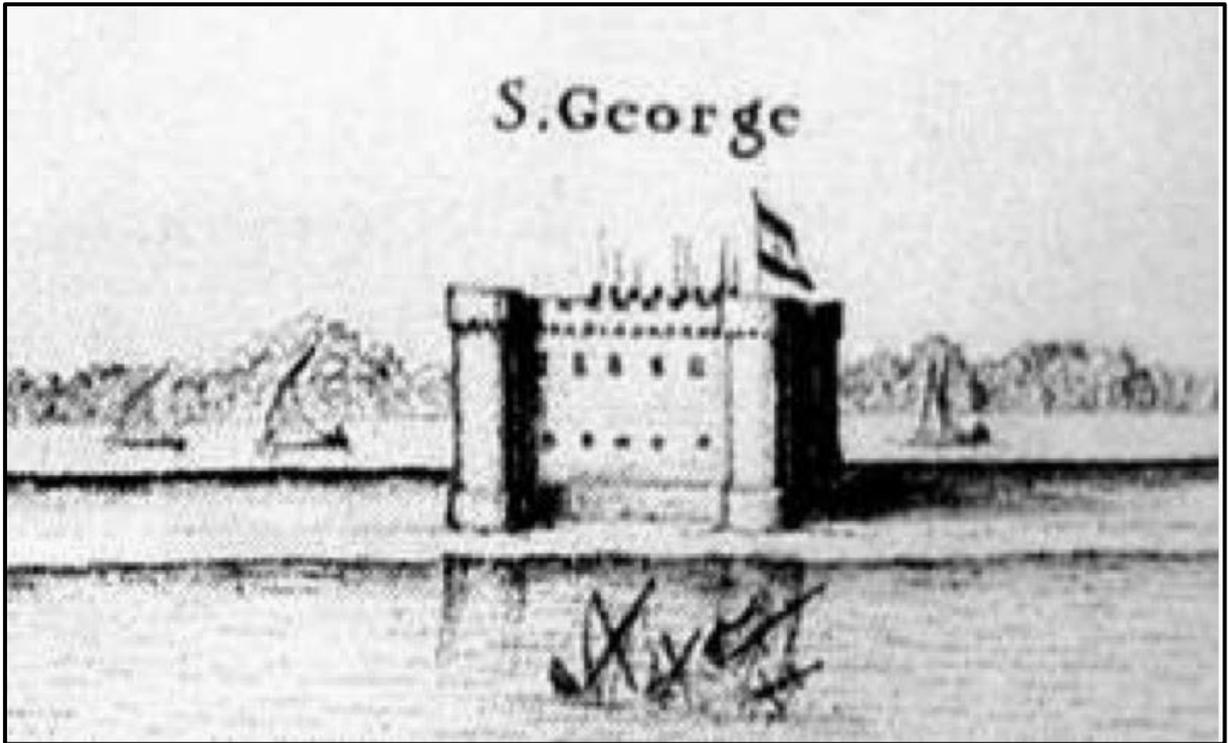


Figura 5 – Pormenor do documento holandês de 1630 denominado “*DE STADT OLINDA DE PHARNAMBUCO, VEROVERT BY DEN E, GENERAEL HENDRICK C. LONCK*”, da autoria de Claes Jansz Visscher. Podemos observar a representação do Forte de São Jorge (velho) nesse documento.

Segundo Lubambo (1991, p. 26), o Bairro do Recife não sofreu muitas modificações em seu primeiro século de ocupação histórica, mesmo com a grande importância que o Porto do Recife veio a ter com a exportação de açúcar. Ainda segundo a autora, os engenhos que produziam o açúcar é que concentravam a maior parte da população. A seguir (Figura 6) é possível observar a planta do Bairro do Recife no início do século XVI.



Figura 6 – “Perspectiva de Pernambuco como se mostra olhado do Mar desta villa até A Barretta” de 1609, produzido por Diogo de Campos Moreno. Adaptado. Já é possível ver o Forte de São Jorge, bem como a povoação que fica no extremo sul do istmo.

Em resumo, neste primeiro momento do Bairro, tivemos um início de ocupação bastante modesto. As edificações existentes se limitavam aos armazéns do porto, 40 casas de moradias e uma capela. Não esquecendo que também se fazia presente na paisagem local, na região que posteriormente se chamaria “fora de portas”, o Forte de São Jorge (velho). Com o início da ocupação holandesa, esse espaço muda completamente, transformando bastante o contexto arqueológico que vem a ser preservado.

2.4 Ocupação holandesa (1630-1654)

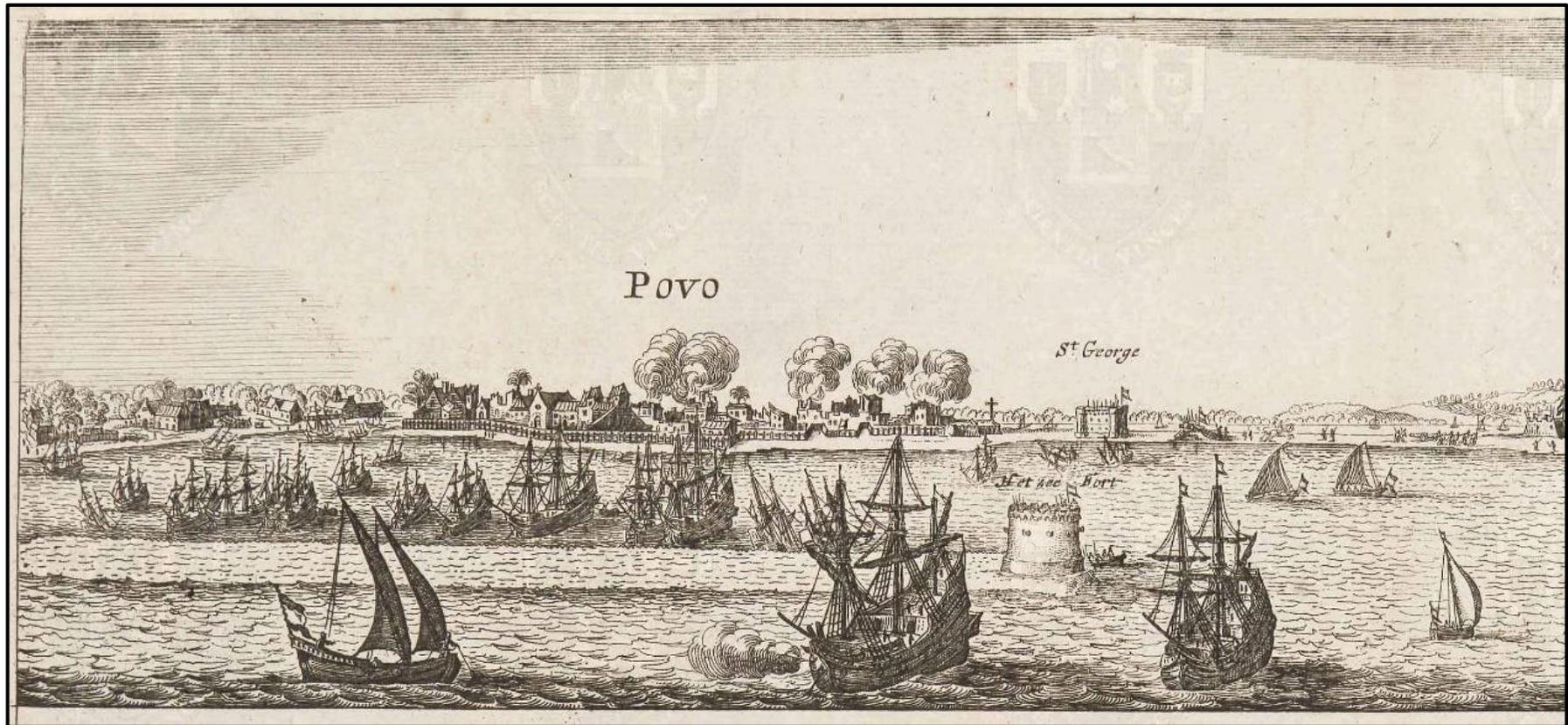


Figura 7 – Pormenor de imagem do documento holandês de 1630 chamado “DE STADT OLINDA DE PHARNAMBUCO, VEROVERT BY DEN E, GENERAEL HENDRICK C. LONCK” de autoria de Claes Jansz Visscher. É possível observar Olinda e o Bairro do Recife, descrito como “POVO”. Segundo Avila e Medeiros (2008, p. 3), representa o momento da invasão holandesa no ano de 1630. Adaptado.

O Bairro do Recife observado pelos holandeses era um cenário de destruição (Figura 7). Vendo a inevitável tomada da localidade pelos Holandeses, o general Matias de Albuquerque ordenou que se ateasse fogo nos armazéns e navios do porto, causando assim um incêndio que atingiu quase todos os prédios do então Povoado dos Arrecifes. Dessa maneira, os holandeses encontraram uma grande paisagem de destruição que só poderia ser ocupada caso fosse reconstruída (Silva, 2011).

Quando no momento da ocupação holandesa, iniciada em 1630, foi devastadora a modificação que a paisagem do Bairro sofreu. Segundo Silva (2011, p. 78 e 116), com a destruição de Olinda pelos holandeses em 1631, uma população de cerca de 7.000 pessoas foi obrigada a viver na então povoação dos Arrecifes e de Antônio Vaz (atualmente as áreas dos Bairros do Recife e de Santo Antônio, respectivamente), sobre péssimas condições de conforto e higiene. Vale aqui salientar que a área do istmo à época era bem menor que a atual (Figura 17, que mostra a evolução do istmo).

O Bairro sofreu modificações bastante significativas com a ocupação holandesa, entre os anos de 1630 e 1654 (figura 17). Após a chegada de Maurício de Nassau no ano de 1637 houve uma grande ampliação no espaço urbano da Ilha do Recife que passou a se chamar o Povoado dos Arrecifes.

A grande densidade populacional exigiu medidas de adequação da área à aquela nova quantidade de indivíduos que se queria abrigar. Houve a primeira grande transformação da paisagem do atual Bairro do Recife em seu momento de ocupação histórica. Recife vem a se transformar da sede administrativa holandesa.

Esta nova urbe, com plano desenvolvido por Pieter Post, veio a se chamar *Maurissitad*, ou Cidade Maurícia, em clara alusão ao conde Maurício de Nassau. Naquela época começaram a ser construídos prédios e edifícios, havendo uma grande ampliação da área urbana do Bairro. Houve melhoramentos no ancoradouro do porto, aterros de mangues e alagados, aumentando as dimensões do local (Silva, 2011).

A porção mais ao sul do Bairro do Recife teve um aumento considerável em sua margem do Rio Beberibe. Tal porção também vem a receber na ocupação holandesa, uma amurada que cercava toda as edificações da porção sul do Bairro (Figura 8). Essa região é popularmente conhecida como “dentro de portas”.

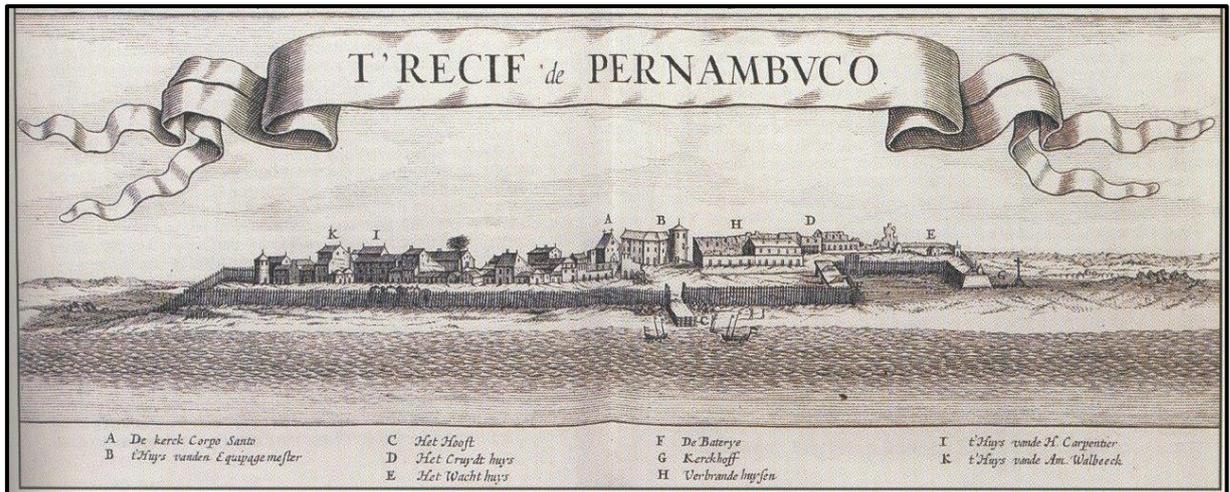


Figura 8 – “T’RECIF de PERNAMBVCO” por Johannes Laet, 1644. Pode-se visualizar claramente a paliçada que circundava a região sul do Bairro do Recife. Também notar a grande diferença se comparado a imagem de 1630 apresentada anteriormente (Figura 7).

Já a região do Bairro do Recife que ficava fora da amurada, foi popularmente conhecida como “fora de portas”. Essa área não possuía moradias até o último quartel do século XVII. Até então o uso do local era quase que exclusivamente militar.

Com o desenvolvimento de pesquisas arqueológicas no Bairro do Recife, foi descoberto um cemitério na região “fora de portas”, próximo de onde se localiza a Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Acredita-se que se trata de um cemitério do período holandês, haja visto que é anterior a construção de casas de moradia na área (Pessis *et al.*, 2013). Vale salientar que o Forte de São Jorge (velho), que se localizava a alguns metros de onde o cemitério foi encontrado, foi utilizado como hospital/enfermaria durante a dominação holandesa.

Também no período holandês, na região “fora de portas”, foi construída uma nova fortificação. O Forte do Brum, erigido em 1630, é uma das poucas edificações de construção holandesa que ainda persistem no Bairro do Recife.

Apesar dos 24 anos de ocupação batava ser tempo muito curto em comparação aos quase 500 anos de ocupação histórica do atual Bairro do Recife, o período holandês deixou marcas importantes no local. O Bairro do Recife foi bastante modificado, não restando muito de seu povoado original. Os aterros realizados foram necessários para o aumento da dimensão do Bairro e construção de várias novas edificações que atenderiam as novas demandas, de moradores e administrativas, tendo em vista que o Recife seria a capital da colônia holandesa.

Contudo, nem todas as áreas aterradas tiveram edificações nelas construídas. Algumas dessas áreas eram alagáveis (Figura 9) e foram consolidadas somente depois da retomada portuguesa, permitindo assim novas construções.

Tavares Junior e Candeias (2013), com base em plantas do período holandês, em planta de 1907 e na cartografia atual da cidade do Recife, conseguiram representar as dimensões do Bairro no ano de 1648 de maneira bastante próxima a realidade, além de retratar as áreas alagáveis (Figura 9).

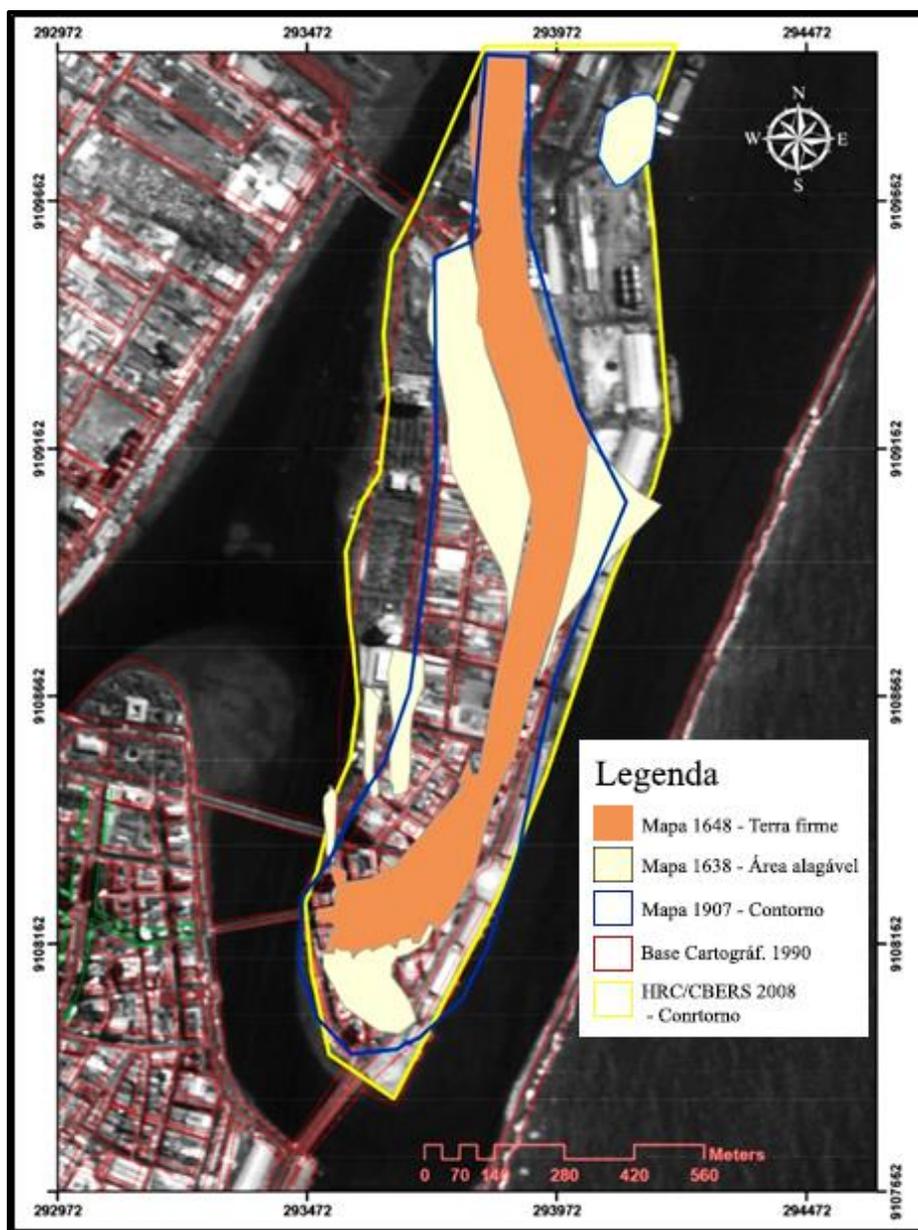


Figura 9 - Representação da área do Bairro do Recife nos anos de 1648 (com suas áreas alagáveis), 1907, 1990 e 2008. Fonte: Tavares Junior e Candeias (2013, p. 7).

A imagem acima pode ilustrar bastante a área do Bairro do Recife no fim da ocupação holandesa, ao demonstrar as dimensões da localidade na época, ainda mais por não existirem grandes mudanças até o ano de 1654.

2.5 A Volta do Domínio Português

O Bairro do Recife ocupado pelos portugueses após a Restauração Pernambucana estava bastante diferente da pequena vila de pescadores de 1630. O volume construído era superior ao que se tinha quando no início da dominação batava.

Uma das primeiras providências, após a retomada portuguesa, foi a realização do *Inventário das Armas e Petrechos Bélicos que os Holandeses Deixaram em Pernambuco e dos Prédios Edificados ou Reparados até 1654*. Segundo tal documento, o Bairro do Recife contava, em 1654, com 290 edificações, mais da metade do total de edifícios inventariados (Souza, 2012, p. 46), número bastante diferente do momento anterior, quando contava apenas com algumas edificações e 40 casas de moradia de pescadores e trabalhadores do porto. A largura do Bairro variava entre 20 e 40 braças, o equivalente a 55 e 73 metros (Souza, 2012, p. 46).

O antigo Forte de São Jorge, mesmo em ruínas foi doado pelo governador da capitania de Pernambuco, Aires de Souza de Castro ao Provedor da Fazenda Real de Pernambuco João do Rego Barros, na condição de que, no local, fosse construída uma igreja em homenagem a Nossa Senhora do Pilar (Pessis, 2013 *et al.*, p. 15). Em 1680 a igreja já estava finalizada (Pessis *et al.*, 2013, p. 14).

A construção de uma igreja, com pode-se observar em Zancheti (2000), era elemento quase que necessário para um início da habitação de uma área no período colonial. Dessa maneira a Igreja de N^a S^a do Pilar torna-se importante, pois marca o início da ocupação da região “fora de portas” do Bairro do Recife que, anteriormente, tinha seu uso quase que exclusivamente militar.

A primeira ocupação civil na região “fora de portas” deu-se com a instalação da casa de João do Rego Barros, ao lado da igreja recém-construída (Cavalcanti, 2009, p. 135; Pessis *et*

al., 2013, p. 17). Posteriormente houve o surgimento de casas ao longo do lado direito da igreja, onde hoje localiza-se a Rua de São Jorge (Pessis *et al.*, 2013, p. 14).

Nos anos seguintes, a economia açucareira foi a responsável pelo crescimento do Bairro do Recife. Foi essa atividade que basicamente movimentou o porto e o Bairro a partir da retomada portuguesa. Com a crise açucareira na segunda metade do século XVII, o movimento do porto teve um recuo bastante significativo, sendo abastecido somente pelos principais engenhos dos arredores (Lubambo, 1991, p. 26). Apesar de tudo, como pode-se observar na cartografia histórica da região, houve grande aumento no número de moradias existentes na região “fora de portas”, bem como a consolidação de aterros em áreas alagáveis na poção sul do Bairro, havendo construções de novas edificações em tais áreas.

O século XVIII teve alguns momentos de crescimento bastante acelerado. No ano de 1746, o Bairro do Recife possuía 4.745 habitantes e 653 casas (Albuquerque *et al.*, 2000/2005, p. 29). Naquele período há um grande aumento na quantidade de aterros para a construção de novas casas. Em 10 anos, o número de casas aumentou de 653 para 1.082. Na segunda metade do século XVIII, durante a administração do Conde de Vila Flor na Capitania de Pernambuco, houve a construção do cais de pedras que acompanhava as bordas das franjas de areia, iniciando-se no Trapiche da Alfândega (localizado nas imediações do largo do Corpo Santo) e indo até a porta do Bom Jesus (Souza, 2012, p. 49).

Apesar de mudanças acontecerem, temos então um período onde não acontecem grandes expansões no Bairro do Recife. Aterros acontecem, novas edificações são construídas, o Bairro é ampliado. Contudo, em comparação com as grades reformas que a região sofreu, no espaço de quase 150 anos entre o fim da ocupação holandesa e o século XIX, as mudanças ocorridas foram bastante paulatinas. Até o século XIX, as mudanças urbanísticas ocorridas durante a ocupação holandesa foram as mais significativas na história do Bairro do Recife.

2.6 As Reformas do Porto no Século XIX

O século XIX é um período de muitas mudanças no Bairro do Recife, que aconteciam de acordo com as necessidades, não obedecendo a critérios elaborados em um plano diretor.

Aterros foram realizados, edificações foram demolidas e outras construídas seu lugar, alterando a paisagem construída até aquele momento.

Em 1808 ocorreu a abertura dos portos brasileiros para as nações amigas, havendo assim um novo estímulo no desenvolvimento do Bairro. Agentes do comércio internacional, principalmente ingleses, se instalaram no local, havendo implementação de capital britânico no Recife, um fator importante para o desenvolvimento da região.

Todavia, a exportação de algodão era o principal produto que movimentava a economia do porto. Naquele período, temos o Porto do Recife como o terceiro porto mais importante do Império, logo atrás do Rio de Janeiro e de Salvador.

Tendo em vista a grande importância do Porto do Recife a nível nacional e da grande movimentação que havia no Bairro do Recife em função dele, já na primeira metade do século XIX a questão da modernização do porto começa a tomar parte nos debates locais.

No Bairro do Recife concentravam-se as firmas de importação/exportação bem como as principais empresas relacionadas ao comércio local. A região já se encontrava saturada de edificações, com um traçado urbano labiríntico, dificultando o transporte das mercadorias do porto. Segundo Souza (2012, p. 49), alguns becos do Bairro eram tão estreitos que um ou dois passos eram suficientes para atravessá-los.

Em 1815 os primeiros projetos de melhoramento das instalações do porto são elaborados. Na primeira metade do século XIX ocorreu outra grande mudança urbanística no Bairro, com grande aumento das suas dimensões através de aterros e também da construção de novas edificações nas áreas “dentro” e “fora de portas” (Lubambo, 1991, p. 27 e 32).

Entre 1808 e 1856 teve lugar grande expansão na porção oeste do Bairro, especialmente na região fora de portas. Novos aterros foram realizados, bem como várias novas edificações foram construídas e outras modificadas (Figura 17).

A partir do segundo quartel do século XIX são implantadas as primeiras obras de saneamento básico no Recife. É nesse momento que são realizadas obras de implantação de redes de esgotos e de abastecimento de água.

Em 1838 é criada a Companhia do Beberibe. Até então o abastecimento d'água era realizado através de canoas, que coletavam água em Olinda e a vendia em Recife. Sua missão era então, instalar chafarizes em locais estratégicos das cidades, fazendo uma rede de abastecimento que poderia levar água até eles, bem como a prédios públicos e a algumas



Figura 10 - Rede de abastecimento d'água de 1889 sobreposta ao mapa do Bairro do Recife de 1906. Fonte: Menezes (2000). Adaptado.

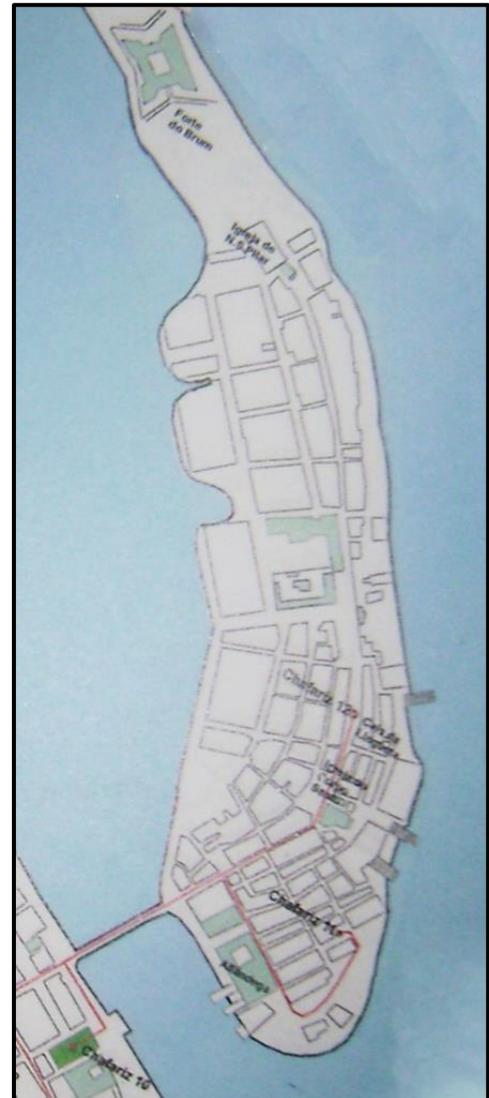


Figura 11 – Rede de abastecimento de água no ano de 1848. Fonte: Menezes (2000). Adaptado.

residências. Em 1848 a Companhia já havia implantado uma rede de abastecimento que abrangia os bairros da Boa Vista, São José, Santo Antônio e a região “dentro de portas” do Bairro do Recife (Figura 11). Em 1889 a rede já estava bastante ampliada, com a presença de seis chafarizes no Bairro Recife, além da ampliação da rede de abastecimento para a região “fora de portas” (Figura 10).

Desde 1858, com a iniciativa do francês Carlos Luis Cambronne e sua Empresa do Serviço de Limpeza das Casas e Esgotos da Cidade do Recife, já se concretizavam os planos de instalação de uma rede esgotos no Recife. Contudo, após alguns contratemplos, a instalação do esgotamento na cidade veio a ser efetivada através da empresa Recife Drainage Company LTDA. Tal empresa iria implantar um sistema com latrinas sifonadas que levariam os dejetos das casas até o mar, tal sistema era o mais avançado para a época.

Apesar de apresentar uma rede esgotos mais abrangente, a empresa inglesa não consegue instalar toda a rede pensada inicialmente. Porém, no ano de 1873 já existe um esgotamento no Bairro do Recife que abrange boa parte de sua extensão, cobrindo as regiões “dentro” e “fora de portas” (Figura 12).

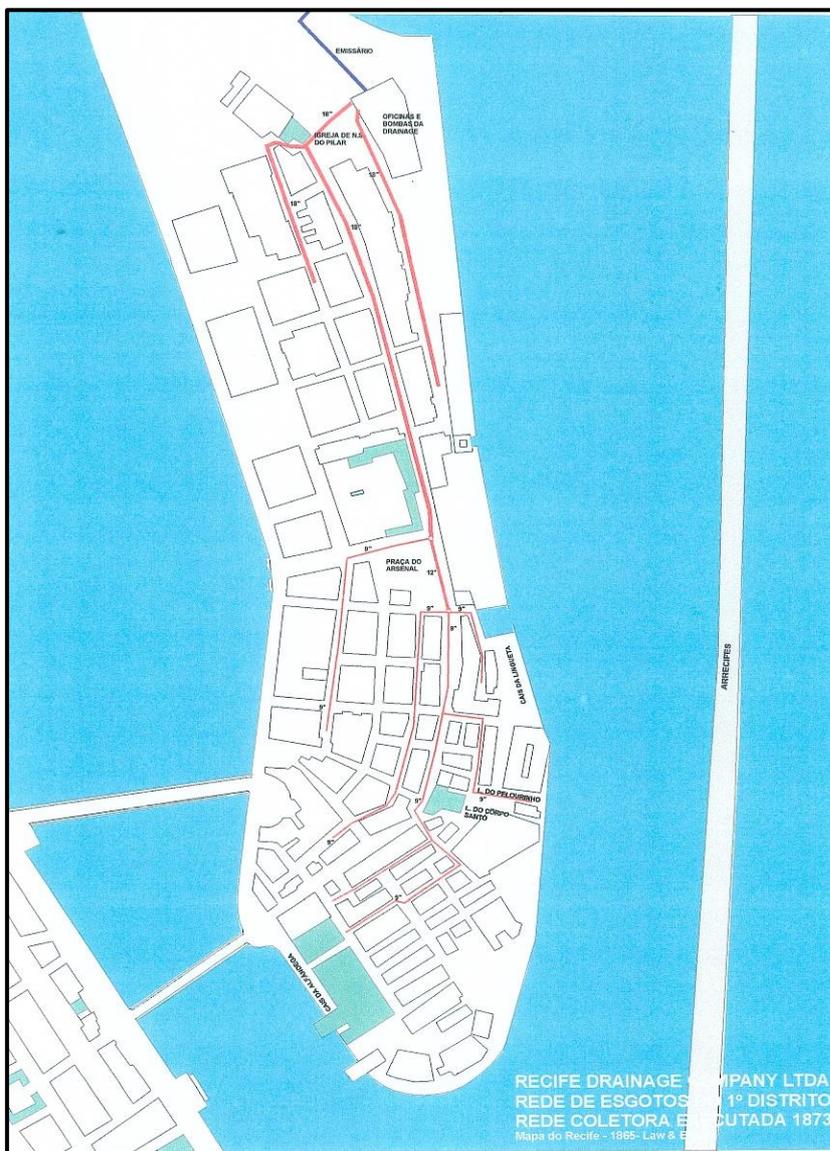


Figura 12 - Rede coletora esgotos do Bairro do Recife no ano de 1873 sobreposta a planta do Bairro do ano de 1906. Fonte: Menezes (2000). Adaptado.

2.7 Reformas do Século XX

O início do século XX foi bastante marcante na evolução urbana do Bairro do Recife. A reforma do Bairro, visando melhorar sua infraestrutura para permitir uma melhor circulação das mercadorias do porto, finalmente acontece.

Uma grande remodelação do Bairro do Recife só vem a acontecer no ano de 1910, com as reformas do chamado “Novo Recife” que foram executadas em paralelo aos melhoramentos do porto. Essa modernização objetivava o espaçamento de ruas, com o fim de facilitar o fluxo de mercadorias na área, prover o local com um saneamento adequado e a melhoria das instalações do porto (Lubambo, 1991, p. 100 a 104).



Figura 13 - Bairro do Recife antes das demolições. Fonte: Lubambo, 1991.

Apesar de possuir o objetivo de melhorar a circulação do bairro, esse episódio torna-se marcante pois não tiveram preocupação na preservação das antigas edificações existentes, havendo algumas que inclusive remetiam a seu núcleo original, bem como tantas outras representativas dos vários momentos pelo qual passou o Bairro do Recife.



Figura 14 - Bairro do Recife no ano de 1911 durante as demolições das obras do Novo Recife. Fonte: Lubambo, 1991, anexos.

Talvez o episódio mais marcante acontecido durante as obras do Novo Recife tenha sido a demolição da Matriz do Corpo Santo. Sua localização impedia que fosse executado o novo traçado urbano proposto para o Bairro. Apesar de ser a mais antiga igreja do Recife, construída

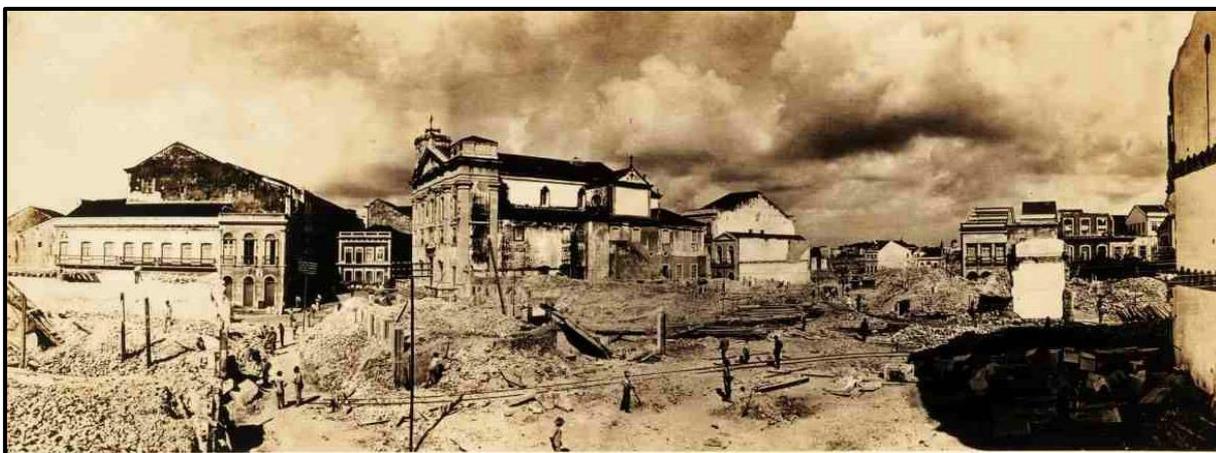


Figura 15 - Largo do Corpo Santo durante as demolições ocorridas na implantação do Projeto Novo Recife, uma das últimas imagens antes da demolição da Matriz do Corpo Santo. Fonte: Lubambo, 1991, anexos.

com a implantação do Povoado dos Arrecifes, a edificação veio abaixo para dar passagem a atual Avenida Alfredo Lisboa.

A reforma urbana no Bairro do Recife teve fim no ano de 1913, sendo um grande marco na história da cidade, não pela modernização ocorrida, mas pelo descaso com as edificações históricas do local.

Durante o século XX, o Bairro do Recife sofreu grande diminuição da sua população. O local passou a ser um reduto boêmio, com prostituição em larga escala. Na década de 1980, ocorreu a invasão do terreno da extinta Portobrás⁹, formando o que se conhecia por Favela do Rato (nome dado devido a alta concentração do roedor no local).

No ano 2000, com o decreto 18.570/2000, a localidade passou a ser chamada de Comunidade Nossa Senhora do Pilar, referindo-se a presença da igreja de mesmo nome. A Comunidade do Pilar é hoje única região do Bairro do Recife com uma concentração de residências.

No início dos anos noventa, o Plano de Revitalização do Bairro do Recife (PRBR) foi criado, objetivando uma requalificação urbanística para a área, surgindo um novo ponto de atração para a cidade, bem como torná-lo um polo turístico (Nery; Castilho, 2008). O Bairro do Recife foi dividido em três setores, esses subdivididos em polos, tomando como base as ações

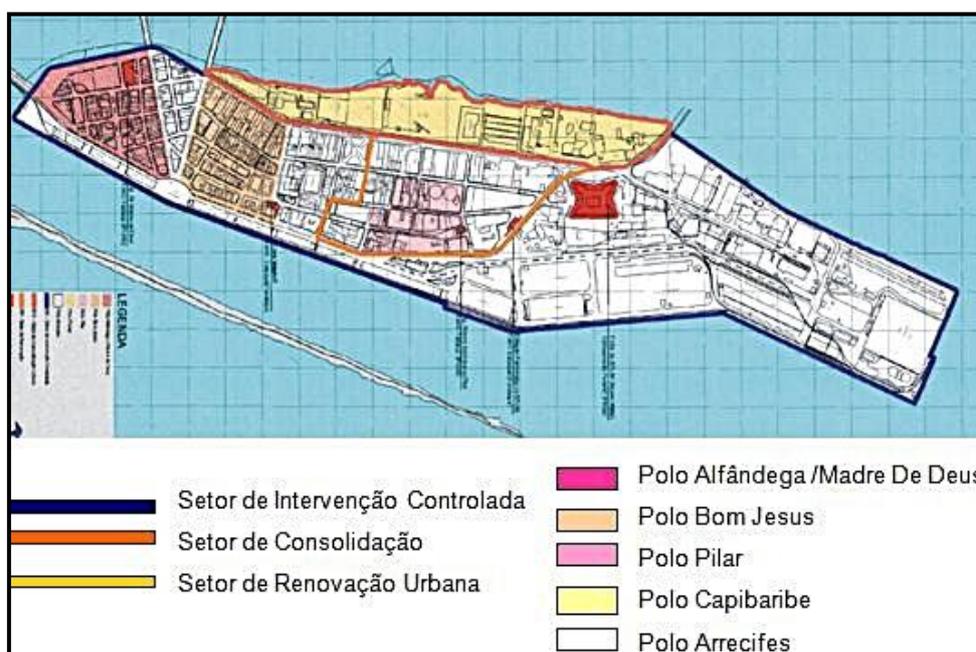


Figura 16 - Mapa do Plano de Revitalização do Bairro do Recife, 1993. Fonte: Nery; Castilho, 2008, p. 22.

⁹ Órgão governamental responsável pela fiscalização dos portos brasileiros, criada no governo de Ernesto Geisel (1974-1979), sendo abandonada no fim da década de 1980, devido a crise de endividamento no Brasil.

que seriam desenvolvidas para cada um (figura 16). Essa divisão ainda vem sendo usada nos atuais projetos.

Tais obras só se efetivaram em fins dos anos 2000. Em 2009 o Projeto de Requalificação Urbanística do Pilar foi aprovado no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), começando assim ações que visavam trazer uma melhor infraestrutura para os moradores daquele local.

Hoje o Bairro do Recife é um polo da vida noturna, com bares, boates e realização de eventos como shows promovidos pela prefeitura da cidade. O local apresenta traços de vários momentos pelos quais passou a cidade do Recife, sendo uma região, do ponto de vista estético e histórico, de bastante relevância.

Apesar de todas as obras e transformações ocorridas, somente no século XXI, é que tivemos primeiro acompanhamento arqueológico de obras executadas no Bairro, realizado devido a implantação de redes de fibra ótica no Bairro do Recife.

Além de serem importantes para compreensão da evolução urbana da cidade, as mudanças acontecidas no Bairro do Recife são essenciais para o entendimento do registro arqueológico da área. É de se pensar que cada uma delas deixou suas marcas não apenas na paisagem, mas modificou e ao mesmo tempo ajudou a construir o registro arqueológico hoje observado.

O Bairro do Recife teve três momentos mais significativos em termos de mudança no seu espaço urbano. Foram elas as ocorridas durante a ocupação holandesa, as reformas do porto na primeira metade do século XIX e as reformas do novo Recife, entre 1910 e 1913.

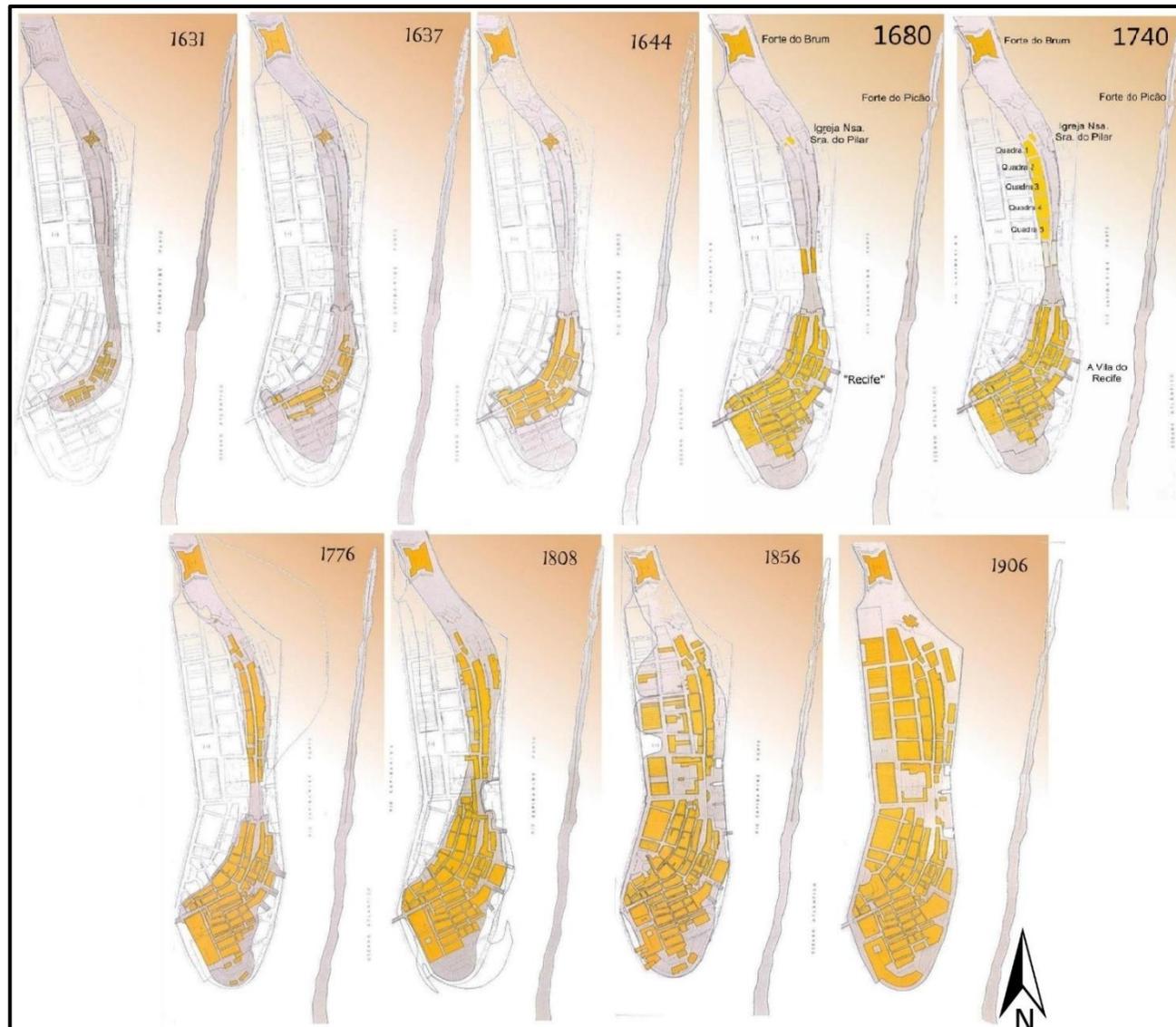


Figura 17 - Evolução urbana do Bairro do Recife. Fonte: Departamento de Programação Visual. DP/ URB Recife a partir do Atlas Histórico Cartográfico da Cidade do Recife de José Luis da Mota Menezes (org.). Adaptado.

3 - O REGISTRO ARQUEOLÓGICO DO BAIRRO DO RECIFE – PESQUISAS REALIZADAS E OS DADOS ENCONTRADOS

O Bairro do Recife está para a cidade do Recife assim como o coração está o para o corpo humano. É onde se iniciou o povoamento da cidade, sendo atualmente sua sede administrativa, abrigando a prefeitura e outros prédios do poder público, além de bancos e outros serviços de comércio. Tendo em vista que o Bairro está inserido em uma metrópole, assim por natureza bastante dinâmica, é de se imaginar as grandes mudanças que sofre uma capital do século XXI.

Essas mudanças incluem obras essenciais para a modernização e melhoramento da cidade, obras essas que, muitas vezes, exigem escavações e movimentações de terra. A legislação brasileira exige acompanhamento arqueológico em obras com movimentação de terra em áreas de interesse arqueológico, aplicável a tal localidade.

Durante este trabalho, não foram encontrados registros de acompanhamento arqueológico na área antes de 2000. Com as várias obras realizadas de tal período em diante, sendo executadas com acompanhamento arqueológico, temos a possibilidade de obter um panorama do registro arqueológico daquela localidade.

No intuito de demonstrar como se comporta o registro arqueológico da área e elucidar como as diversas transformações pelas quais a região passou são refletidas no contexto arqueológico, a seguir apresentamos um resumo das pesquisas arqueológicas realizadas no Bairro do Recife.

3.1 – Pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Polo Alfândega/Madre de Deus

Por ocasião das diversas obras de requalificação do Bairro do Recife, intervenções em prédios históricos da área e demais atividades que exigiram movimentação de terra, pesquisas arqueológicas foram necessárias para se mitigar o impacto ao patrimônio arqueológico presente

naquela área. Desta maneira, foram desenvolvidos acompanhamentos e estudos arqueológicos no Polo Alfândega/Madre de Deus do Bairro do Recife.

O contexto arqueológico encontrado remonta as diversas modificações ocorridas no Bairro do Recife, sendo possível visualizar parte do registro arqueológico deixado pelas transformações que ele sofreu.

3.1.1 Projeto do Cais da Alfândega¹⁰

Segundo o relatório final do Projeto do Cais da Alfândega (Albuquerque & Lucena 2003), o acompanhamento arqueológico ali desenvolvido, foi realizado na Av. Cais da Alfândega, na porção sul do Bairro (Figura 18). Efetuado em função da necessidade de alteração nas redes de drenagem abastecimento d'água na cidade, o acompanhamento foi feito ao longo das trincheiras abertas conforme as exigências da obra, não sendo escavadas nos locais escolhidos pelos pesquisadores. Foram monitorados os cortes feitos no empreendimento, bem como observados os materiais encontrados com a remoção do calçamento (Albuquerque *et al.*, 2003, p. 7 e 8).



Figura 18 – Porção sul do Bairro do Recife. Em amarelo, a área onde ocorreu o empreendimento.

¹⁰ Informações retiradas de Albuquerque & Lucena (2003) e Albuquerque *et al.* (2003).

A área do projeto está inserida em um aterro da segunda metade do século XVII, efetuado pela Ordem de São Pedro Néri, no intuito de ocupar e construir na área (Albuquerque *et al.*, 2003, p. 17). Em tal aterro, atualmente, encontram-se o Edifício Chanteclair, a Igreja da Madre de Deus, o Paço Alfândega e a Livraria Cultura. Segundo Albuquerque *et al.* (2003, p 21), a área, estando situada à margem do rio Capibaribe, era provavelmente local de descarte de diversas categorias de materiais por parte dos religiosos que a ocuparam. Tal descarte, de alguma maneira, pode ter contribuído para o aterro da área.

A estratigrafia encontrada era composta, em grande parte, por areia de origem flúvio-marinha, com presença de material malacológico (Figura 19). Em alguns pontos foi verificado a presença de alterações na estratigrafia, especialmente notado quando manilhas assentadas na areia foram encontradas (Figura 20).

O depósito de sedimento lamoso oriundo do rio também é observável nos perfis estratigráficos da área. É possível observar a intercalação entre camadas de lama e de areia depositados pela ação fluvial, o que também pode ter contribuído no crescimento do próprio istmo (Albuquerque *et al.*, 2003).

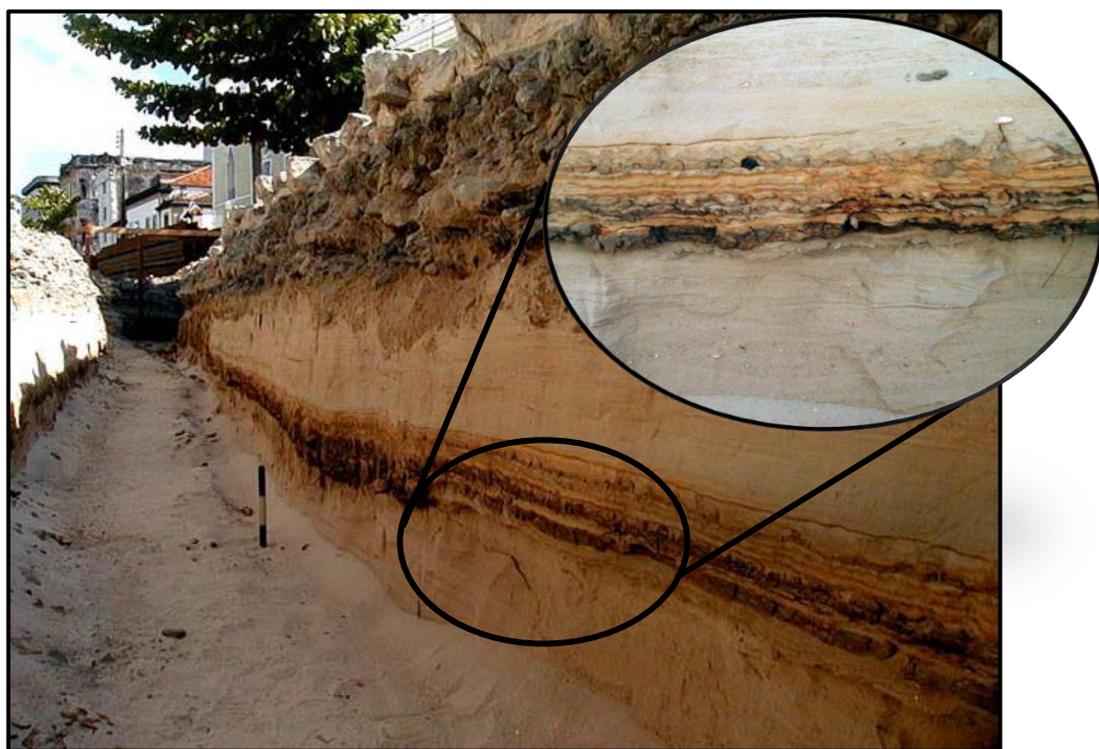


Figura 19 -Perspectiva de perfil estratigráfico de uma das tricheiras abertas durante o empreendimento. É destacável o trecho onde ocorre a intercalação entre depósitos de lama e areia. Fonte: Albuquerque *et al.* (2003), p. 21.



Figura 20 - Exemplo de interferência atual na estratigrafia da área. Albuquerque et al. (2003), p. 21

Estruturas de tijolos cerâmicos com argamassa de cal foram encontradas, identificadas pela equipe como sendo a base de antigos armazéns demolidos durante as reformas do Novo Recife (Figura 21).

Foram encontradas 2542 peças arqueológicas, dentre faianças, faianças finas, grés¹¹, cerâmicas vitrificadas¹², cerâmicas utilitárias¹³, fragmentos de garrafas de vidro, peças de ferro, cachimbos e ossos. Tendo a pesquisa se limitado ao traçado das trincheiras realizadas pelo empreendimento, não foram identificadas áreas de concentração desses materiais.

Também não se identificou a atividade relacionada a esse material, se a sua era origem era de lixo doméstico ou comercial. Parte desse material encontrado foi depositado na área pelo rio, em camadas de lama, observáveis no perfil estratigráfico (Albuquerque *et al.*, 2003, p. 28).

¹¹ Segundo Zannetini (1986, p. 121), grés trata-se de materiais “*com composição de contextura muito forte, dens, impermeável de grão fino, cozidos a altas temperaturas e levados a vitrificação total*”

¹² Materiais cerâmicos com revestimento vidrado que lhe dão impermeabilidade (Caldarelli, 2000, p. 120)

¹³ Objetos cerâmicos, como tigelas e panelas, utilizados em contextos domésticos.



Figura 21 - Parte da base de um antigo armazém. Fonte: Albuquerque *et al.* (2003, p. 24).

A área de abrangência do Projeto de Urbanização da Avenida Cais da Alfândega alcançava a região que outrora abrigou algumas antigas edificações construídas no século XVII, hoje não mais existentes. São elas: o Arco da Conceição, uma das antigas portas do Recife; a Capela de Nossa Senhora da Conceição, que ficava nas proximidades do Arco; e o antigo Cais da Alfândega, construído em 1843 por Henrique Luiz Pereira Freire.

De posse de tal conhecimento, a equipe responsável pelo acompanhamento arqueológico das obras realizou escavações visando localizar essas estruturas. Sabendo a sua localização aproximada, empreendeu-se com uma prospecção arqueológica com o objetivo de identificar, além da estrutura do Arco, a da capela que se situava nas proximidades.

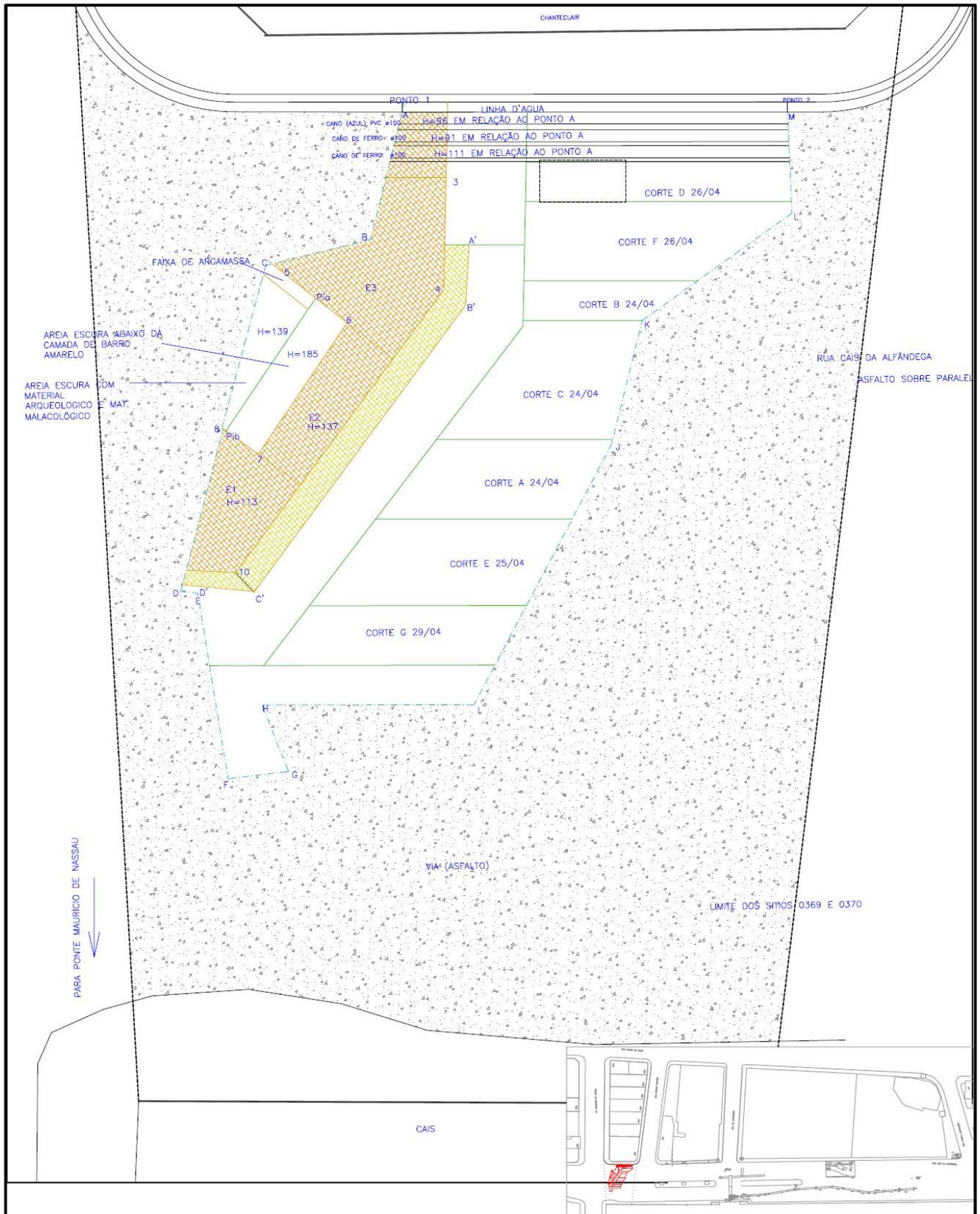


Figura 22 - Planta da escavação realizada para identificação de estruturas próximas ao local do antigo Arco da Conceição. Fonte: Albuquerque & Lucena (2003, p. 26).

Com uma trincheira aberta, foi encontrada uma estrutura sólida rejuntada com argamassa de barro e cal, não havendo possibilidade de obtenção de maiores informações sem a expansão da área escavada. Assim sendo, para um melhor reconhecimento, a escavação foi ampliada. Encontrou-se uma estrutura maior, sendo identificada, a partir de dados iconográficos, como parte da fundação de um antigo cais existente na área.



Figura 23 - Estrutura identificada durante as escavações. Fonte: Albuquerque *et al.* (2003a), p. 20.

Na área próxima ao antigo Arco da Conceição, os artefatos arqueológicos descobertos se mostraram em pouca quantidade, em comparação com os volumes encontrados em outros locais do Bairro do Recife. O material arqueológico estava, majoritariamente, presente em uma área com sedimento escuro e com presença de material malacológico (corte H=139 na Figura 22).

Apesar do pouco volume de artefatos encontrados, o local é marcado, como uma antiga área de depósito de lixo. Esses dejetos eram descartados em tal quantidade que, conforme seu acúmulo, vieram a contribuir com o aterro da área. Conforme Santos (2009, p 115), várias ruas

do centro do Recife surgiram ou foram alargadas através de aterros ocasionados pelo depósito de lixo que se misturavam à lama dos rios Capibaribe e Beberibe (ver Figura 24).

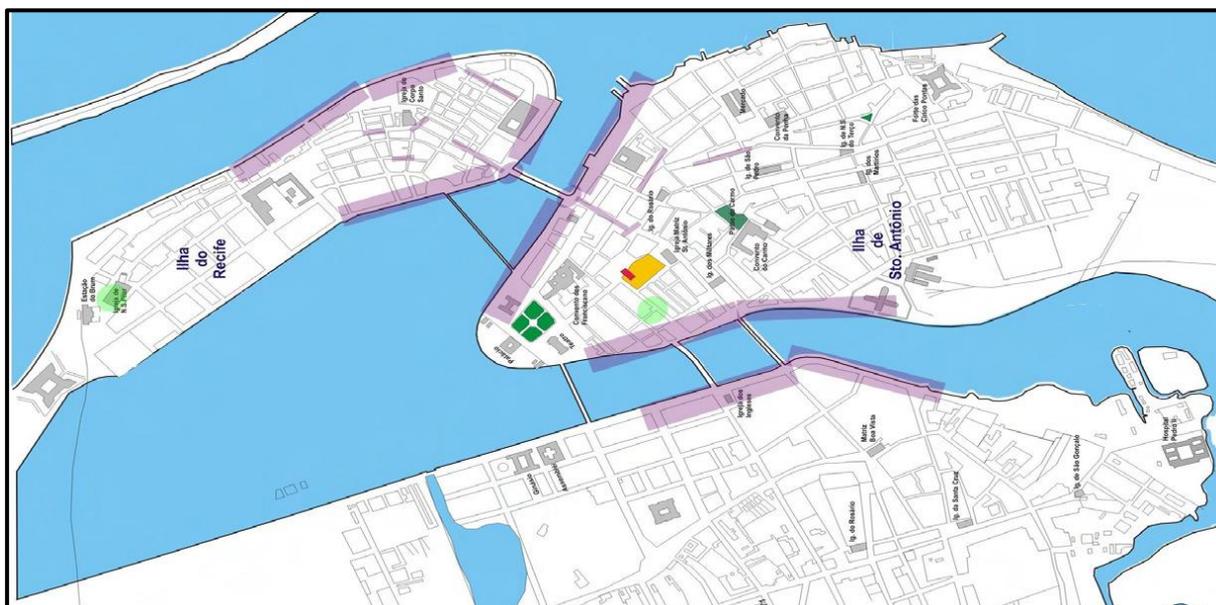


Figura 24 - Mapa do Recife, baseado em planta de 1906. As áreas em lilás representam os locais que foram aterrados por lixo ao longo dos anos. A área onde as escavações foram realizadas corresponde a um local de aterro realizado por lixo. Fonte: Santos (2009, p. 116). Adaptado.

Vale salientar que a composição do aterro da área pode ter ocasionado problemas no alcance da estabilidade para calçamento na rua, havendo necessidade de uma melhor preparação do terreno para o calçamento. Isso justificaria as várias camadas encontradas para o assentamento do asfalto. Essa construção da base para o asfalto, na área mostra-se como um possível fator de alteração no registro arqueológico outrora existente (Figura 25).



Figura 25 - Sucessivas camadas inseridas para assentamento do revestimento da rua. Fonte: Albuquerque *et al* (2003), p. 22.

3.1.2 – Pesquisas arqueológicas desenvolvidas na antiga Região do Forte do Matos/Lamarão

No ano de 2003, para a execução das obras do atual edifício garagem do Shopping Paço Alfândega/Livraria Cultura, foram realizadas pesquisas arqueológicas na área que compreende os atuais edifícios de números 271, 320 e 321 do Bairro do Recife (Silva Jr 2006). Durante o acompanhamento arqueológico de tais obras, a equipe descobriu as fundações do antigo Forte do Matos, existente no local até meados do século XIX. Também foram encontrados vestígios do Lamarão interno, uma espécie de pequena baía que foi aterrada, além de vestígios de um cais de pedra, que até então não se tinha conhecimento devido a sua não representação na cartografia histórica da cidade (Silva Jr, 2006, p. 48).

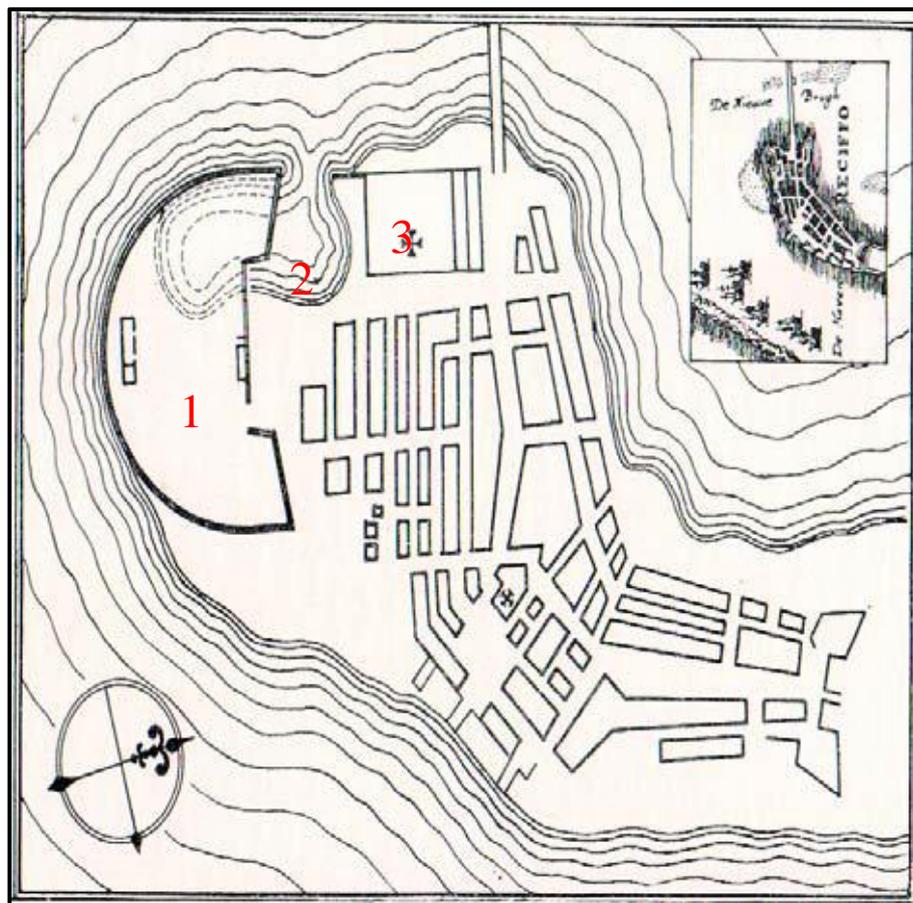


Figura 26 – Porção “dentro de portas” do Bairro do Recife, século XVIII. 1-Forte do Matos; 2- Lamarão; 3-Igreja do Convento do Oratório (Atual Igreja Madre de Deus). Fonte: Silva Jr. (2006, p. 75).

Foram identificados durante as escavações na região do Forte do Matos, cinco diferentes níveis (Silva Jr, 2006, p. 107-111). O **nível superficial** apresentava basicamente material relativo ao fim século XX, tratando-se de restos construtivos recentes. O **nível 1** foi interpretado como relativo ao início do século XX. Possuía, em grande parte de sua área, um piso de cimento, demonstrando que ações mais recentes que o próprio piso não alteraram os níveis inferiores e mais antigos. O nível também continha fragmentos de louças brancas, vidro e peças de ferro em menor quantidade. Segundo Silva Jr (2006):

[...]As camadas sedimentares desse trecho eram formadas principalmente pelo solo revolvido pelos tratores [que realizaram a limpeza inicial do terreno], pela cama de areia do piso de cimento e abaixo deste, pelos escombros de demolições que foram utilizados para nivelar o terreno no momento da construção do prédio do início do século XX[...] (Silva Jr 2006, p. 109)

No **nível 2** encontrou-se algumas estruturas e buracos do início do século XX. Neste momento foi possível observar, no fim desse nível, estruturas que, mais tarde, foram identificadas como pertencente a fundação do Forte do Matos. Contudo, na maior parte da camada, encontrou-se vestígios relativos ao século XIX, tendo sido identificadas estruturas do armazém de algodão, localizado na área durante o século XIX.

As camadas sedimentares observadas em tal nível possuíam grande horizontalidade, o que levou a interpretação de tratarem-se de aterros programados. O nível já apresentava uma maior quantidade de artefatos, sendo composto por cerâmicas, faianças finas, outros tipos de louça decorada e cachimbos.

O **nível 3** foi o de menor dimensão dentre os demais. Estava composto, basicamente, pelas estruturas do Forte do Matos. Nele pôde-se identificar, mais claramente, os diversos recintos da fortificação, bem como diferentes níveis de piso.

O **quarto** e último nível, localizado entre 2,4 m e 3,1 m de profundidade, é marcado pela identificação do final da fundação do forte. O único sedimento existente era formado por uma areia grossa, com uma coloração que ia do branco na região mais superficial, até o amarelo na parte mais funda (Silva Jr, 2006, p. 111). O sedimento amarelo foi identificado como de origem aluvial, relativo ao banco de areia já existente no século XVI.

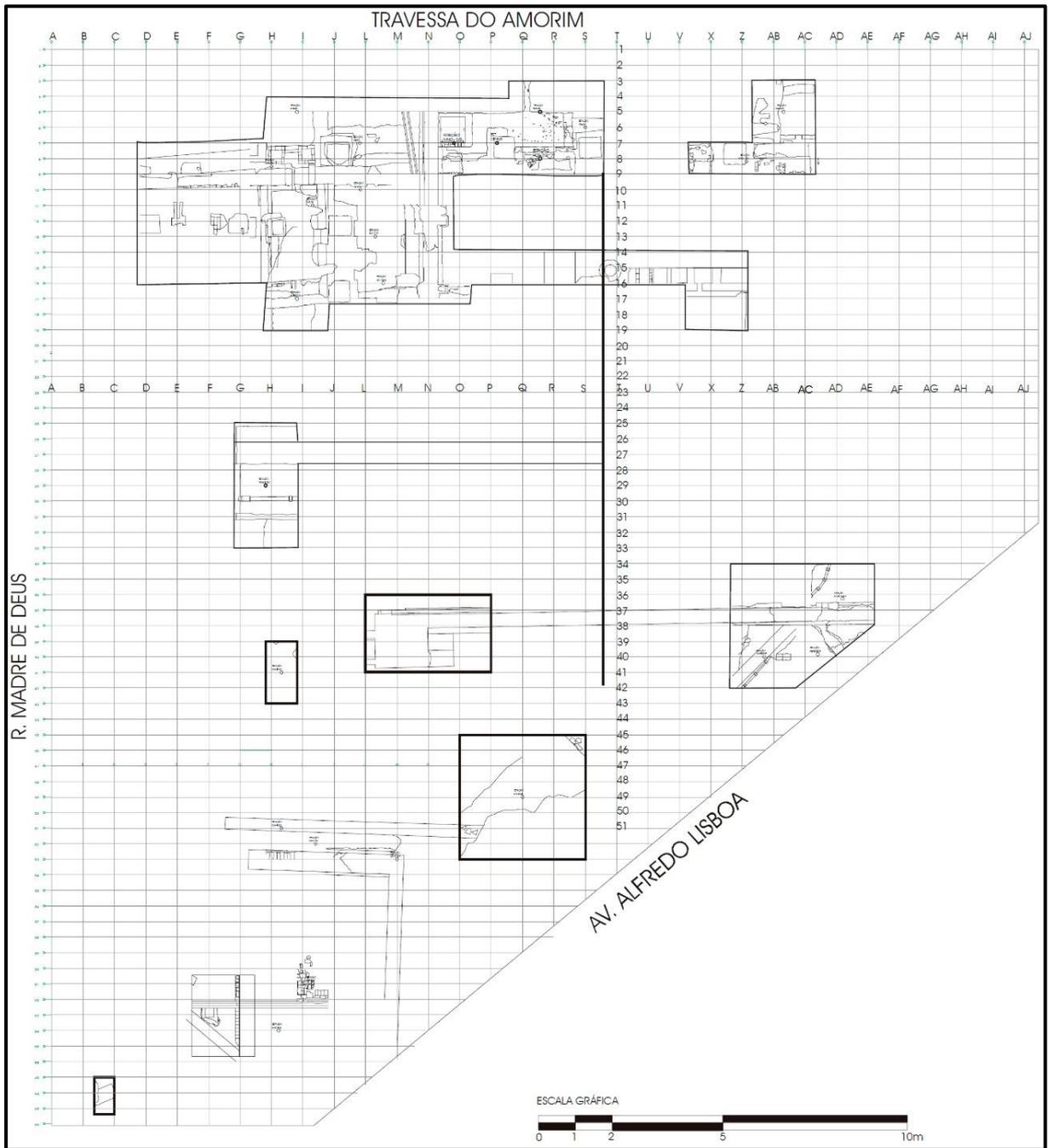


Figura 27 - Planta da escavação. Fonte: Silva Jr. (2006, p. 113)

As escavações na região do Lamarão identificaram um perfil estratigráfico onde pôde-se observar interferências de obras modernas. Os aterros realizados na área deram fim a antiga baía. Pode-se observar claramente a interferência de obras modernas no perfil estratigráfico local (Figura 28).

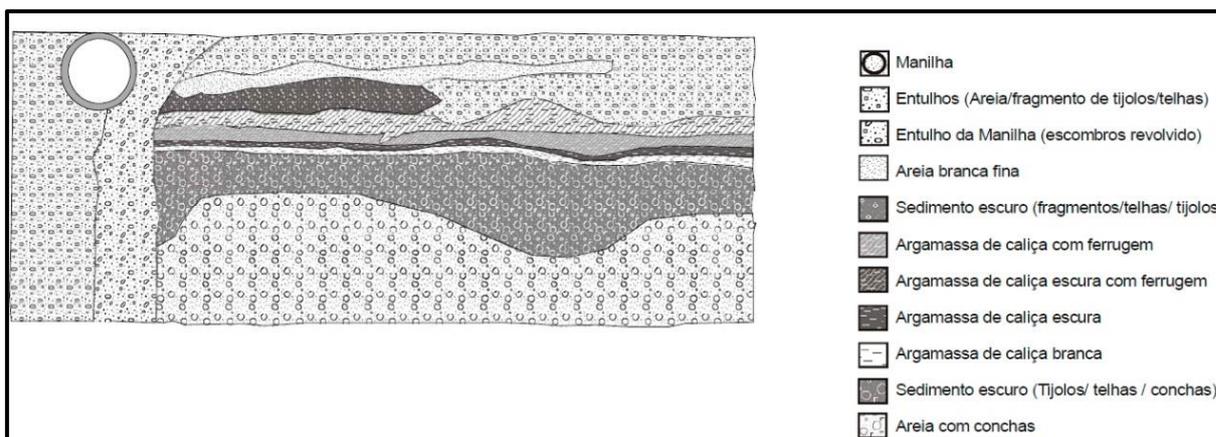


Figura 28 - Perfil estratigráfico leste da quadrícula U/V 18 do Lamarão. Fonte: Silva Jr. (2006, anexos).

3.1.3 – Pesquisas desenvolvidas na área do atual Shopping Paço Alfândega¹⁴

Com o propósito de reutilizar a antiga edificação da Alfândega do Recife, que foi o Convento dos Oratorianos da Ordem de São Felipe Neri, pesquisas arqueológicas foram realizadas na área, objetivando a compreensão das diversas fases pela qual a edificação passou. A reconstituição da evolução arquitetônica do prédio levou a constatações sobre os aterros que formam a área (Simis, 2005).

O crescimento da porção sul do Bairro do Recife se deu por conta da realização de diversos aterros. O aumento decorrente dessa atividade, possibilitou que novas construções fossem realizadas, crescendo o volume de edificações. A pesquisa arqueológica forneceu dados que possibilitaram a reconstituição das fases do atual edifício do Shopping Paço Alfândega, permitindo assim, uma intervenção arquitetônica que respeitasse a história da edificação (Simis, 2005) (Figura 29).

¹⁴ Informações retiradas de Simis (2005).

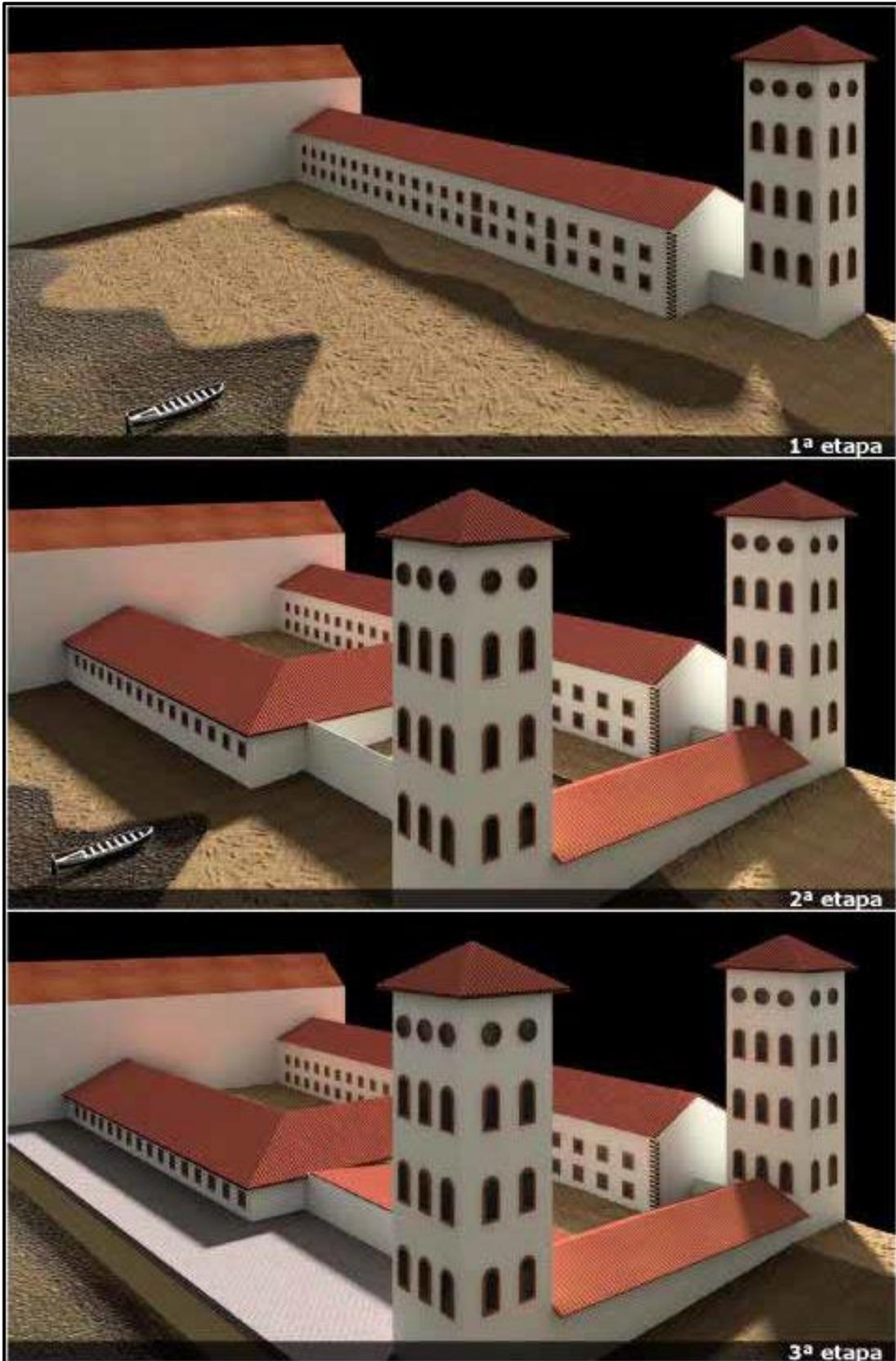


Figura 29 - Evolução do Convento dos Oratorianos, edificação que se localizava na atual área do Shopping Paço Alfândega. Observar o aumento da área edificada, algo somente possível devido a realização de aterros. Fonte: Simis (2005, p. 100).

3.2.3 - Pesquisas arqueológicas desenvolvidas na atual área da Rua da Moeda

Com propósito de atender ao Projeto de Revitalização do Bairro do Recife, proposto pela URB-Recife/MONUMENTA/BID, foi realizada, de 2006 a 2007, pelo grupo do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da UFPE, uma pesquisa arqueológica na atual área da Rua da Moeda. A pesquisa teve por objetivos:

Identificar as estruturas do planejamento urbano dos primeiros séculos de desenvolvimento da atual área do Pólo Alfândega do Bairro do Recife; Identificar as técnicas construtivas dos séculos XVI e XVII; Identificar atividades do cotidiano destas épocas através da cultura material; e, Identificar o processo de formação geológica do sítio e as alterações ocorridas nesse período. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA, 2009, p. 6)

Os estudos abrangeram as áreas da Rua da Moeda, trecho da Avenida Alfredo Lisboa, Rua Madre de Deus, Rua Vigário Tenório, Rua da Alfândega, Rua Aluísio Magalhães e Rua Aluísio Periquito. Nesses locais foram abertas valas, com a finalidade de instalar tubulações de drenagem das águas pluviais, esgoto, rede de telefonia e rede elétrica.

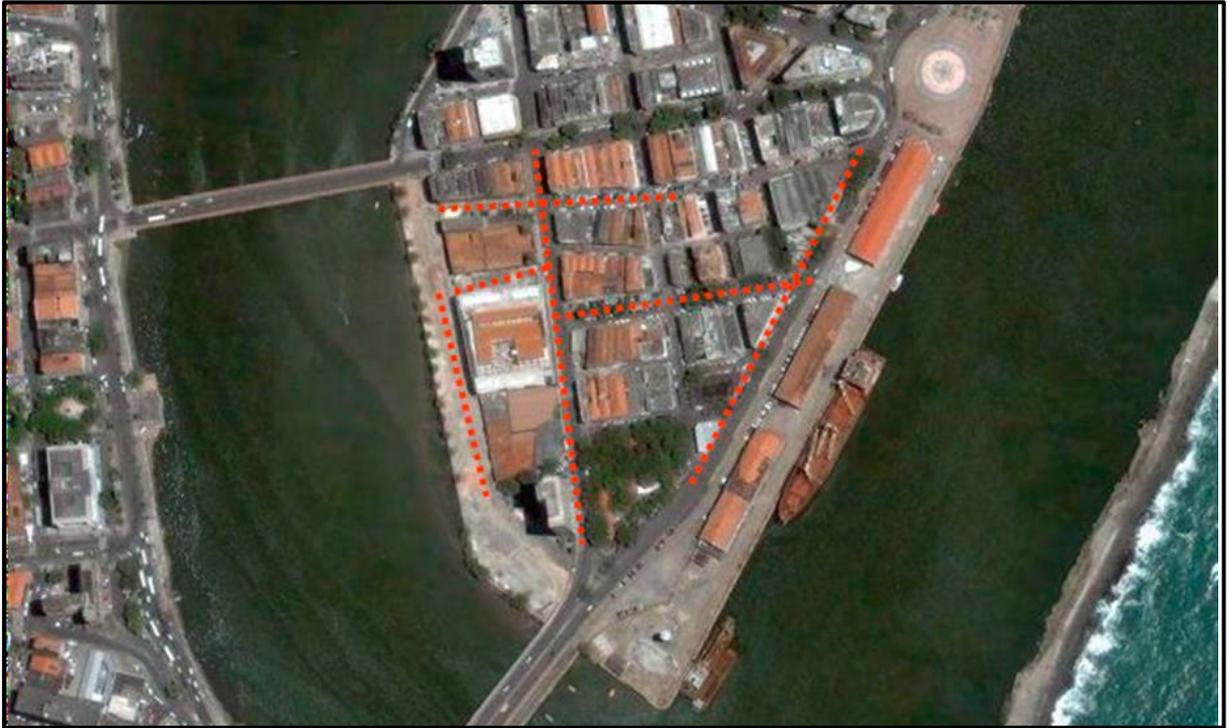


Figura 30 - Área de atuação do projeto, representado pelo pontilhado vermelho. Fonte: Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (2009, p.5). Adaptado.

A pesquisa arqueológica realizada acompanhou a abertura das valas escavadas por uma construtora. Elas tinham dimensão de dois metros de largura por dois metros de profundidade. Com a sua abertura, foi possível a identificação de estruturas de antigas edificações presentes no local. A equipe de arqueologia procedeu com a ampliação das escavações, objetivando um melhor entendimento de questões relacionadas a homogeneidade de tais estruturas construtivas, morfologias, revestimentos, bem como das camadas e da estratigrafia das áreas escavadas.

As escavações realizadas foram controladas por níveis artificiais com 30 cm de profundidade. As camadas estratigráficas encontradas eram, em sua maioria, relativas aos vários aterros sucessivos ocorridos no local. É importante observar que, segundo os autores da pesquisa, as camadas estratigráficas não se mostraram como um bom guia para a cronologia da área:

Os vestígios encontrados, no entanto, apresentam um alto índice de fragmentação devido aos constantes processos deposicionais e pós deposicionais tão característicos da formação do sítio arqueológico estudado. Outra dificuldade encontrada tem relação com a cronologia. As camadas estratigráficas não são uma fonte segura para o acompanhamento cronológico, uma vez que já houve várias intervenções que

tumultuaram o sítio. [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA, 2009, p. 59).

A composição desses estratos variava entre camadas de materiais de demolição, apresentando sedimentos arenosos que iam desde colorações mais claras até mais escuras, com presença de material cultural, malacológico, seixos rolados; bem como camadas de sedimentos muito escuros, até lamosos, apresentando estruturas mistas, inclusive de estruturas de madeira e cordas.



Figura 31 - Exemplo da estratigrafia encontrada durante os trabalhos desenvolvidos. Fonte: Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia (2009, p. 17).

Artefatos de diversos períodos foram encontrados, como faiança, faiança fina, cerâmica, grés, metais, vidros e cachimbos; perfazendo a quantidade superior a 10.000 fragmentos.

Quanto as estruturas, foram encontradas em todas as valas abertas durante o projeto. A análise desenvolvida as identificou como:

- Estruturas relativas a um antigo quarteirão do período holandês;
- Alvenarias relativas a alicerces na Rua da Madre de Deus, do antigo Cais localizado nas proximidades do atual Shopping Paço Alfândega;
- Alicerces identificados como do século XIX;
- Estruturas de poços de pedra e de tijolos;
- Estruturas para contenção de aterros;

- Estruturas de madeira, provavelmente do início da construção de um dos baluartes do Forte do Matos;
- Estruturas de casas do antigo “Quarteirão do Matos”, localizadas na área da atual Rua da Moeda.

3.2 Obras desenvolvidas no Polo Arrecifes

No Polo Arrecife foram realizados dois acompanhamentos arqueológicos nos anos de 2000 e 2001, ambos desenvolvidos pela equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

3.2.1 Acompanhamento Arqueológico das Obras de Manutenção da Galeria de Drenagem Pluvial da Área Próxima ao Marco Zero

No ano de 2000, com a necessidade de um trabalho arqueológico para que as obras de manutenção da galeria de drenagem pluvial, localizada nas proximidades do Marco Zero do Recife, não atingissem antigas estruturas ali presentes, pesquisas arqueológicas foram desenvolvidas na área (Albuquerque & Lucena 2000).

Durante as obras de manutenção valas foram abertas, revelando material arqueológico histórico e estruturas de antigas edificações do local. A chegada da equipe de arqueologia só se deu após a abertura dessas valas, tendo ela desenvolvido o trabalho objetivando o salvamento do material de interesse arqueológico encontrado na área (Albuquerque & Lucena, 2000, p. 9).

O trabalho desenvolvido compreendeu o resgate do material já evidenciado pelas escavações das valas, do registro dos perfis estratigráficos revelados e das estruturas encontradas (Figura 32). Os artefatos encontrados foram, em sua maioria, faianças e faianças finas, também existindo fragmentos de grés e cerâmica utilitária. Como o trabalho de arqueologia foi realizado após a aberturas das valas, esses materiais não puderam ser plotados na estratigrafia local (Albuquerque & Lucena 2000, p. 9).

Vale salientar que foram também encontrados fragmentos de cerâmica identificada como tupiguarani, mesmo tratando-se de uma área marcada pela ocupação histórica. Infelizmente, dada a maneira que a intervenção arqueológica aconteceu, esses artefatos não foram associados a nenhuma camada estratigráfica.

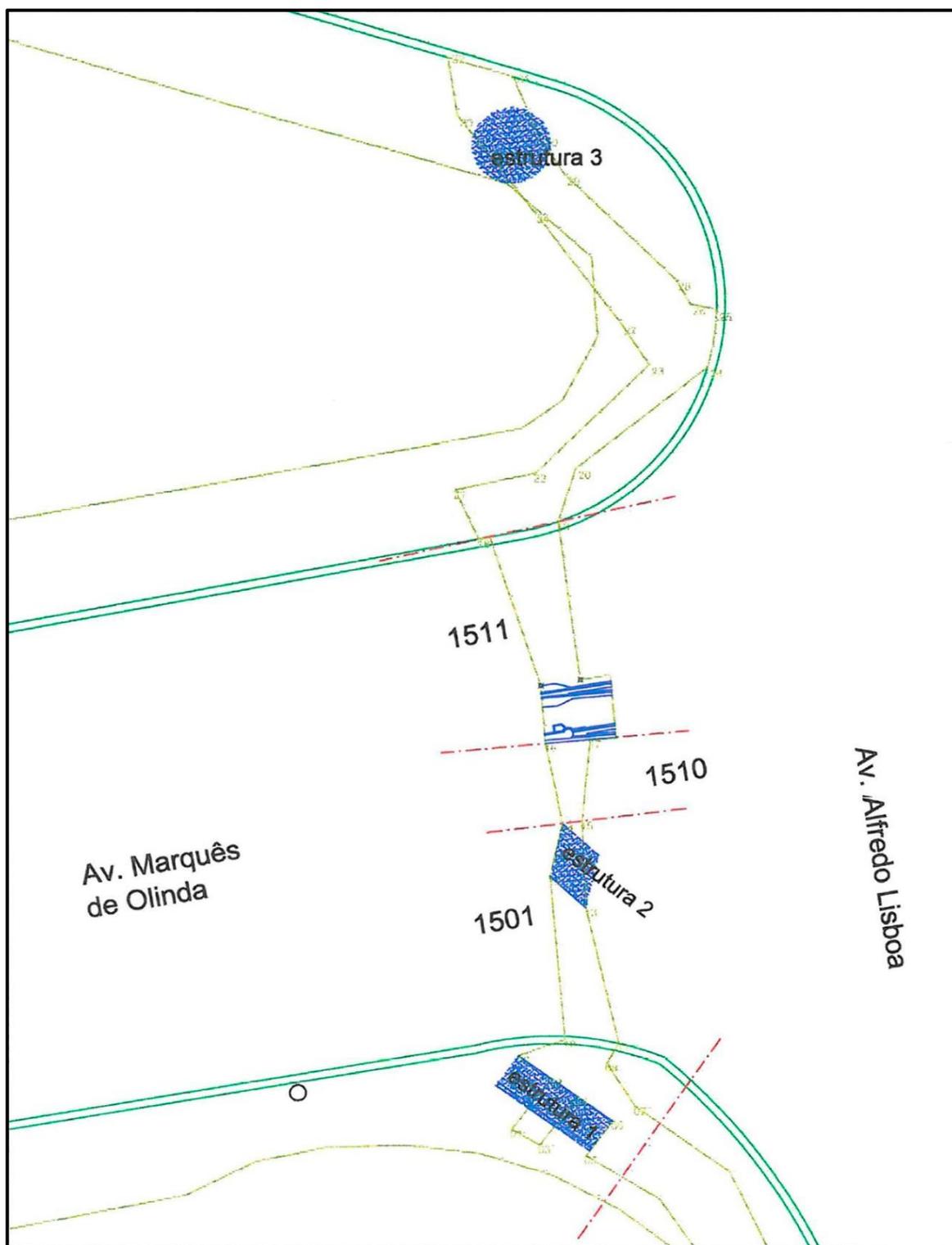


Figura 32 - Planta das escavações realizadas, com as estruturas localizadas plotadas. Fonte: Albuquerque & Lucena (2000, p. 40).

A estratigrafia encontrada, como é comum em contexto urbanos, se mostrou bastante complexa. Várias camadas indicavam diferentes momentos de intervenção. Estratos de areia escura e clara eram comuns, muitos desses com abundante presença de restos construtivos. Foram evidenciados, também, canos de ferro, o que indica interferência recente em camadas mais profundas (Figura 33 e Figura 34).

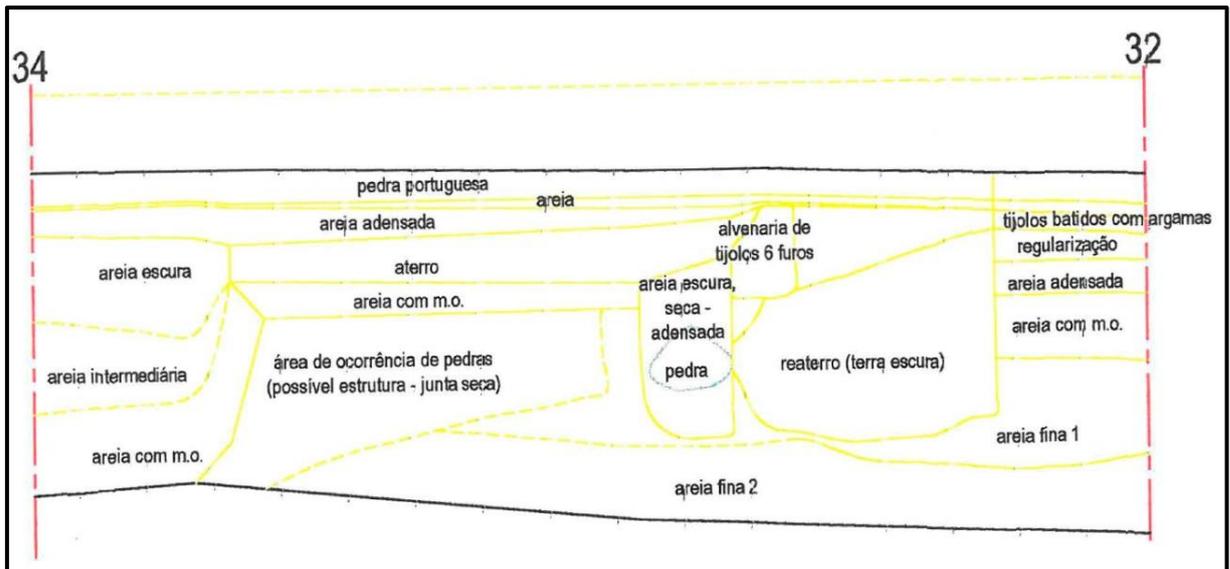


Figura 33 - Perfil estratigráfico 32-32 registrado durante o acompanhamento. Nele é possível observar a complexidade das diversas camadas do local. Fonte: Albuquerque & Lucena (2000, p. 51).

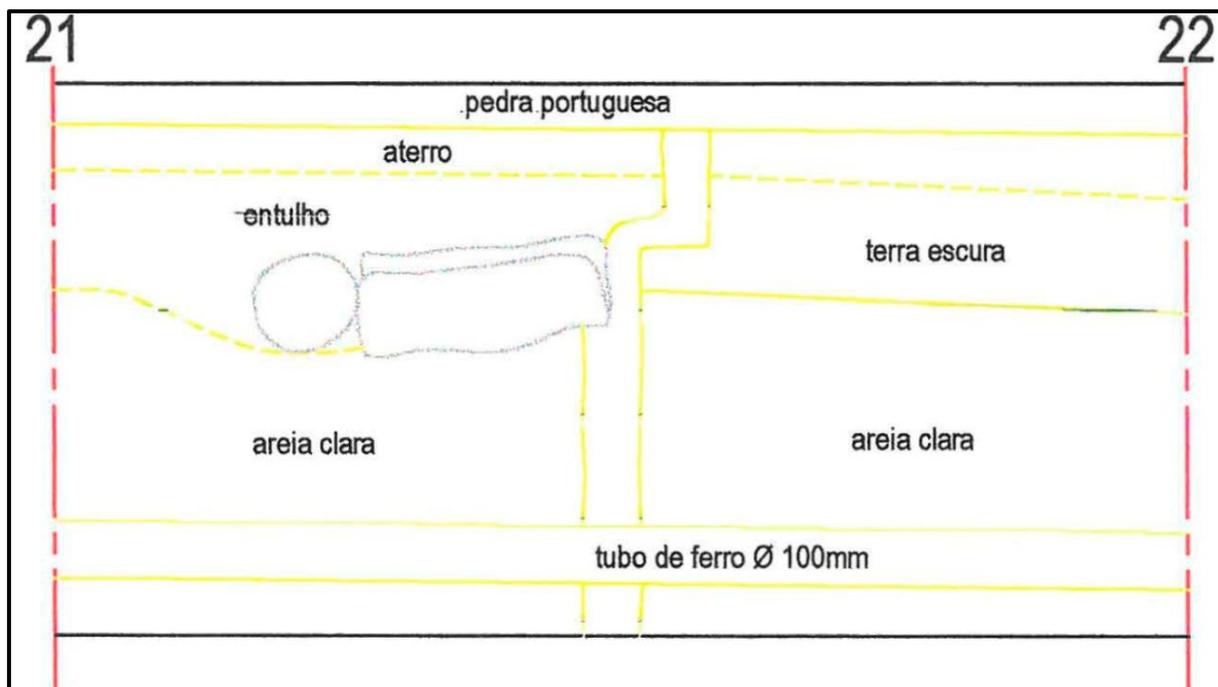


Figura 34 - Perfil estratigráfico 21-22. A tubulação de ferro que encontra-se representada no perfil demonstra interferências antrópicas mais recentes no perfil. Fonte: Albuquerque & Lucena (2000, p. 49).

3.2.2 Acompanhamento Arqueológico das Obras de Drenagem da Praça Tiradentes

Em 2001 foram realizadas obras de drenagem pluvial na Praça Tiradentes, com a abertura de valas para embutimento das redes de drenagem. A equipe de arqueologia veio a participar do empreendimento de maneira a recolher o material arqueológico encontrado com as escavações das valas e registrar as possíveis estruturas que aparecessem no local (Figura 35; Albuquerque & Lucena, 2001).

O material arqueológico encontrado remeteu, principalmente, ao século XIX. De 26.721 artefatos encontrados, 14.205 (pouco mais de 53% do total de peças) foram classificados como faiança fina, material que chega no Brasil em grandes quantidades somente no século XIX (Albuquerque & Lucena, 2001).

Situado acima de uma camada de areia grossa, clara e muito úmida, com raros materiais arqueológicos e muito material malacológico, encontrou-se um estrato com grande quantidade de artefatos (Figura 36). Essa camada é composta por um sedimento escuro e arenoso, rico em matéria orgânica. Até o início do século XX, tal camada ficava a margem do rio Albuquerque & Lucena, 2001).

3.3 Pesquisas Desenvolvidas no Polo Bom Jesus

Neste polo, duas pesquisas arqueológicas que se mostraram de grande importância no entendimento da história da cidade foram realizadas. Uma delas foi a que encontrou a Sinagoga Kahal Zur Israel, a primeira das Américas, na Rua do Bom Jesus (Albuquerque & Lucena 2000a; 2000b). A outra desenvolveu escavações na área do antigo Baluarte Porta da Terra, obra de construção holandesa, que dividia as chamadas regiões “dentro” e “fora de portas” do Bairro do Recife (Medeiros, 2005).

3.3.1 Pesquisas Arqueológicas na Sinagoga Kahal Zur Israel

A Federação Israelita de Pernambuco, já ciente de informações históricas as quais relatavam a existência da Sinagoga que seria a primeira construída nas américas no Bairro do Recife, preocupava-se com a localização dessa edificação. Assim sendo, a Federação solicitou a equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco a elaboração de um projeto de pesquisa para o estudo arqueológico da área apontada pelos registros históricos e cartográficos com tendo existido a Sinagoga Kahal Zur Israel. A escavação foi desenvolvida no período entre outubro de 1999 e janeiro de 2000, conseguindo localizar as estruturas relativas a antiga edificação da Sinagoga.

Com a realização das escavações, sete diferentes pisos de ocupação foram encontrados. O mais antigo deles foi identificado como o da ocupação judaica no local, no século XVII. Os posteriores, mostraram-se relativos aos diversos momentos pelos quais o bairro passou, sendo eles relativos a aterros realizados principalmente para acompanhar a alteração no nível da rua (Albuquerque & Lucena, 2000b, p. 8).

O material utilizado para realização de tais aterros foi proveniente, principalmente, da zona portuária. Formou camadas bastante ricas em material arqueológico, contudo a associação desse material com a próprias edificações mostra-se duvidosa, pois os artefatos poderiam ter sido trazidos juntamente com o material de aterro de outros locais (Albuquerque & Lucena 2000b, p. 10).

3.3.2 Pesquisas Arqueológicas no Baluarte Porta da Terra

Descoberto através de atividades de acompanhamento arqueológico pela equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE (LA/UFPE), coordenada pelo Prof. Marcos Antônio Gomes de Matos Albuquerque, o Baluarte Porta da Terra, localizado próximo a atual Praça do Arsenal da Marinha, foi escavado arqueologicamente no ano de 2004. Ainda é possível visualizar no local uma janela arqueológica deixada após as escavações, mostrando o antigo baluarte.

Posteriormente aos trabalhos do LA/UFPE, Medeiros (2005) realizou pesquisa, cujo principal objetivo foi a análise da estrutura do baluarte para identificação da autoria daquela construção. Após a finalização dos estudos, chegou-se a conclusão que trata-se de uma edificação inicialmente holandesa.

O sedimento encontrado nas regiões escavadas era formado por areia grossa de coloração amarelada, evidenciado uniformemente (Medeiros, 2005, p. 57). As escavações constataram diferentes áreas de aterro, representantes de três momentos:

- 1) na área interna da muralha, que provavelmente corresponde à construção do Forte do Bom Jesus e da Capela do Bom Jesus;
- 2) na demolição da capela do Bom Jesus e no nivelamento da rua para a construção do Arsenal da Marinha, que utilizou parte da muralha de cantaria que dava para o mar;
- 3) no aterro externo à muralha, que provavelmente corresponde ao fechamento do dique em U, aterrado quando da reforma urbana do início do século XX para a implantação da Av. Alfredo Lisboa. (Medeiros, 2005, p. 57).

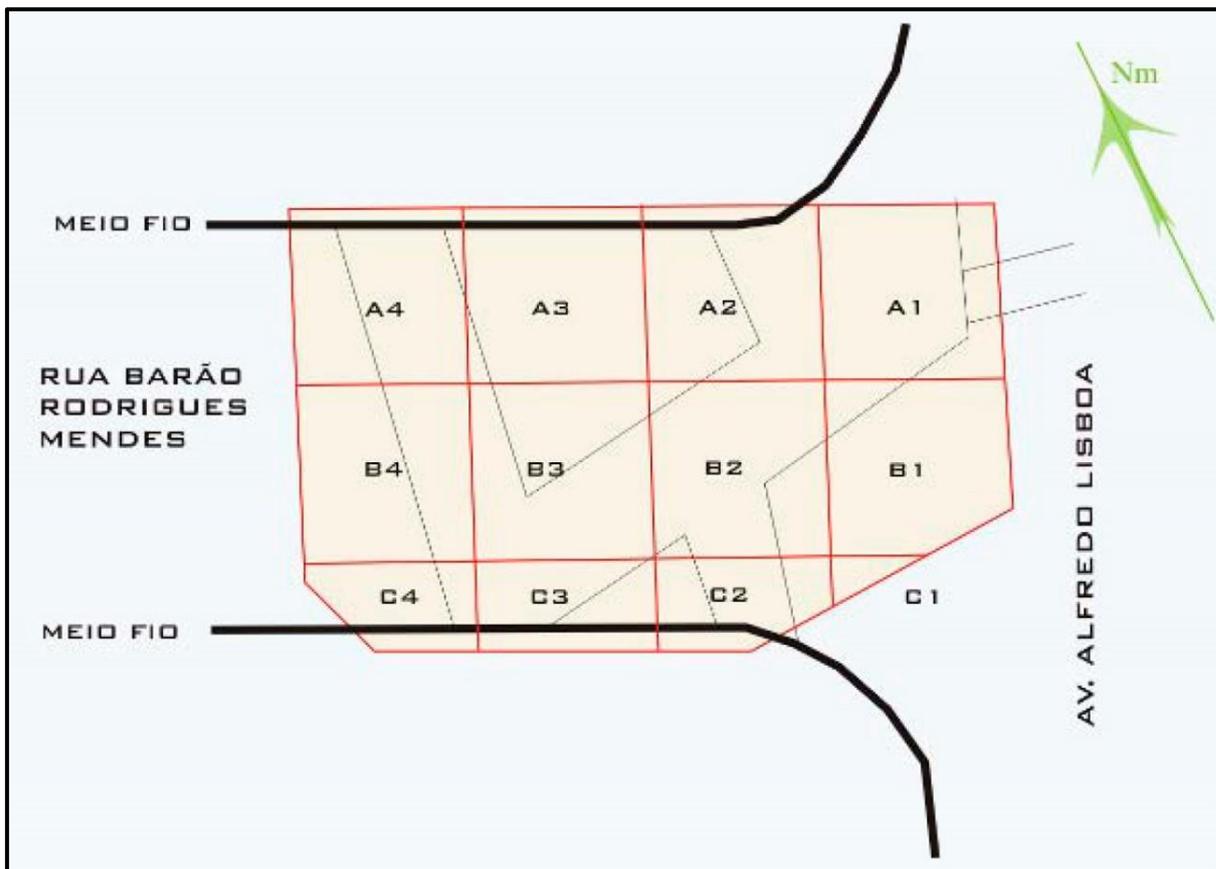


Figura 37 - Mapa da escavação. Pode-se observar o contorno da estrutura do Baluarte Porta da Terra. Fonte: Medeiros (2005, p. 56). Adaptado.

4 – O REGISTRO ARQUEOLÓGICO DO HABITACIONAL DO PILAR

Neste capítulo apresentamos os dados obtidos durante a pesquisas arqueológicas do Habitacional do Pilar. O enfoque se deu na maneira como esse registro arqueológico veio a se formar e nas modificações que ele sofreu ao longo dos séculos, tentando assim enxergar os impactos que essas mudanças tiveram nas interpretações arqueológicas atuais.

Primeiramente, é válido uma breve menção ao início das ocupações na área do Pilar, tratando um pouco das transformações que o local sofreu ao longo de sua existência. Os estudos desenvolvidos na área do Habitacional do Pilar foram realizados principalmente em dois locais: Quadras 40 e 55. Mostraremos o surgimento desses locais no Bairro.

Apresentamos também alguns acontecimentos locais que podem ter ocasionado tal impacto arqueológico. Conhecer essas interferências possibilita uma melhor visão das potencialidades e limitações da interpretação arqueológica, elucidando a que tipo de perguntas poder-se-á responder a partir daquele registro.

Em seguida, abordamos o próprio registro encontrado, descrevendo-o, ao mesmo tempo em que o relacionamos às mudanças que ocorreram na área. Isso se mostrará importante no momento de nossa argumentação quanto aos limites que esse contexto arqueológico impõe.

4.1 Um breve histórico da área do Habitacional do Pilar

A área do atual Habitacional do Pilar localiza-se na antiga região denominada “fora de portas”. A ocupação naquela área só vem a acontecer ao fim do século XVII, após a expulsão holandesa. A construção da Igreja de Nossa Senhora do Pilar é a edificação que marca e vai orientar a ocupação que lá se iniciou (Figura 38). Tem-se, a partir da Igreja, o surgimento de um arruado, que vem a se tornar a atual Rua de São Jorge (Menezes, 1988).

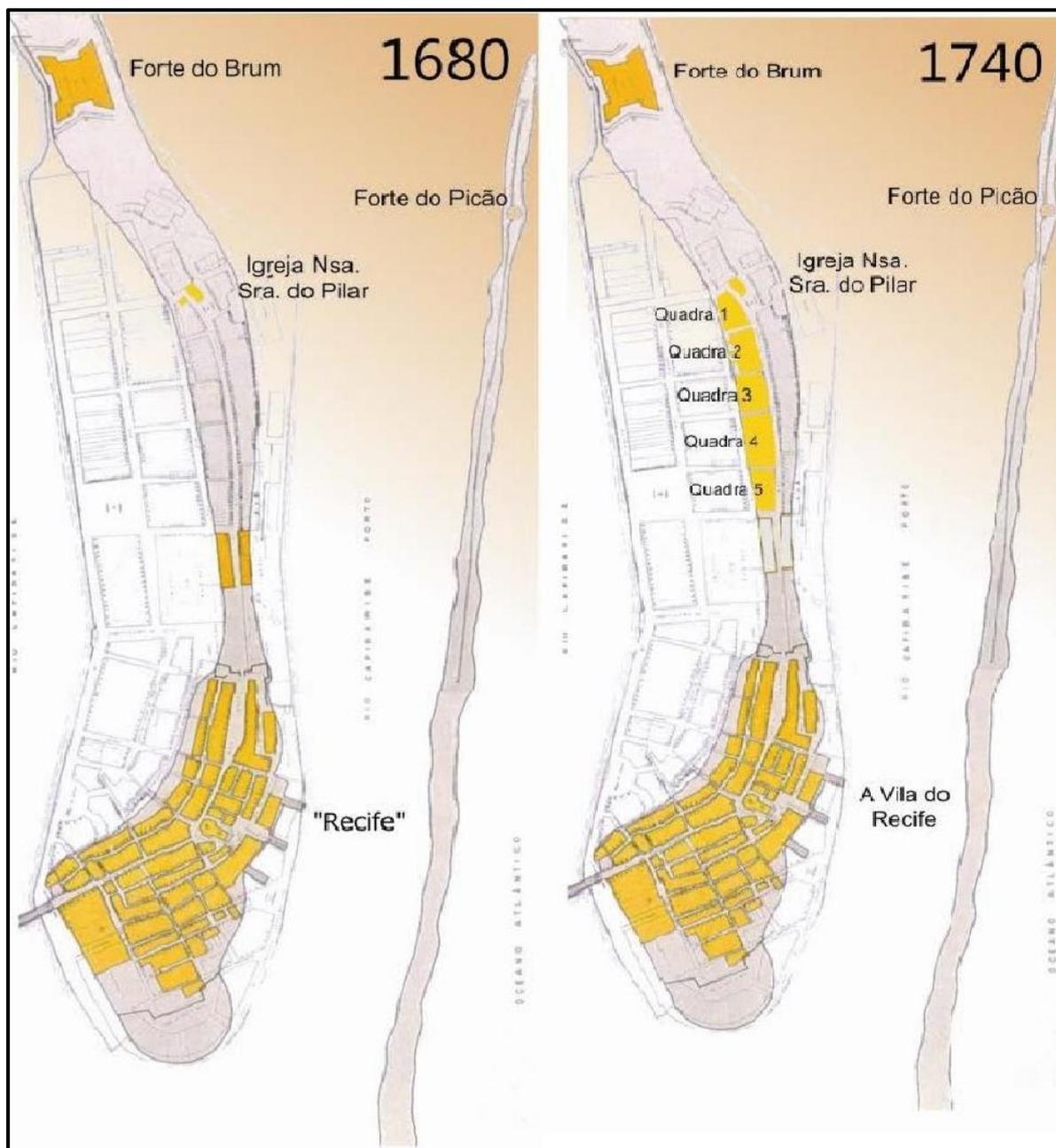


Figura 38 - Plantas do Bairro do Recife nos anos de 1680 e 1740. Fonte: Departamento de Programação Visual. DP/ URB Recife a partir de Menezes (1988). Adaptado.

Como observa-se na Figura 38, em 1680 já é possível visualizar a Igreja do Pilar, construída ainda na década de 1670. As habitações, representadas nas quadras de 1 a 5, na planta de 1740, tem sua construção iniciada ainda no século XVII. Uma das quadras estudadas durante as pesquisas no Habitacional Pilar foi a Quadra 55, que encontra-se representada como “Quadra 3” na imagem. Até o início do século XX, quando aconteceram as reformas do Novo Recife, a região esteve ocupada por casas de moradias. A área da quadra, já na segundo metade do século XX, foi ocupada pelos moradores da atual Comunidade do Pilar, sendo realizadas diversas construções irregulares no local (Figura 39).



Figura 39 - Quadra 55 no ano de 2009 (esquerda), antes da pesquisa arqueológicas realizadas na área; e em 2015 (direita) após o término da pesquisa. No segundo momento já observa-se a área livre, após a retirada das habitações.

A Quadra 40 veio surgir somente na segunda metade do século XIX. A área na qual está inserida, encontrava-se inundada até o período em que ocorreram os aterros das primeiras obras de modernização do porto, no início do século XIX. Apesar de já estar aterrada, a construção de moradias neste espaço só veio a acontecer após o ano de 1856 (Figura 40).

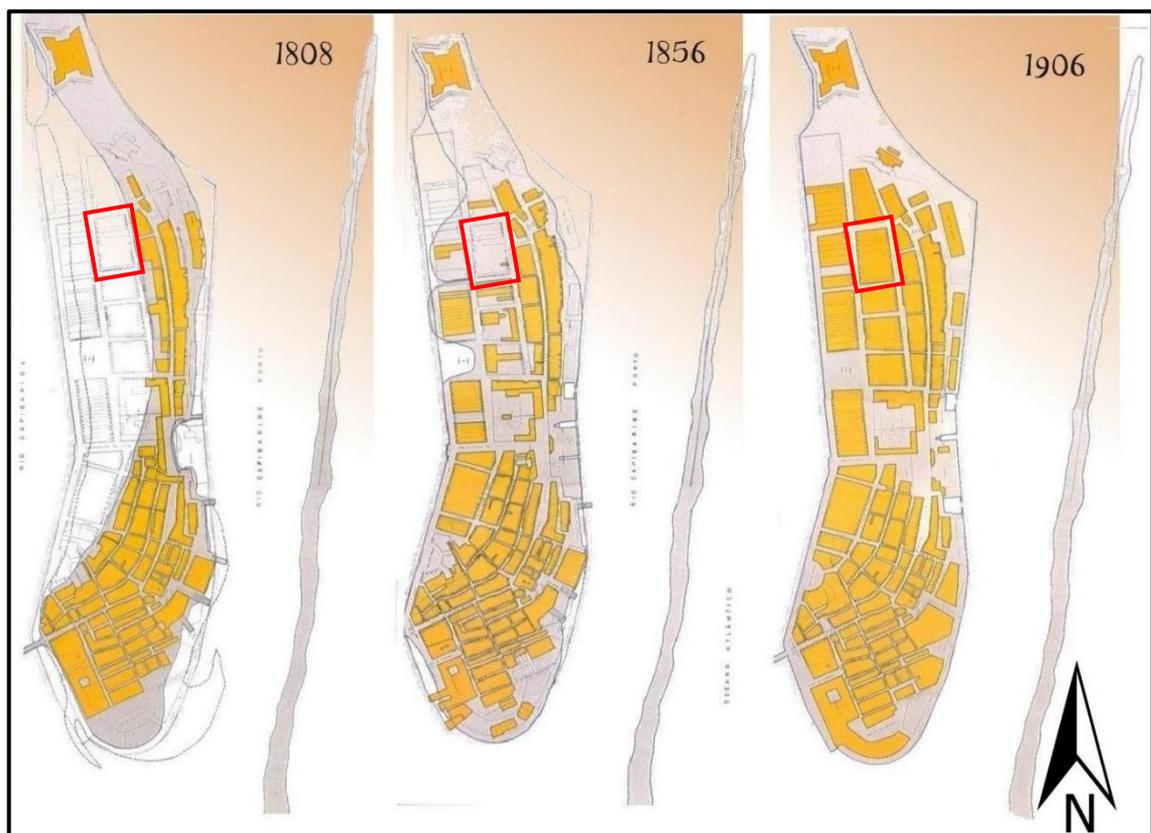


Figura 40 - Plantas do Bairro do Recife dos anos de 1808, 1856 e 1906. Em vermelho encontra-se a área da Quadra 40 do Habitacional Pilar. Fonte: Departamento de Programação Visual. DP/ URB Recife a partir de Menezes (1988). Adaptado.

As reformas do Novo Recife, ocorridas no início do século XX, não tem grandes impactos na região “fora de portas”, em comparação com o ocorrido na região “dentro de portas”. Com base na cartografia pesquisada (Menezes, 1988), não se observam diferenças significativas após a finalização dessas modificações.

Posteriormente, no século XX, outros acontecimentos de impacto ao registro arqueológico acontecem no local. As atividades do Porto do Recife começam a exigir uma área maior, havendo utilização daquele espaço para atividades portuárias. A implantação da empresa Moinho Recife, já no ano de 1917, marca esse novo tipo de utilização do local. Contudo, para a instalação da empresa, foram realizadas obras que impactaram o registro arqueológico da área. A implantação dos silos da empresa Moinho Recife, na área da atual Quadra 40, representa um grande impacto arqueológico pela destruição dos vestígios das antigas moradias que existiam no local (figuras 40 e 41).



Figura 41 -Área da Quadra 40 antes do início das obras do Habitacional do Pilar. É possível visualizar os espaços ocupados pelos silos, então demolidos. Fonte: FUNDAÇÃO SERDÓ, 2010a, p. 12.

Grande parte do terreno onde foi implantado o Habitacional do Pilar, era de responsabilidade da hoje extinta Portobrás, órgão responsável pela fiscalização dos portos

brasileiros. Durante o século XX, o Bairro do Recife sofreu grande diminuição da sua população, tornando-se basicamente um bairro com fins comerciais.

Com extinção da Portobrás, houve na década de 1980, a invasão de seus terrenos, formando o que se passou a conhecer por Favela do Rato. Surge uma nova população que vem a construir moradias de maneira desordenada, muitas vezes se utilizando das antigas ruínas das edificações, como apoio para as novas construções. Essa ocupação vem a abranger toda a área em que foram desenvolvidas as pesquisas arqueológicas para a implantação do Habitacional do Pilar.

4.2 A análise das louças

O material analisado foi escolhido devido as ricas informações de cunho cronológico que trazem. Determinados tipos de louça possuem um período de fabricação conhecido, de maneira a poder-se obter uma cronologia de quando esses artefatos foram depositados. Entretanto, nem sempre a data média fornecida pela análise das louças está correta. Fatores pós-deposicionais podem influenciar no resultado obtido através desse tipo de datação.

Todavia, isso pode não ser enxergado como uma limitação. A verificação de uma data média não condizente com o registro arqueológico que se está trabalhando, serve de indicador de possíveis alterações que o contexto sofreu. Tais mudanças têm o poder de influenciar nas interpretações que o arqueólogo poderá chegar com base naquele contexto. Assim sendo, apresentamos aqui os critérios utilizados para a análise da louça do Habitacional do Pilar.

O termo louça foi escolhido pois trata-se de um nome que abrange os diferentes materiais contemplados em nossa análise, sendo eles: faiança, faiança fina e porcelana.

Faiança é definida como artefatos “*feitos com argila de grande plasticidade, cozidos à temperatura reduzida, porosos e resistentes. Estes são recobertos de esmalte opaco à base de compostos de chumbo e estanho tornando-se mais duros e sonorosos.*” (PILLEGI, 1958 *apud* Zannetini, 1986, p. 120).

Segundo Caldarelli, esse material pode também ser definido como:

“tipo de louça branca de pasta opaca, compacta, fratura irregular, porosa, de coloração bege a avermelhada e esmalte poroso branco. Pode ser considerada como uma cerâmica vitrificada, elaborada a partir da combinação de seis partes de argila plástica (barro) e quatro partes de cálcio (caulim).” (Caldarelli, 2000, p. 119)

Já a **faiança fina** define-se como “*uma louça branca com pasta permeável, porosa, opaca, de textura granular e quebra irregular que, para se tornar impermeável, é coberta com um esmalte*” (CALDARELLI 2000, p. 119).

A **porcelana** trata-se de “*uma louça branca, vitrificada e translúcida, descoberta na China durante a dinastia Tang (618-906 d.C.) (Brancante, 1981:156), cuja alta temperatura de queima, entre 1300°C e 1450°C elimina o limite entre a pasta e o esmalte (Worthy, 1982:337)*” (SYMANSKI, 1998, p. 168).

A escolha da análise dessas três diferentes categorias de louças (faiança, faiança fina e porcelana) se dá por um motivo principalmente cronológico. A faiança foi largamente utilizada como louça doméstica no período colonial, enquanto a faiança fina só vem a ser comercializada no Brasil após a abertura dos portos, em 1808. A porcelana mais rústica (a chamada de pasta dura ou louça de Macau), foi comercializada principalmente no Brasil colônia, sendo um produto de tão baixo valor que chegava aos portos brasileiros como lastro de navios (LIMA, 1995, p. 168). Já as mais refinadas (pasta mole) vem a aparecer com frequência na segunda metade do século XIX.

Diante desses materiais, foram elencados atributos que, segundo a literatura especializada¹⁵, poderiam oferecer uma base cronológica para o período de fabricação das peças. Dessa maneira, os atributos escolhidos foram os seguintes:

Categoria: campo para separação entre os tipos de louça estudados (faiança, faiança fina e porcelana);

¹⁵ Os atributos elencados para análise foram definidos a partir das leituras dos seguintes trabalhos: Albuquerque (1991); Caldarelli (2000); Curado (2010); Tocchetto *et. al.* (2001); além dos endereços eletrônicos do Laboratório de Arqueologia da UFPE (<http://brasilarqueologico.com.br/material-historico.php>) e Florida Museum of Natural History (https://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/). A utilização desses trabalhos também se deu em todo o momento da análise das louças para identificação nas peças dos atributos elencados.

Especificação: relativo a variações dentro da mesma categoria. No caso da faiança, trata-se da definição se uma peça é de tipo exportação ou de uso interno; na faiança fina, a definição de seu esmalte (*creamware*, *pearlware* ou *whiteware*); e na porcelana, trata-se do tipo pasta mole ou pasta dura;

Técnica decorativa: identificação da técnica de produção da decoração da peça;

Padrão decorativo: tipo ou tema da decoração presente na peça;

A escolha desses atributos também se deu de maneira a melhor refinar a cronologia obtida através deles. A combinação das indicações cronológicas de cada um dos atributos, como ressaltado em Symanski (1998, p. 166), permite uma apuração da cronologia obtida através das peças.

Não foi possível a utilização da Fórmula South, desenvolvida pelo arqueólogo americano Stanley South (1977, p. 217), para obtenção da data média do depósito dos materiais encontrados. Segundo o autor, com base nas datações individuais das peças presentes no registro arqueológico, é possível obter uma cronologia para a camada, na qual, as mesmas estão inseridas. No entanto, por muitas vezes, as datações conseguidas para a categoria de material faiança são muito amplas. Alguns tipos, como certas faianças portuguesas, têm expectativa de produção que dura todo o período colonial. Dessa maneira, a utilização dessa fórmula só seria viável com material que possui períodos de fabricação especificamente determinados. A única categoria de material que se adequaria a situação seria a faiança fina, material que veio a ser comercializado no Brasil somente no século XIX. No entanto, a faiança fina é evidenciada em todas as camadas encontradas nas pesquisas do Habitacional do Pilar, não podendo ser utilizada como referencial cronológico.

4.3 Quadra 40: o contexto da área e resultados obtidos através da análise das louças

A área da Quadra 40 foi a primeira ser pesquisada. Apresentamos um panorama do registro arqueológico da área, em seguida os resultados conseguidos pelo da análise da coleção de louças recuperada a partir das atividades na quadra.

4.3.1 Um panorama do contexto arqueológico da Quadra 40

O acompanhamento da quadra foi primeiramente desenvolvido com o monitoramento das demolições realizadas na área. Neste primeiro momento, dez estruturas arqueológicas foram encontradas (Figura 42/Figura 38).

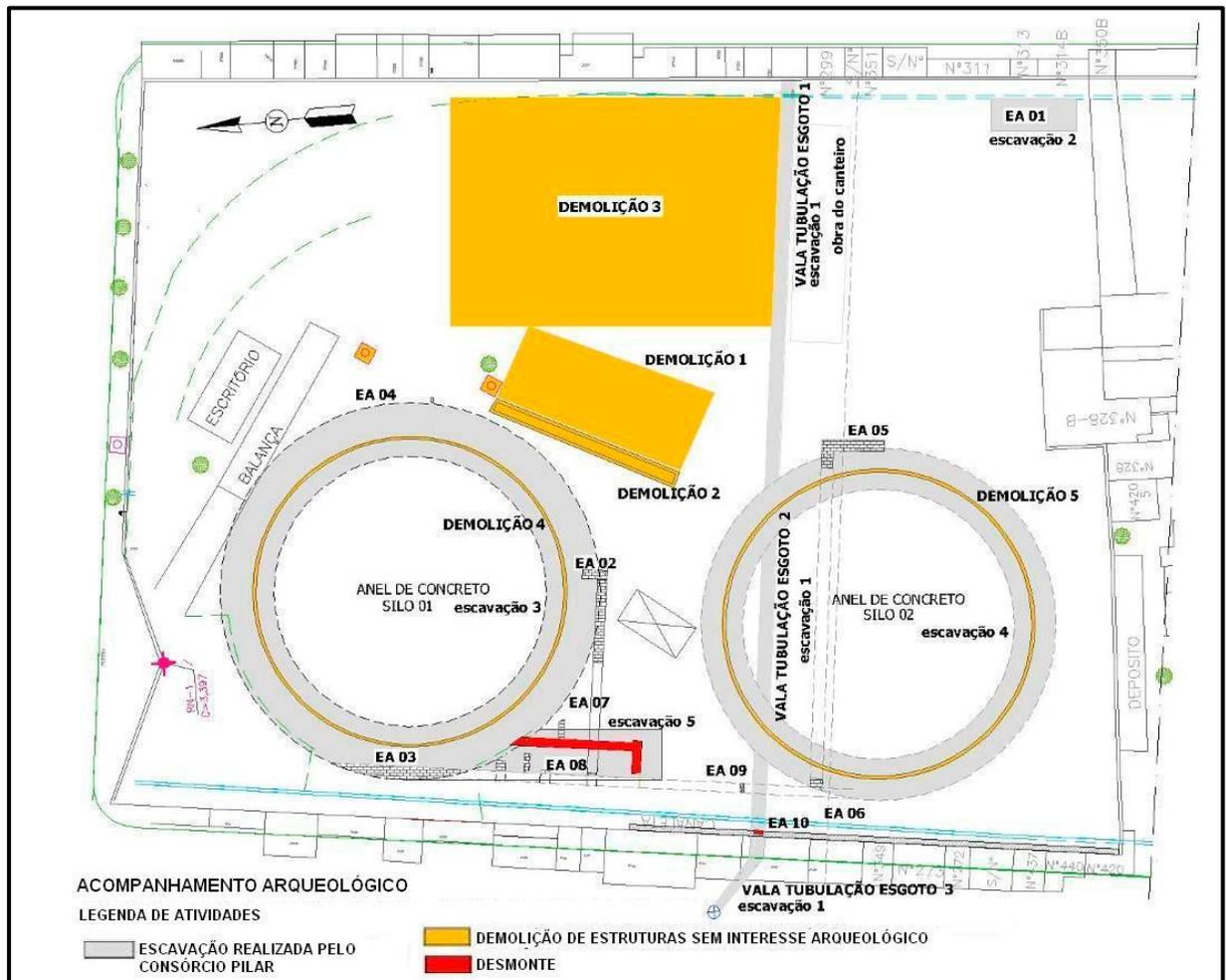


Figura 42 - Trecho da quadra 40 onde foram realizadas as primeiras intervenções com as estruturas arqueológicas (EA's) encontradas, locais de escavação e de demolição plotados. Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2010a, p. 22.

Algumas das estruturas encontradas foram demolidas devido a necessidade das obras. Com as escavações na área, foi também possível observar o impacto causado pela implantação dos silos. Ocupando cerca de três quartos da Quadra 40, estas estruturas causaram grande impacto ao registro arqueológico local. A estratigrafia encontrada nas proximidades dessa estrutura mostrou-se diferente das demais áreas (Figura 43), apresentando camadas provavelmente depositadas à época da colocação dos silos, relativas a preparação necessária para sua implantação (Fundação Seridó, 2010a, p. 39).

As estruturas arqueológicas encontradas eram basicamente alvenarias compostas de tijolos cerâmicos maciços e argamassas de barro e cal, possivelmente relativas as fundações das antigas casas existentes no local.

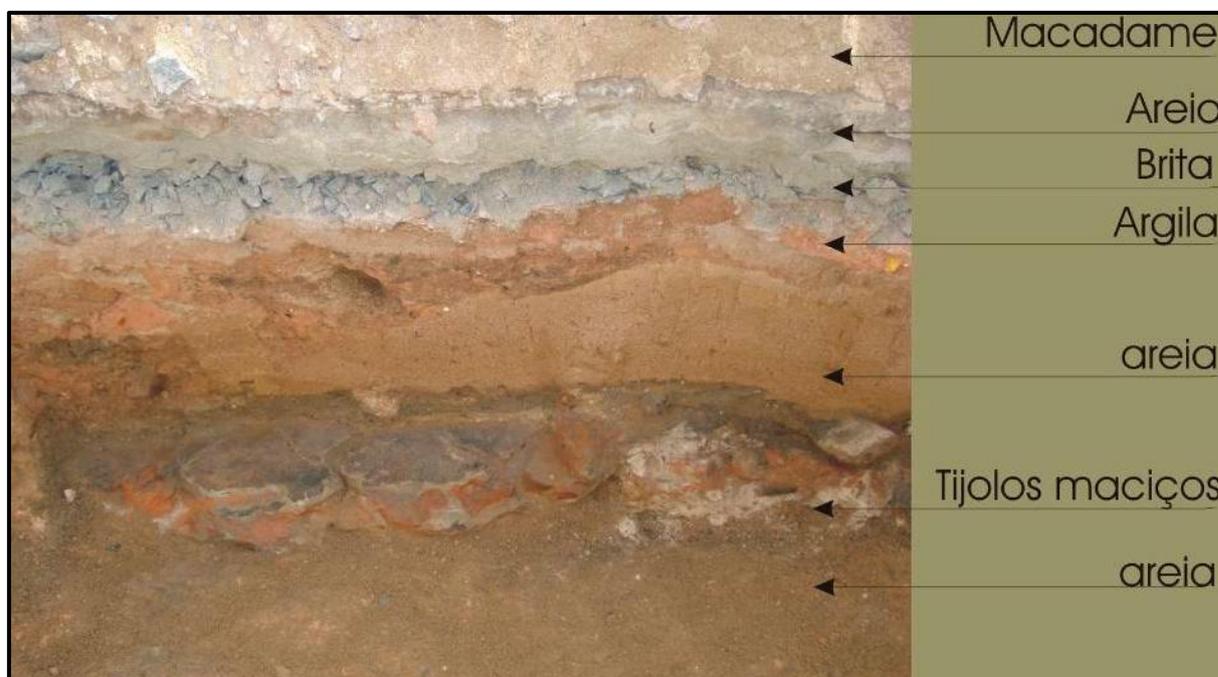


Figura 43 - Estratigrafia da vala do anel do silo 01. A estrutura em tijolos vista na figura faz parte da que foi denominada durante as pesquisas de estrutura arqueológica 4 (EA04). Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2010a, p. 39.

Com o progresso do acompanhamento arqueológico, outros cortes no terreno foram necessários para a implantação de pilares, estruturas usadas na sustentação das edificações a serem construídas na área. Essas novas aberturas permitiram a descoberta de outras estruturas, identificadas como pertencendo as antigas construções locais.

Tais estruturas, igualmente a maioria das anteriores, caracterizavam-se por serem compostas por tijolos cerâmicos maciços e argamassa de barro e cal. Contudo, pode-se observar mais claramente as estruturas de fundação dessas antigas habitações. Ainda foram descobertas estruturas reconhecidas como poços (Figura 44), utilizados pelos antigos moradores da área (Fundação Seridó, 2011b, p. 57 e 58).

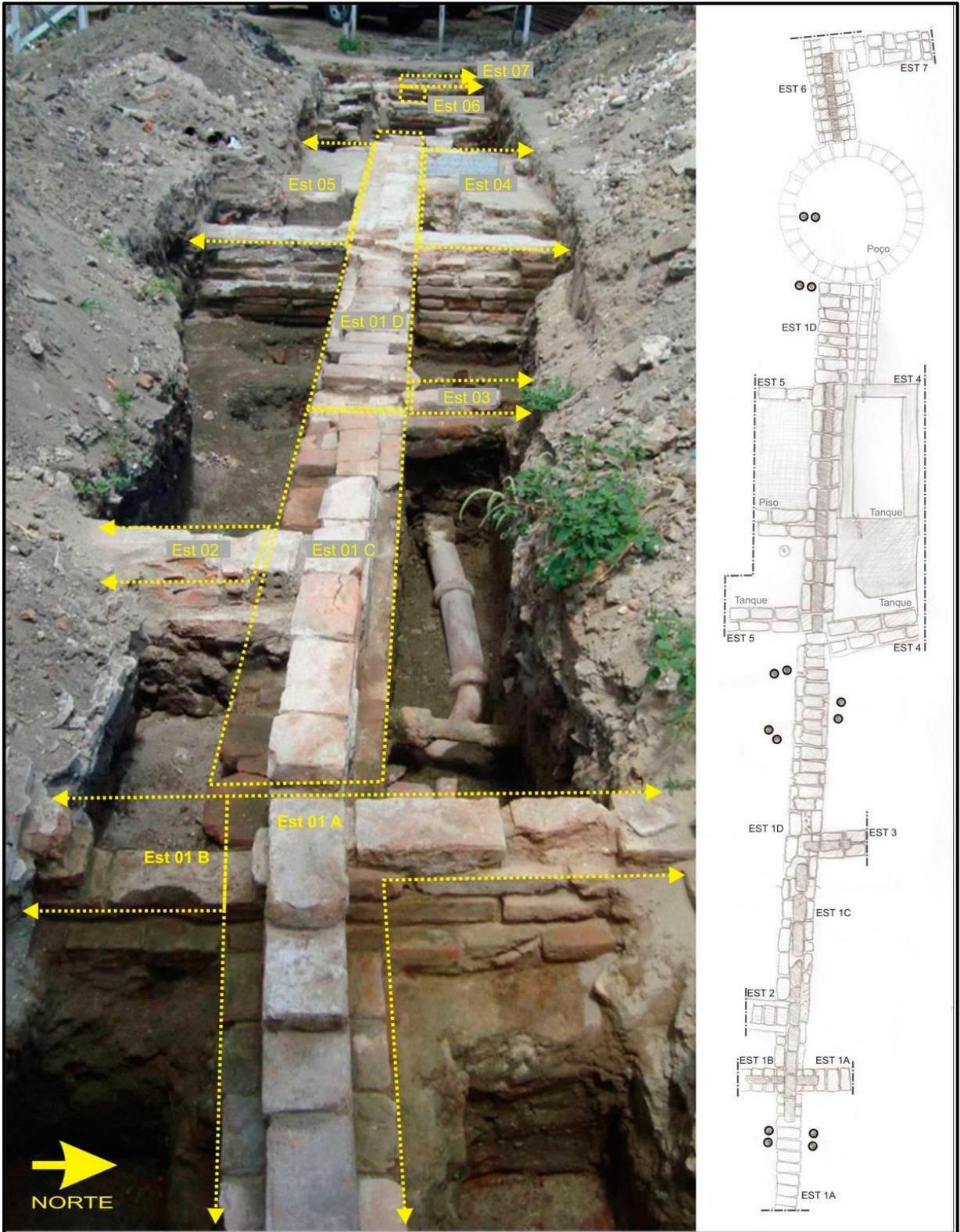


Figura 44 - Vista geral do conjunto de estruturas encontradas durante as escavações para implantação dos blocos de pilares 12, 13 e 14 da Quadra 40. Entre as estruturas “6” e “1D” visualiza-se um poço. Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2011b, p.58.

Os cortes realizados fora da área de implantação dos silos permitiram a observação de um perfil estratigráfico diferenciado. Tal testemunho mostrou-se recorrente nas áreas onde não foram identificadas interferências mais recentes (Figura 45).



Figura 45 – Estruturas encontradas durante as escavações da área chamada “Bloco C”, com detalhe do perfil estratigráfico encontrado. Fonte: FUNDAÇÃO SERIDÓ (2011b, p. 40).

As camadas encontradas em tais áreas resumem-se, basicamente, em três:

[...]a primeira camada é arenosa com elevada presença de óleo queimado, cuja espessura varia de 5 a 15cm. A segunda camada é argilosa, de coloração laranja e rosa, largamente utilizada na região como material de aterro. Sua espessura varia de 20 a 40cm. A terceira camada, onde estavam os fragmentos, não teve sua espessura identificada, pois a partir de 0,8m - 1m abaixo do nível do solo atual já se verificava a presença de água. (FUNDAÇÃO SERIDÓ, 2011b, p. 40)

A terceira camada, composta de um sedimento areno-argiloso cinza-escuro (Fundação Seridó, 2011b, p. 54), abrigou 77% dos materiais arqueológicos encontrados. Do universo total de fragmentos coletados durante os trabalhos de arqueologia, 76% era composto por louças.

4.3.2 Análise das louças e resultados encontrados

O trabalho desenvolvido com a coleção de fragmentos encontrada revelou algumas informações que podem elucidar a formação do registro arqueológico da área em estudo. Foram analisados 3.362 fragmentos de louça. O nível três da estratigrafia abrigava a grande maioria dos artefatos encontrado, inclusive a louça (Figura 46 e 47).

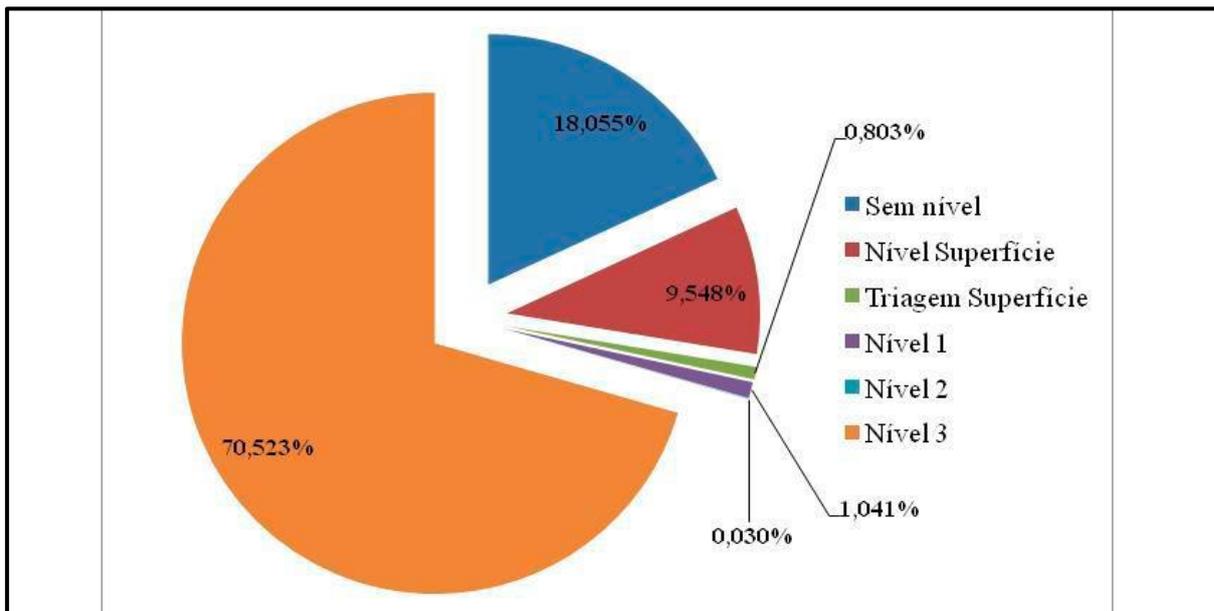


Figura 46 - Peças por camada estratigráfica. As peças “sem nível” são relativas a fragmentos encontrados por funcionários das construtoras que trabalham na obra do Habitacional Pilar e entregues a equipe de Arqueologia. O nível dois não está representado no gráfico pois praticamente não possui fragmentos.

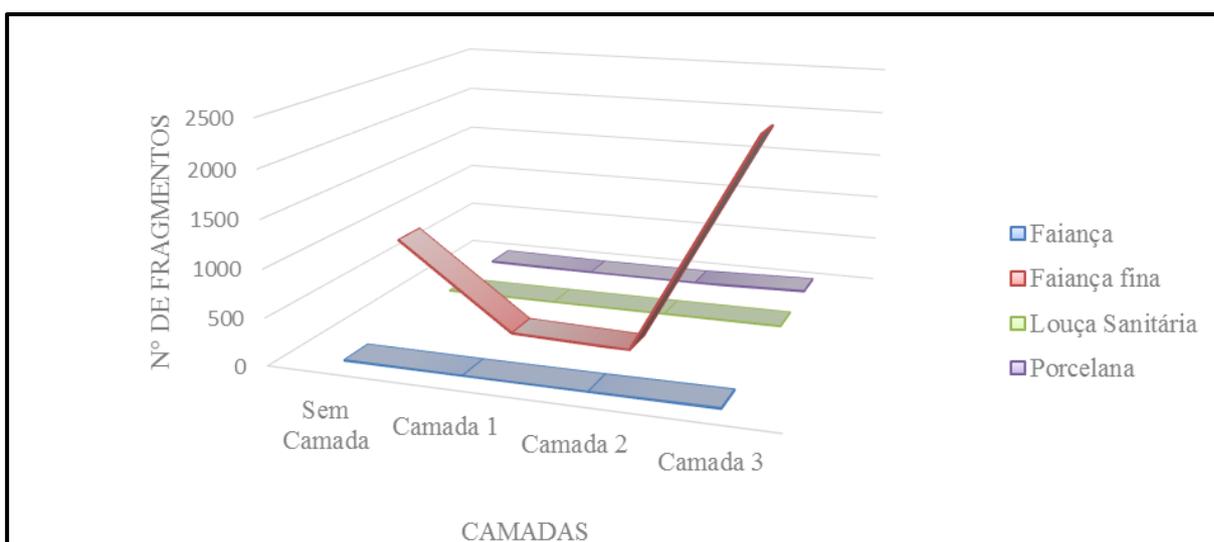


Figura 47 - Frequência de fragmentos por camada estratigráfica. Os fragmentos “sem camada” encontrados por funcionários das construtoras que trabalham na obra do Habitacional Pilar e entregues a equipe de Arqueologia.

A área que compreende a Quadra 40 corresponde a um local que somente vem a surgir durante o século XIX, com a realização das obras de melhoria do porto. A expectativa para o material a ser encontrado era que fosse majoritariamente oitocentista, o que se mostrou verdadeiro. A faiança fina, material típico do século em questão, vem a aparecer de maneira bastante expressiva em todas as camadas. Essa constatação respalda o surgimento da área durante o século XIX.

A presença da faiança fina praticamente suplantou a frequência das demais categorias de materiais existentes nas outras camadas. Vale ressaltar que na cama 2 (camada de aterro realizado já no século XX) contou apenas com 1 fragmento encontrado.

Alguns indicadores cronológicos puderam ser utilizados com base na análise da faiança fina. A presença do esmalte *pearlware* foi constatada em 624 peças da camada 3, 97% das peças onde foi possível a identificação do esmalte. Sendo esse esmalte típico da primeira metade do século XIX (TOCCHETTO *et al.*, 2001, p. 23 e 24), este elemento dá um indicativo que o depósito de material na área se deu, antes mesmo, da construção de moradias, ainda na primeira metade do XIX, entre 1808 e 1856.

4.4 Quadra 55: o contexto da área e resultados obtidos através da análise das louças

A Quadra 55 mostrou um registro arqueológico bastante mais complexo que a quadra 40. Tendo um período bem mais longo de ocupação, esperava-se encontrar um contexto onde fosse possível a identificação de níveis de diferentes épocas. Os estudos mostraram uma área que sofreu diversas transformações, que chegam a limitar as respostas que esse registro arqueológico poderia fornecer.

4.4.1 Um panorama do contexto arqueológico da Quadra 55

O início das atividades na Quadra 55 se deu com as demolições de edificações existentes na área. Essas construções impediam o início das obras dos edifícios do Habitacional, sendo então necessária sua retirada.

Sabendo que parte da área da quadra situa-se na região original do istmo, a equipe de arqueologia desenvolveu escavações afim de identificar estruturas relativas as primeiras edificações construídas na região “fora de portas” do Bairro do Recife. Várias estruturas de edificações reconhecidas como recintos domésticos foram descobertas na área, somando um total de 14 casas (Figura 48).

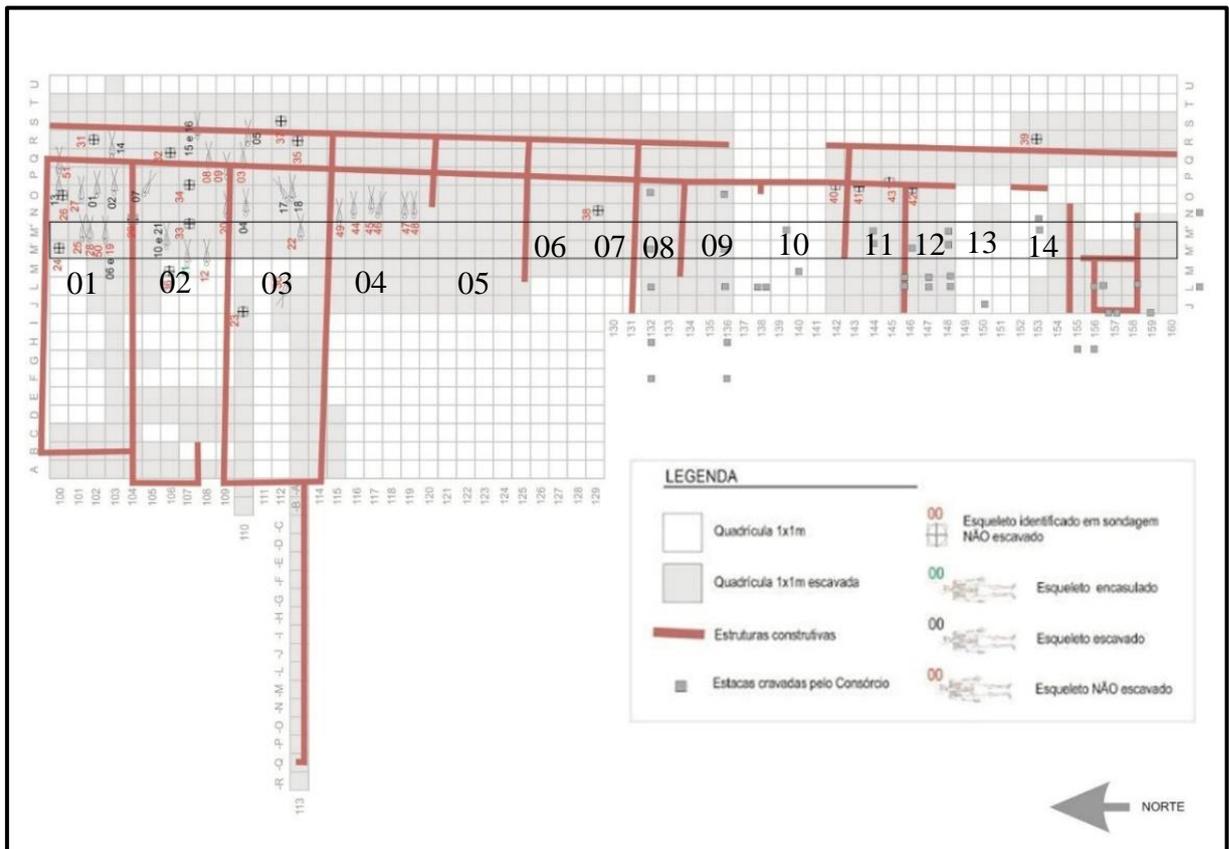


Figura 48 - Planta da escavação realizada na Quadra 55. A numeração em destaque representa as áreas das estruturas de casas encontradas. Fonte: Fundação Seridó (2014). Adaptado.

Com o avanço nas escavações, 65 sepultamentos humanos foram encontrados na área. Esses estavam todos na camada estratigráfica mais profunda, relativa ao istmo original do Bairro do Recife, todos em profundidade maior que um metro. Segundo Silva (2015), apesar de ainda não confirmado, os sepultamentos possivelmente tratam-se período de ocupação holandesa na área, entre 1630 e 1654. Nenhuma das estruturas das casas encontradas interferiu diretamente nos sepultamentos. Em nenhum caso, as fundações atingiram os indivíduos encontrados, de maneira que é possível dizer que trata-se de um contexto primário não perturbado.

A estratigrafia encontrada mostrou-se bastante complexa. Várias camadas de variadas composições compunham os perfis estratigráficos encontrados. As várias camadas levam a pensar em vários momentos de deposição e transformação desse registro arqueológico. Toda essa aparente série de transformações do contexto só vêm a tornar-se visível nas camadas superiores a do istmo.

O início de tais modificações relaciona-se claramente com o início da ocupação “fora de portas” na segunda metade do século XVII. Tendo uma cronologia para os sepultamentos e sendo eles descobertos sem grandes interferências, a camada em que se encontram serve como um indicador cronológico para a estratigrafia do sítio. Pode-se afirmar então que as camadas acima dessa são posteriores ao ano de 1650.

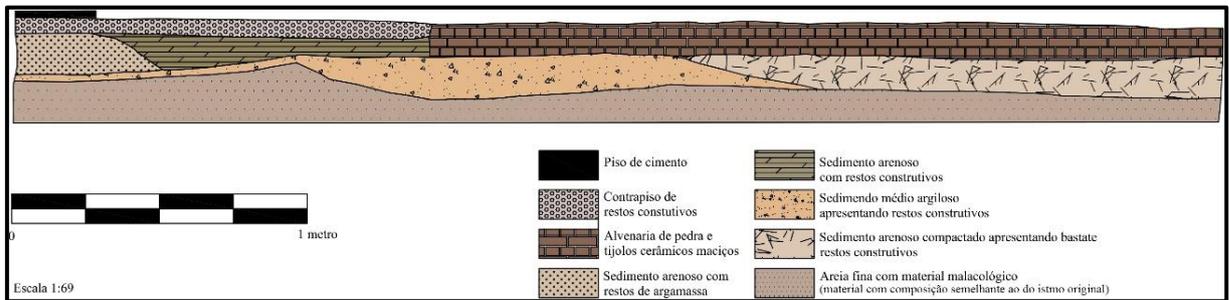


Figura 49 - Perfil estratigráfico norte da Casa 03. Camadas posteriores ao ano de 1650.

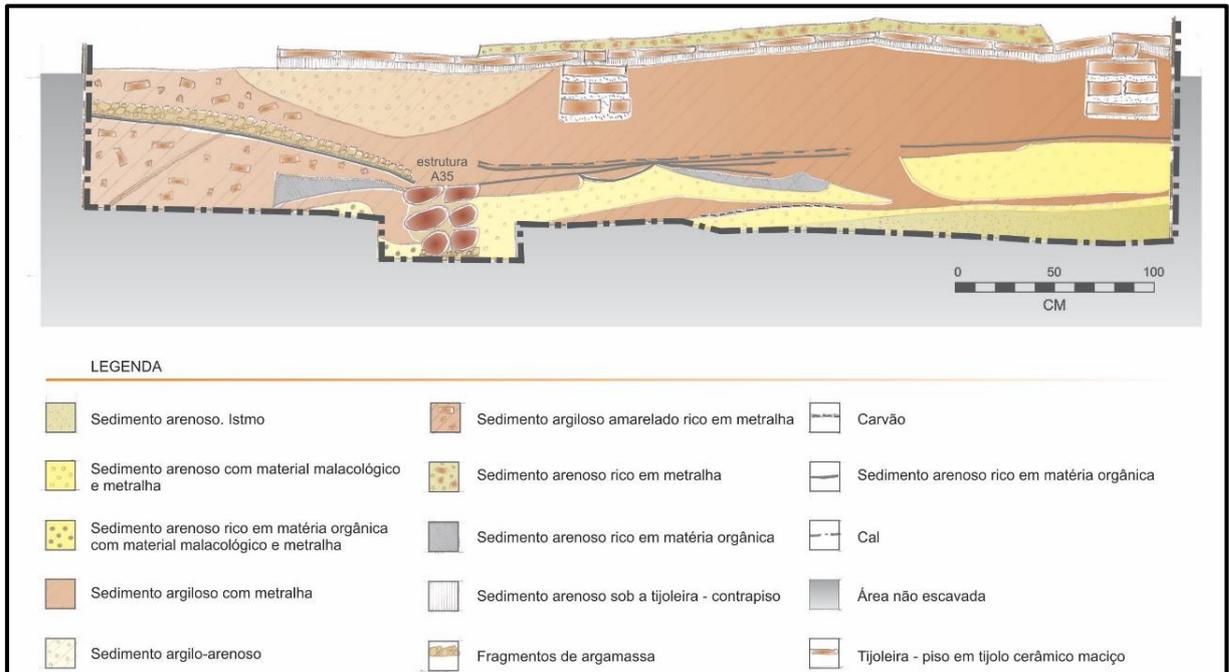


Figura 50 – Perfil estratigráfico norte do interior da casa 01. Exceto a camada “sedimento arenoso, istmo”, todas as demais são posteriores ao ano 1650.

A materialidade encontrada durante as escavações não teve grandes distinções da encontrada na Quadra 40. A partir dos dados coletados durante as escavações, foi possível observar a frequência de materiais encontrados nos diferentes níveis encontrados. Percebe-se a queda na quantidade de materiais conforme a chegada nos níveis mais profundos (Figura 51).

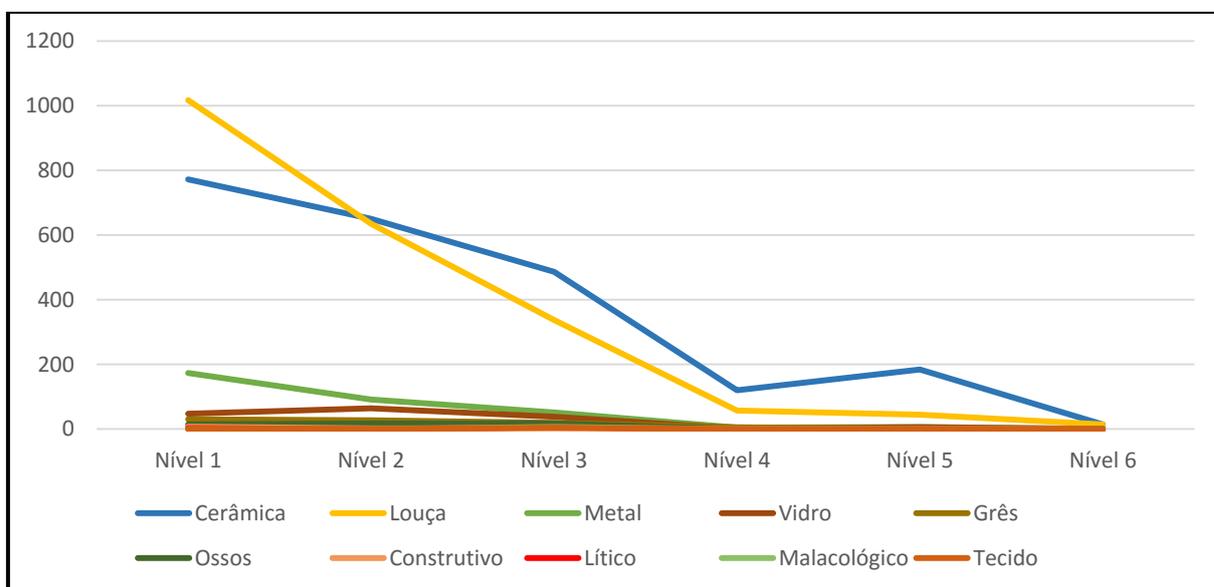


Figura 51 - Frequência dos materiais encontrados nos níveis arqueológicos da Quadra 55

4.4.2 Análise das louças e resultados encontrados

Análise das louças da Quadra 55 foi realizada a partir de uma das unidades domésticas presentes. A casa 03 foi escolhida por ser a de maior área escavada. Também foi a única com a região do quintal escavada, onde costumava-se descartar o lixo doméstico da casa. Foram analisados 2340 fragmentos de louças.

Quando comparados a coleção coletada nas escavações da Quadra 40, os artefatos analisados mostram-se bem melhor distribuídos dentro das categorias observadas. Ainda que a faiança fina lidere como maior quantidade de fragmentos, temos números relevantes das outras categorias de material (Figura 52).

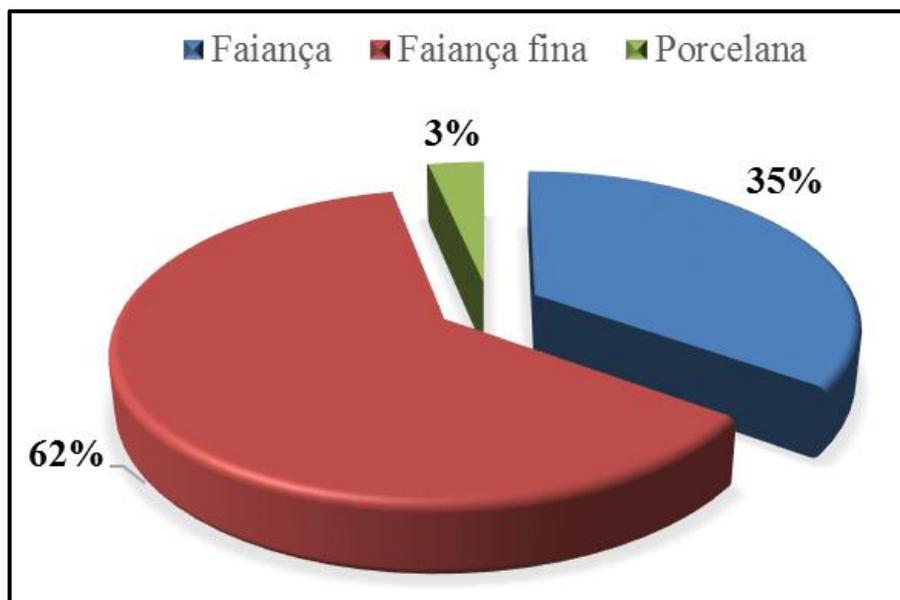


Figura 52 - Porcentagem de fragmentos por tipo de material – Quadra 40.

Com a realização da análise, geramos um gráfico com a distribuição das categorias do material trabalhado nas camadas estratigráficas encontradas. A faiança fina se sobressai como tipo de material com maior número. É importante ressaltar que, em se tratando de uma área ocupada desde o último quartel do século XVII, na maioria das camadas encontradas, exceto as camadas quatro e cinco (essas marcadas pela pouca evidência de material arqueológico), a faiança fina predomina (Figura 53).

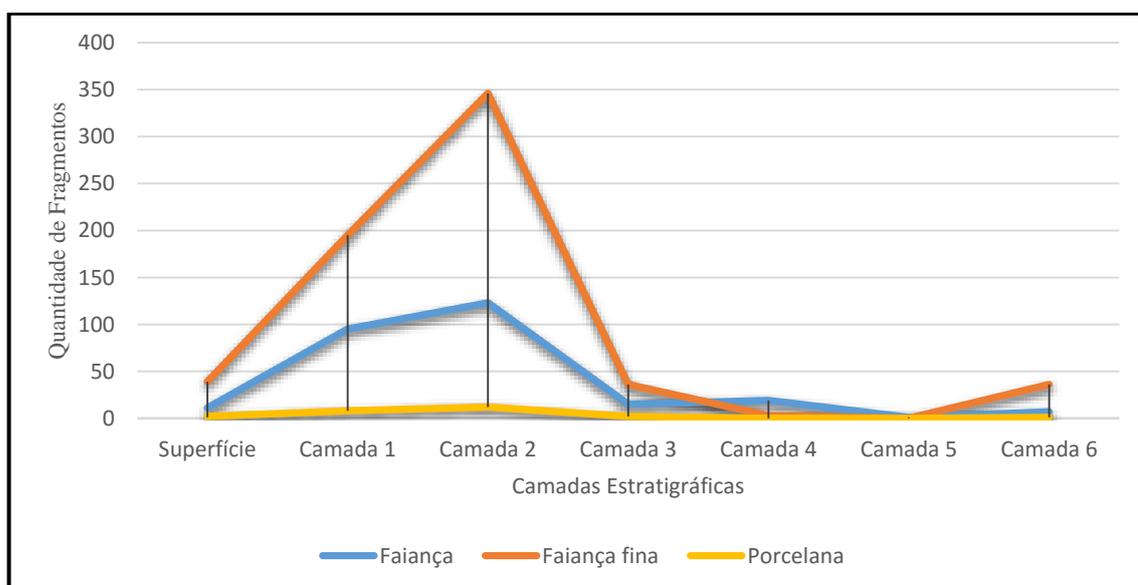


Figura 53 - Frequência de Tipos de Louça Encontradas nas Camadas da Casa 3.

As diferentes categorias de material não respeitam o princípio da sobreposição de camadas, onde o mais antigo estaria mais profundo e o mais recente mais próximo a superfície.

Assim sendo, os dados demonstram que não foram preservados depósitos de material arqueológico que pudessem ser associados a um século determinado.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de contextos arqueológicos urbanos mostra-se bastante complexo. Ocupações seculares encontradas em cidades brasileiras são responsáveis por registros arqueológicos tão multifacetados quanto as diversas transformações ocorridas no espaço.

O Recife, cidade secular, não é exclusiva de tal realidade. O homem, como agente geológico, é capaz de transformar o ambiente onde vive numa ordem que alguns pesquisadores vão considerar essas mudanças como marcadores do surgimento de um novo período geológico. As diferentes modificações ambientais efetuadas pelo homem vêm a ser ordenadas em uma classificação que podem ser utilizadas para descrever contextos arqueológicos.

No âmbito do Bairro do Recife, todos os quatro fatores (demográficos, históricos, econômicos e socioeconômicos) catalisadores da ação humana na transformação do ambiente (Silva, 2012) podem ser observados ao longo da sua história. Primeiramente, temos uma ocupação histórica no Bairro que se inicia já nos primórdios do Brasil colônia, de forma ininterrupta, até os dias atuais. O aumento demográfico que ocorre progressivamente durante os séculos, é um fator de grande contribuição para a realização de aterros. As novas demandas do Porto do Recife ocasionadas por mudanças no quadro econômico e socioeconômico – como no momento da abertura dos portos em 1808 e a chegada de volumes maiores de mercadoria ao Recife - foram também fatores primordiais para as mudanças acontecidas no Bairro.

O Bairro do Recife apresenta-se como um grande palco para o fenômeno da geotecnogênese. A morfotecnogênese acontecida nesse espaço veio a partir de processos tecnogênicos agradativos. Esses realizados a partir de aterros de áreas alagadas, de depósitos de lixo e de todos os demais processos de origem humana que contribuíram com o aumento da área do Bairro. Dessa maneira, boa parte da área é formada por depósitos sedimentares tecnogênicos.

Seguindo a classificação integrada para depósitos tecnogênicos proposta por Peloggia (1999), o Bairro do Recife poderia ser caracterizado como constituído de depósito com **gênese do tipo “construído”**, sobrepostos a um depósito sedimentar natural do antigo ambiente de restinga. A **composição** desses depósitos tecnogênicos varia entre **úrbicos** (pela grande presença de artefatos em algumas camadas), e depósitos **espólicos** (onde o material foi retirado de um outro ambiente para ser depositado no local). Quanto a **estrutura** do depósito, este possui

organização interna **irregular**, devido as várias transformações do espaço que ocasionou, no depósito, um arranjo interno aleatório.

Partindo para a classificação de antropossolos proposta por Silva (2012), tendo em vista os vários processos passados pelo Bairro, esse vem a apresentar mais de um tipo de antropossolo. Nas áreas onde houve um aumento vertical do nível do solo original do istmo por meio da deposição de material, temos um **antropossolo móbilico**. Já nas áreas dos istmo, que foram ampliadas através do aterro de regiões alagadas, temos um **antropossolo sômico**.

O contexto do Pilar apresenta alguns elementos não observados nas demais áreas do Bairro do Recife. Estando situado na região “fora de portas”, grandes modificações no espaço só acontecem no fim do século XVII, com a construção da Igreja do Pilar e o início das habitações na área. Nesse momento é possível observar um grande marco estratigráfico na área, o início do depósito tecnogênico, onde encontram-se as edificações das casas.

Com base nos dados obtidos, é possível tecer comentários sobre o Habitacional do Pilar e do próprio Bairro do Recife de uma maneira geral. As louças forneceram um interessante arcabouço para se pensar o contexto estudado. O conhecimento de sua cronologia de fabricação nos permite induzir datações aproximadas de seus depósitos.

A Quadra 40, mais recente dentre as estudadas, apresenta uma materialidade bastante característica. A área, que surge na primeira metade do século XIX, numa região antes alagada (caracterizando um antropossolo sômico), com as obras de modernização do porto, apresenta um volume de faianças finas bastante expressivo em comparação com as quantidades dos demais materiais encontrados. No início do século em questão, a abertura dos portos brasileiros as nações amigas veio a ser um acontecimento que marca os contextos arqueológicos oitocentistas. A faiança fina, produto que chega ao Brasil com esse acontecimento, é a categoria de material característica do século XIX em todo o Brasil (Lima, 1995). Assim sendo, esse volume de faianças finas encontradas na área só vem a corroborar a cartografia histórica da cidade.

A constatação de material da primeira metade do século XIX na Quadra 40 é um indício relevante para se pensar em uma deposição de material na área antes mesmo de existirem habitações. O terreno, por décadas desocupado, seria local bastante prático para o descarte de lixo dos moradores das redondezas, tendo em vista a ausência de uma política relacionada ao descarte lixo existente na época (vide Melo, 2013 e Santos, 2009).

O material coletado apresentava-se notoriamente concentrado em uma camada estratigráfica, a camada 03. Esta, a mais profunda dentre as encontradas, não teve sua profundidade totalmente definida pela proximidade do lençol freático, o que impossibilitou o prosseguimento da escavação. A camada 2, argilosa, utilizada como aterro, é possivelmente material já do século XX, posterior ao depósito de materiais e as construções das edificações na área.

O contexto da Quadra 55 apresenta significativas diferenças em relação ao da Quadra 40. Seu período de existência mais extenso ocasionou uma maior complexidade no registro arqueológico, apresentando, além de categorias de materiais mais variadas, uma estratigrafia muito mais transformada. A área, estando sobre o istmo de Olinda, possui um antropossolo móbilico, depositado por séculos de atuação humana no local.

Com a análise das louças coletadas na área da casa 03 da Quadra 55 foi possível obter-se dados que revelam parte dos processos pós-deposicionais ocorridos naquele registro arqueológico. A verificação da predominância da faiança fina em quase todas as camadas é evidência de alterações no contexto arqueológico local. Tendo em vista que processos pós-deposicionais atuaram de forma a levar um material com período específico a quase todas as camadas identificadas, essa constatação impossibilita determinação de uma datação para essas camadas através da análise do material.

Essas transformações, além de agirem no âmbito vertical do sítio, levando material para cima ou trazendo material para baixo, também pode ter agido horizontalmente. Áreas de concentração de material na região do Habitacional do Pilar poderiam ser formadas a partir de fenômenos pós-deposicionais. Com a presença de artefatos de diferentes séculos em uma mesma camada estratigráfica, estudos de comportamento de consumo de séculos específicos não podem ser desenvolvidos nesse contexto. Assim sendo, a identificação de lixeiras domésticas, algo essencial para o estudo das unidades domésticas encontradas, dos seus hábitos e outras tantas interpretações que podem se chegar através de estudos de comportamento de consumo, mostra-se de difícil aplicação no local devida as transformações ocorridas.

Com base na análise realizada através das louças, podemos afirmar que o registro arqueológico do Habitacional do Pilar passou por eventos que o alteraram dimensões relacionais

A estratigrafia, como bem sabido, é um elemento primordial para datações em arqueologia. Percebe-se que no caso do Habitacional do Pilar, ela vem a se comportar de maneira diferenciada em determinados pontos. Contudo, tem-se em comum que todos os espaços sofreram modificações consideráveis, que causaram impacto no registro arqueológico.

No Bairro do Recife não é diferente. Nos trabalhos analisados, mostrou-se recorrente a existência de interferências modernas em profundidade, com manilhas e encanamentos implantados sem o devido acompanhamento arqueológico. Somando-se a isso, temos também as diversas transformações que o Bairro passou ao longo de sua história e que veio a alterar os contextos arqueológicos preservados de outras épocas.

Não devemos pensar nestas transformações acontecidas nos diferentes períodos do Bairro como a grande “vilã” dos arqueólogos, que vem a “perturbar” todos os contextos. As modificações acontecidas, mais do que perturbar contextos antigos, são transformações culturais (*c-transforms*) que formam novos contextos arqueológicos. O registro formado é reflexo dessa complexidade de processos ocorridos no espaço. Processos esses que tiveram motivações as mais diversas possíveis, e deixaram como marca o registro arqueológico escavado pelos arqueólogos.

Esse, sendo resultado da ação humana, que vem cada vez mais modificando o ambiente que vive, é passível também de interpretações pelos arqueólogos. O registro arqueológico formado no Bairro do Recife também pode ser problematizado em termos dos motivos pelos quais o mesmo veio a ser formado, quais as razões políticas, sociais que levaram a sociedade a realizar determinadas transformações em determinadas épocas e que tipos de registros estratigráficos elas deixaram.

O Bairro do Recife passou por tantas transformações que mesmo o material coletado na área de uma única unidade doméstica pode não estar relacionado a ela. As transformações que o Bairro passou tornou seu registro arqueológico bastante complexo. Contudo, essa complexidade é reflexo de todas essas transformações antrópicas acontecidas no Bairro e pode e deve ser alvo de questionamento dos arqueólogos que vierem a trabalhar na região.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. O Arco da Conceição, uma das antigas portas do Recife: uma aproximação arqueológica. **CLIO - Série Arqueológica**, Recife, v. 01, n. 20, p. 151-167, 2006.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. **Acompanhamento arqueológico das obras de manutenção da galeria de drenagem pluvial da área próxima ao Marco Zero - Relatório Final**. Laboratório de Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2000.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. **Escavação Arqueológica da Sinagoga Kahal Zur Israel: Relatório**. Laboratório de Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2000.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. **Sinagoga Kahal Zur Israel: Voltando à Vida do Recife**. Laboratório de Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2000.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. **Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico das Obras de Drenagem da Praça Tiradentes**. Laboratório de Arqueologia - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2001.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. **Relatório Final da Prospecção Arqueológica na área em que outrora existiu o Arco da Conceição, um das antigas portas do Recife**. Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2003.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V.; CAVALCANTE, L. **Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico das Obras da Av. Cais da Alfândega**. Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2003.

ALBUQUERQUE, P. T. D. S. **A faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor - RN**. Recife: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, 1991.

ALBUQUERQUE, P. T. D. S.; CAZZETA, M. **Programa de Arqueologia Urbana da Cidade do Recife. Projeto 01 - Bairro do Recife**. URB - Recife. Recife. 2000/2005.

AVILA, G. M.; MEDEIROS, E. **As três Ilhas do Recife. Dados para a arqueologia da cidade nos séculos XVII-XIX**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro: [s.n.]. 2008.

- BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BUTZER, K. **Archaeology as human ecology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- BUTZER, K. W. **Archaeology as Human Ecology: Method and theory for a contextual approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- CALDARELLI, S. B. **Arqueologia no Vale do Paraíba Paulista**. São Paulo: [s.n.], 2000.
- CAVALCANTI, V. B. **Recife do Corpo Santo**. 2ª edição. Recife: Bagaço, 2009.
- COSTA, P. D. **Anais Pernambucanos**. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, v. II, 1951.
- CRESSEY, P. J.; STEPHENS, J. F. The City-Site Approach to Urban Archaeology. In: DICKENS JR., R. S. **Archaeology of Urban America: The search for pattern and process**. Nova York: Academic Press, 1982. Cap. 3, p. 41-61.
- CURADO, M. E. G. G. **A Faiança do Forte Orange**. Recife: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- FUNDAÇÃO SERIDÓ. **II Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as Obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife. 2010a.
- FUNDAÇÃO SERIDÓ. **VI Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as Obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife. 2011b.
- FUNDAÇÃO SERIDÓ. **XIV Relatório do Acompanhamento Arqueológico para as Obras de Implantação do Projeto do Habitacional Pilar**. Fundação Seridó. Recife. 2014.
- GOLDBERG, P.; MACPHAIL, R. **Practical and theoretical geoaerchaeology**. Oxford: Blackwell Science, 2006.
- GOLDBERG, P.; MACPHAIL, R. I. **Practical and Theretical Geoarchaeology**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.
- HARRIS, E. C. **Principios de estratigrafia arqueológica**. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.
- JUNIOR, J. R. T.; CANDEIAS, A. L. B. **Localização de aterros no Recife Antigo, Pernambuco a partir do georreferenciamento dos mapas holandês de 1648, inglês de 1907, da planta cadastral de 1990 e da imagem HCR-2008**. V Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica. Petrópolis: [s.n.]. 2013.

- LIMA, T. D. A. Pratos e Mais Pratos: Louças Domésticas, Divisões Culturais e Limites Sociais no Rio de Janeiro, Século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 3, p. 129-298, Janeiro/Dezembro 1995.
- LUBAMBO, C. W. **Bairro do Recife: Entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife: CEPE/Fundação da Cultura da Cidade do Recife, 1991.
- MEDEIROS, E. G. M. **O Povoado dos Arrecifes e o Baluarte Holandês do século XVIII**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2005.
- MELO, I. L. G. **O Lixo Doméstico da Quadra 40 do Habitacional Pilar, Recife - PE**. Monografia. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- MENEZES, J. L. D. M. **Atlas Histórico Cartográfico da Cidade do Recife**. Recife: Massangana, 1988.
- MENEZES, J. L. D. M. **Atlas Arqueológico do Recife**. Recife: [s.n.], 2000.
- NERY, N. S.; CASTILHO, C. J. M. D. Comunidade do Pilar e a revitalização do bairro do Recife: Possibilidades de inclusão socio-espacial dos moradores ou gentrificação, v. I, n. 2, p. 19-36, Dezembro 2008.
- PELOGGIA, A. U. G. O. **Tecnógeno existe?** Anais do Congresso Brasileiro de Geologia de Engenharia, São Pedro (SP). São Pedro: ABGE. 1999.
- PESSIS, A.-M. et al. Evidências de um cemitério de época colonial no Pilar, Bairro do Recife, PE. **Clio: Série Arqueológica**, Recife, v. 28, p. 1-27, 2013.
- SANTOS, L. D. J. D. **Evolução e Morfodinâmica da Unidade Geomorfológica Restinga no Bairro do Recife Antigo - PE**. Recife: Dissertação de Mestrado - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- SANTOS, M. A. D. **Recife: entre a sujeira e a falta de (com)postura 1831-1845**. Recife: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- SCHIFFER, M. B. Toward a Identification of Formation Processes. **American Antiquity**, v. 48, n. 4, p. 675-706, 1983.
- SCHIFFER, M. B. **Formation Process of the Archaeological Record**. Salt Lake City: University of Utah Press, 1996.

SHIFFER, M. B. Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**, v. 37, p. 156-165, 1972.

SILVA, I. E. C. **Arqueologia da doença no cemitério histórico do Pilar-PE**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

SILVA JR., L. S. D. **Forte do Matos e o Crescimento do Extremo Sul do Recife, 1680 - 1730: Uma Perspectiva Arqueológica**. Recife: Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

SILVA, É. C. N. **Formação de depósitos tecnogênicos e relações com o uso e ocupação do solo em perímetro urbano de Presidente Prudente - SP**. Presidente Prudente: Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e tecnologia, 2012.

SILVA, L. D. **Holandeses em Pernambuco 1630-1654**. 2ª. ed. Recife: Caleidoscópio, 2011.

SIMIS, T. C. **Convento do Oratorianos de São Felipe Néri: leituras arqueológicas de um convento que virou shopping**. Recife: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

SOUTH, S. **Method and Theory in Historical Archaeology**. Nova York/Londres: Academic Press, 1977.

SOUZA, C. R. D. G. et al. **"Restinda": Conceitos e Empregos do Termo no Brasil e Implicações na Legislação Ambiental**. São Paulo: Instituto Geológico, 2008.

SOUZA, G. F. C. D. **Tratos e mofatras: O grupo mercantil do Recife colonial (c. 1654 - c. 1759)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

SOUZA, R. D. A. E. Arqueologia na Metrópole Paulistana. **Habitus**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 23-44, Jan/Jun 2014.

SYMANSKI, L. C. P. **Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre do Século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

TAVARES JUNIOR, J. R.; CANDEIAS, A. L. B. **Localização de aterros no Recife Antigo, Pernambuco a partir do georreferenciamento dos mapas holandês de 1648, inglês de 1907, da planta de cadastral de 1990 e da imagem HCR-2008**. V Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Petrópolis: [s.n.]. 2013.

TOCCHETTO, F. B. et al. **A Faiança Fina em Porto Alegre: Vestígios Arqueológicos de Uma Cidade**. Porto Alegre: UE/Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA. **Relatório das Pesquisas Arqueológicas do Acompanhamento das Obras de Urbanização do Bairro do Recife, Pólo Alfândega/Madre de Deus**. Universidade Federal de Pernambuco - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Recife, p. 98. 2009.

ZANCHETI, S. M. **O Recife do século XVIII como cidade barroca**. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB0QFjAAahUKEwjouK3bx9bHAhUIig0KHTydDSY&url=http%3A%2F%2Fwww.hospedagem.com.br%2Frevista%2Frbeur%2Findex.php%2Fshcu%2Farticle%2Fview%2F849&ei=JfvIVaiSCIiUNry6trAC&usg=AF>. Data do acesso: 26/01/2015.

ZANETTINI, P. E. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia - Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas**, Curitiba, v. 5, p. 117-130, 1986.